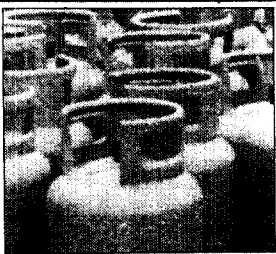


BILHAS DE GÁS:



Estamos a ser ludibriados?

Um problema levantado em Espanha lançou a suspeita relativamente a Portugal: pagarão os consumidores de gás de botija o que não consomem? A Petrogal, citada pela agência Lusa, garante que não. O Instituto de Defesa do Consumidor e a DECO, contudo, querem ver para crer, e guardam a sua posição para breve.

Pág. 12



**RAMOS ROSA
É VENCEDOR
DO PRÉMIO
NICOLA/86**

Pág. 32

Diário de Lisboa

ANO 66

N.º 22 263

Quarta-feira, 14 de Janeiro de 1987

Preço 40\$00

Neve quase chega a Lisboa

TEMPORAL: 30 MORTOS NA COSTA PORTUGUESA

As ruas e os telhados do Porto ficaram esta manhã cobertos de neve e as crianças vieram para a rua brincar com os flocos brancos, tal como acontecera horas antes em Leiria, Rio Maior e Alcobaça. Mas, durante a manhã, o espectáculo da neve desceu do interior a todo o litoral português de Caminha à Figueira da Foz. Este o registo, pela parte lúdica, agradável, do insólito espectáculo que sempre sensibiliza as populações, inclusive os adultos. Pelo contrário, sob o prisma do drama, temos os efeitos do mau tempo na nossa costa marítima: cerca de três dezenas de tripulantes de um navio filipino são dados como mortos, em consequência de um naufrágio ao largo do cabo de S. Vicente, embora continuem as buscas para encontrar possíveis sobreviventes.

Pág. 8



Na ilha de faro, ontem, são visíveis os efeitos do temporal que assolou o litoral algarvio

Detectado numa maternidade de Lisboa

Primeiro caso em Portugal de um bebé com anticorpos da SIDA

Pág. 32



SPORTING: Manuel José "chicoteado"

Era mais do que esperado: face aos maus resultados da equipa, esporadicamente marcados pelo sucesso frente ao Benfica, a massa associativa do Sporting vaiava constantemente Manuel José, colocando-o no «fio da navalha». Pretendia-se uma «chicotada psicológica» e, assim, ontem deu-se a rescisão. O «team» verde-branco ficou interinamente entregue a Marinho, que na foto vemos, no treino desta manhã, ao lado do «capitão» Manuel Fernandes.

Pág. 19

Testemunho do antigo director de «O Trabalhador», jornal da Liga Operária Católica, extinto por acção da PIDE em 1948, acerca da posição da hierarquia da igreja sobre a lei da rádio.

A GUERRA DA RÁDIO RENASCENÇA E A MEMÓRIA DE ABEL VARZIM

António Joaquim Mendes Cerejeira

Quem hoje assiste à reacção do alto clero português, perante a legislação da Assembleia da República sobre a distribuição das frequências de rádio, poderá pensar que o mesmo alto clero sempre terá reagido da mesma maneira, em casos «mais ou menos» semelhantes.

Segundo a minha experiência, não foi sempre bem assim.

Em Janeiro de 1948, um grupo de filiados da Liga Operária Católica (L.O.C.), com o respectivo assistente religioso que era o saudoso Padre Abel Varzim, lançou um pequeno semanário de oito páginas que teve o título de «O Trabalhador».

A Liga Operária Católica era então um dos organismos mais considerados da Acção Católica (A.C.) portuguesa e esta era a menina dos olhos do Cardial Patriarca D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

O pequeno jornal não era órgão oficial da Acção Católica, mas tanto pela origem como pelos objectivos, não era menos próximo da Hierarquia do que o é hoje a Rádio Renascença, considerando os objectivos declarados desta empresa.

«O Trabalhador» queria contribuir para a «elevação» da classe operária (que tão prostrada se encontrava) à sombra da doutrina social da Igreja. Ora esta condenava, no campo económico-social, tanto o comunismo como o capitalismo e o liberalismo económico.

Aqui, como não podia deixar de ser, as estruturas instaladas reagiram, utilizando a força do poder contra os ingénuos que queriam tomar à letra as palavras de Lião XIII, Pio XI e mesmo Pio XII.

Depois de quase descaracterizado por uma censura brutal, «O Trabalhador» desapareceu, por efeito não de um acto positivo de suspensão, mas pela simples retenção, na Comissão de Censura,

de todo o material de redacção destinado ao seu número 26.

«Cerejeira executou sentença de Salazar»

A Hierarquia não buliu.

E, ao contrário do que se passava no tempo de Inquisição, em que o tribunal eclesiástico condenava e o braço secular executava a sentença, aqui o Governo condenou, e Cerejeira executou a sentença.

O P. Dr. Abel Varzim foi demitido, pela autoridade eclesiástica, de Director do Secretariado Económico e Social da A.C. e de Assistente Geral da L.O.C.

Tentando esconder a mão que atirava a pedra, o Cardial Patriarca pediu a comparação, no Campo de Santana, dos quatro elementos seculares da redacção de «O Trabalhador», lamentou a suspensão do jornal, e recomendou que não nos dispersássemos aguardando melhor oportunidade.

Mantivemo-nos unidos e em contacto com as centenas de pessoas que mais directamente nos apoiavam, tentando erguer a S.R.T. - Sociedade Editorial «O Trabalhador». Mas passado algum tempo, confirmou-se o aforismo bíblico: «feri o pastor e as ovelhas dispersar-se-ão».

O P. Abel Varzim fôra nomeado pároco da freguesia da Encarnação, em Lisboa. A sua acção apostólica abrangia com o mesmo zelo todos os habitantes da freguesia, desde uma família ligada à extinta Casa Real até aos mais pobres, aos fadistas e às prostitutas do Bairro Alto. As suas homílias, a que acorria gente de todas as categorias e de toda a cidade, punham a igreja a deitar fora.

De novo o alarme chegou a S. Bento e de novo D. Manuel Cerejeira executou a sentença, destituindo Abel Varzim e indicando-lhe o caminho de Cristelo, sua aldeia natal, no norte do país.

Exílio interno, como outros de que tanto se fala.

«Privaram-me da casa»

Quanto a mim, talvez por me julgarem simples «testa de ferro», nada de extraordinário me sucedeu. Além de me sentir vigiado, durante algum tempo, pela polícia política, apenas fui eliminado do recenseamento eleitoral e privado da casa, no Bairro de Caselas, que entretanto me fôra distribuída e cuja chave cheguei a ter ordem de levantar.

Contrastando com a submissão a Salazar, os bispos levantam-se agora contra a Assembleia da República, e exercem toda a espécie de pressões, por estar em perigo, não o seu inquestionável direito de possuírem uma emissora de rádio mas o crescimento desmedido, megalómano, desnecessário e injusto da empresa Rádio Renascença.

Não olhando a meios psicológicos, reacendem quezílias, ressuscitam velhos fantasmas, pretendem criar um clima de confronto e divisão na sociedade portuguesa, e tudo isto, não para defender um direito, mas para impedir que outros exerçam um direito igual.

Há ainda uma outra questão grave subjacente à posição dos senhores Bispos. Com estas atitudes assumem a Rádio Renascença como seu órgão oficial, como parte importante da estrutura eclesial. Assim, avaliam todas as suas acções e posições e tornam-se responsáveis pelo conteúdo de todas as emissões, desde a constante intervenção política de sentido único, até à frequente transmissão de canções e diálogos de marcada grossaria.

Tornam-se co-autores do escândalo para uns e fautores de divisão para todos.

E como amigo e como cristão católico que digo aqueles que estão metidos nisto de boa fé: cuidado, está a cometer-se um dos erros mais graves da história da Igreja em Portugal.



Gabriela Leocádia
23 anos,

estudante («design» de interiores)

"Meto-me nas coisas por instinto"

Admite que és uma governante poderosa. Que problemas resolverias este ano?

— O problema do emprego e o da habitação.

Coisas que te preocupam pessoalmente?

— Sim. Oxalá, consiga arranjar emprego depois de acabar o curso. Olha eu sou alentejana, mas estou aqui em Lisboa a estudar e a viver porque não tenho nenhuma possibilidade de emprego neste sector lá no Alentejo.

Nada, nada?

— Só em algumas câmaras, como a de Santiago do Cacém. Ouve lá: o «design» também não diz respeito aos equipamentos?

— Sim, mas os equipamentos não me dão oportunidade para desenvolver coisas novas, é tudo muito rígido e muito fixo.

E o «design» de interiores?

— Esse sim, permite-me sair do que é normal e ser criativa.

O «design» será mais uma arte ou mais uma técnica?

— Pode ser uma arte se assim se quiser. A verdade é que qualquer técnica pode ser usada enquanto arte.

O que é que realmente te preocupa, neste mundo?

— Sou sincera: nunca penso muito nisto.

Porquê?

— Não gosto de pensar sobre os problemas, sinto-me melhor desta maneira. Pelo menos não me chateia.

Mas é depois dos problemas surgirem que te recusas a pensar sobre eles ou já tomas essa atitude antes de acontecerem?

— De uma maneira ou doutra.

Quer dizer que te atiras às coisas pura e simplesmente?

— Sim, sem reflectir muito. É claro que algumas vezes arrependo-me a seguir e vejo que fiz mal.

Chegas a ser desastrosa?

— Não. Meto-me nas coisas consoante o que o meu instinto me diz.

Ai é?

— Pois. As coisas ou me soam bem ou me soam mal.

Não ages portanto segundo princípios prévios?

— Não. Por instinto, só por instinto.

Uau!

Os partidos de Esquerda e a democratização — I

Helena Cidade Moura

O facto da Convenção da Esquerda Democrática ter excluído expressamente os partidos na sua organização, está na origem da escolha deste tema, que representa uma preocupação dos últimos anos e que é a base de uma reflexão que temos vindo a aprofundar.

1. Numa sociedade que emerge de quase meio século de uma ditadura que profundamente a atingiu na organização económica, social e cultural, o papel dos partidos políticos sempre mereceria uma análise e uma reflexão empenhadas. Mas acresce ainda, que a institucionalização da nossa sociedade democrática se processa num contexto mundial de Mudança que interfere na organização política dos Estados.

Ao esforço de repensarmos a vida política que, urgentemente, se impôs nas últimas décadas a toda a Europa, nós teremos de juntar o défice que nos advém da falta de hábito de diálogo, do entorpecimento do pensamento crítico, da insegurança individual e colectiva.

Acresce que, passados quase 13 anos, o fazemos hoje sob os efeitos de um poder político obscurantista e esvaziado de conceitos culturais, que dificulta qualquer acção salutar de contra-cultura. Fazemo-lo num contexto de analfabetismo passado e actual, de uma educação mal objectivada, pouco racional, ineficaz ao nível da preparação lógica e da preparação técnica; de um pensamento científico não incorporado nos valores e que deixa lugar ao improvisado e aos rasgos emocionais. Fazemos esta reflexão ainda na ausência de estruturas colectivas que captem as transformações e as aspirações sociais.

Este contexto influi na organização política e é nele que temos de nos inserir, sob pena de construirmos partidos que são estruturas estranhas ao corpo social e que não só não favorecem a ligação do Poder à população, como podem aumentar o vazio social.

2. Para além de instrumentos de sufrágio universal, os partidos devem ter a capacidade de transmitir ao Poder, as exigências que expressam as necessidades, os desejos, as aspirações das populações; devem fiscalizar

a sua satisfação; devem assumir a batalha da aproximação do Poder Político aos Cidadãos. Cabe aos partidos evidenciarem e colmatar, com fidelidade, a clivagem existente e cabe-lhes, ainda, assegurar a filtração das exigências de forma a que ela conduza ao aumento de oportunidades daqueles que têm maior dificuldade de ligação ao Poder.

Este controlo do Poder político, num contexto como o nosso, não pode limitar-se à pia e mal fiscalização parlamentar. Os partidos têm de se assumir também, como variável independente do sistema político, e serem agentes de transformação. A propaganda política e toda a actividade partidária, devem, assim, apelar à acção consciente das massas.

Depois de tantos anos de ditadura, é sedutora a tendência para preencher os esquemas mentais, criados pelo fascismo, com palavreado democrático. A análise do léxico e do discurso político será concertada, em Portugal, muito expressivo desta tentação.

Embora a criatividade do nosso Povo seja uma enorme riqueza nacional, o sistema cultural de que dispomos pode, sobretudo, oferecer ao poder político o chamado **apoio difuso**, que Lapierre ⁽²⁾ define como sendo uma reserva de atitudes favoráveis à autoridade que leva a considerar as decisões políticas como obrigatórias, mesmo quando não satisfatórias. Em Trás-os-Montes, uma senhora do povo explicava a razão da sua escolha: «eu cá voto no governo; a vida está má para todos e para eles ainda pior, coitadinhos». É a crença irracional na legitimidade, fruto privilegiado do obscurantismo.

A democracia cultural tem de ser estabelecida no acto político através da inter-relação dos partidos com a população, é esta a forma mais directa de desencadear uma dinâmica democrática actuante.

Para além disso, os nossos problemas políticos são hoje, também, os problemas europeus e universais. Não será «chauvinismo» pensar que Portugal interveio em momentos decisivos da vida da Humanidade: descobrimos, colonizamos, espalhamos a nossa língua por toda a parte, somos a unidade cultural das novas repúblicas africanas que lutam pela sua transformação. Este sentido universalista da nossa História também se expressou na revolução do 25 de Abril. Também ela veio por problemas universais certos, nos momentos certos. Como seus contemporâneos, somos sucessores da reflexão iniciada e da acção desencadeada; não podemos desperdiçar o cabedal de transformação que foi gerado, temos de o viver com coragem, aculturar-lo e dar-lhe expressão institucional para que a dinâmica transformadora se renove.

Num inquérito feito recentemente, numa pequena sondagem, a uma população experimental escolarizada, com 30 anos de idade, sobre quais as mais profundas mudanças depois do 25 de Abril, verificou-se que estes jovens, que na altura tinham à volta de 17 anos, foram, sobretudo, sensíveis: **à abertura do horizonte individual e à capacidade das pessoas se reunirem para resolverem os seus problemas.** Remetemos para



lugares secundários os conceitos de: liberdade, democracia política, fim da guerra colonial, fim da polícia política, abertura ao estrangeiro, entrada na CEE. Por outro lado, consideram que o que menos se alterou foram as relações de amizade. Esta transformação profunda que leva ao rasgar de horizontes de uma juventude entaída pela guerra colonial e pelo fascismo, num cenário de continuidade afectiva, sem rupturas ainda não foi socialmente expressa. Há um enorme potencial de felicidade colectiva que cumpre actualizar, o que nunca poderá ser feito nem contra, nem sem o Poder.

3. Depois de uma revolução democrática, os partidos da esquerda têm de proceder à estabilização governativa, à democraticidade da vida social e das suas instituições, mantendo vivos e férteis os canais que ligam as populações, enriquecidas por uma mutação social, a um poder político inseguro que tende ao mimetismo do poder derrubado. O grau de independência desses partidos, em relação ao aparelho do Estado, mede o grau da sua utilidade e da inteligência com que colaboram na construção do futuro. A acção dos partidos políticos, neste contexto, é decisiva porque são eles que impõem à sociedade o quadro formal.

A defesa que fazemos de partidos mais flexíveis e mais dependentes dos movimentos sociais do que do jogo do aparelho do Estado, é na intenção de melhor acordar o poder político com a realidade social, não, evidentemente, de afastar os partidos políticos da conquista do Poder.

Isto é: os partidos políticos para desempenharem os seus papéis de coordenadores do sufrágio universal, de geradores de novas elites, de transportadores fiéis das exigências das populações tem, forçosamente, de se colocar fora do sistema, de fortalecer a sua variável independente, reconhecida pelos sociólogos da Política e facilmente captada pelo espectador atento. Por isso, dizemos que os Partidos são importantes agentes de transformação.

A sociedade portuguesa é, neste momento, histórico, um precioso laboratório para aqueles que, como Touraine, observam a sociedade como um sistema de acção ⁽³⁾ cujos actores são definidos pelas orientações culturais e pelas inter-relações sociais. Esta definição tem a vantagem de chamar a atenção para os movimentos sociais não integrados nos partidos e para a importância da especificidade e da complexidade das inter-relações sociais, onde a relação operário-sistema de produção tem importância predominante, mas é

em si um aspecto do relacionamento social. O estudo desta problemática, facilitado por este instrumento teórico e por outros de que lancemos mão, é indispensável para que a esquerda se ponha de acordo sob a forma de prosseguir o processo iniciado como o 25 de Abril. Em todo o caso para me remeter ao meu tema, eu observarei que, ao entrarmos nesta reflexão, fomos convidados a deixar o Partido à porta, no bengaleiro.

Esta é uma observação grave. De facto, os fenómenos de inter-relação têm que ser assumidos na sua verdadeira dinâmica pelos Partidos, e os movimentos sociais não podem ser considerados o folclore da política, nem actividades marginais; eles são, neste momento, o cerne das transformações, e os Partidos não podem continuar a ser estruturas ligadas a uma noção de sociedade que, profundamente, se modificou.

* — Reflexão apresentada na Convenção da Esquerda Democrática, em 14 de Dezembro de 1986. (1.ª parte)

(2) Jean-William Lapierre, *L'analyse des Systèmes Politiques*, Paris

(3) Alain Touraine — *La Voix et le Regard*, Paris, Seuil, 1978; *Sociologie de l'action*, Paris, Seuil, 1965

POLEMICA **PGR E SINDICATO** **RESPONDEM A ZENHA**

A entrevista concedida no passado dia 5 em «DL» por Salgado Zenha, provocou viva reacção nos meios judiciais, partenteada em duas cartas que nos foram enviadas, com pedido de publicação, e nas quais o entrevistado é «desafiado» a apresentar casos concretos que justifiquem as suas afirmações. Aqui ficam os desafios e, desde já, a nossa disponibilidade para publicar a resposta que Salgado Zenha entender produzir.

Em primeiro lugar, a carta recebida do Procurador-Geral da República, dr. José Narciso da Cunha Rodrigues, dirigida ao Director do «DL»:

«Em entrevista publicada na edição de 5 p.p. do jornal que V.Exa. dirige, o senhor dr. Salgado Zenha refere a certo trecho: «Mais: o procurador-geral da República é nomeado pelo Presidente da República mas sob proposta do Governo — e o Ministério Público é fortemente pressionado pelo Governo e não tem independência suficiente hoje em dia para exercer uma acção penal contra membros do Governo».

«Face à gravidade das referidas afirmações, tenho a honra de solicitar a V.Exa., ao abrigo da Lei de Imprensa, se digne determinar a publicação da seguinte resposta:

«1-Nos termos da Constituição e das leis, o Governo não pode dar ao procurador-geral da República ou ao Ministério Público, nem estes podem receber do Governo, ordens, directivas ou instruções sobre o exercício concreto da acção penal.

2-O dever de isenção faz parte do estatuto profissional dos magistrados do Ministério Público e do seu código deontológico.

3-O procurador-geral da República nunca recebeu — nem obviamente aceitaria — pressões deste ou de outro Governo e está seguro que o mesmo sucede com os magistrados que tem a honra de dirigir.

4-As afirmações produzidas pelo senhor dr. Salgado Zenha são gravemente ofensivas da honra e da dignidade de todos os magistrados do Ministério Público.

5-Tendo presente o direito à liberdade de expressão e a sua inerente responsabilidade e propondo-me adoptar os procedimentos que a situação exigir, convido publicamente o senhor dr. Salgado Zenha a indicar casos em que o Ministério Público tenha exercido ou deixado de exercer a acção penal com violação do dever de isenção, nomeadamente por via de alegadas pressões exercidas pelo Governo».

Também o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público tomou posição sobre as declarações de Salgado Zenha. Em carta que nos foi enviada, assinada pelo seu presidente, dr. Francisco Pinto dos Santos, diz aquele Sindicato:

«Em entrevista ao Diário de Lisboa, e publicada em 5.1.87, o sr. dr. Salgado Zenha afirmou que «...o procurador-geral da República é nomeado pelo Presidente da República mas sob proposta do Governo — e o Ministério Público é fortemente pressionado pelo Governo e não tem independência suficiente hoje em dia para exercer

uma acção penal contra membros do Governo».

«O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público tem em grande respeito e admiração a pessoa do sr. dr. Salgado Zenha, como homem e como cidadão, e reconhece que a verticalidade e frontalidade que o caracterizam, em muito podem contribuir para a moralização das nossas instituições públicas.

«Porém, o conteúdo da afirmação acima transcrita é susceptível de gerar na opinião pública uma errada ideia acerca da magistratura do Ministério Público, do relacionamento desta com os restantes órgãos do Poder (incluindo o Governo), e da actuação dos respectivos magistrados, desde a 1ª instância até ao Procurador-Geral da República.

«Para melhor esclarecimento público do assunto, entende este Sindicato deve informar o seguinte:

«O Governo, através do Ministro da Justiça, em matéria penal e processual penal, apenas pode dar ao Procurador-Geral da República instruções de ordem genérica, nos termos do artº 59º da Lei nº47/86, de 15 de Outubro. Não pode assim, o Ministro da Justiça, nem qualquer outro membro do Governo, dar ao Procurador-Geral da República, nem a qualquer outro magistrado do Ministério Público, qualquer instrução de natureza concreta sobre processos-crime em curso nos Tribunais.

«A independência do Ministério Público face ao Executivo tem sido uma das reivindicações fundamentais dos magistrados do Ministério Público, que este Sindicato tem vindo a defender, independência esta que teve consagração legislativa, e que pensamos, em futura revisão constitucional, deve integrar-se no texto da Lei Fundamental.

«O Sindicato dos Magistrados do Ministério Público tem-se mantido atento ao cumprimento do preceito legal acima referido, não tendo tido conhecimento, até hoje, da violação, por parte de qualquer membro deste ou outro Governo, e designadamente por parte dos Ministros da Justiça, da independência da magistratura do Ministério Público em sede de exercício concreto da acção penal. Aliás, e caso tal alguma vez se venha a verificar, não terá este Sindicato a menor hesitação em o denunciar publicamente, e em tomar as medidas que no caso se impuserem (designadamente de perseguição penal) relativamente ao membro do Governo que adoptar uma tal conduta.

«Assim, e caso o sr. dr. Salgado Zenha, ou qualquer outro cidadão deste País, tenha conhecimento de que, no âmbito de um dado processo-crime em curso nos Tribunais, qualquer responsável governamental tenha influenciado ou procurado influenciar a respectiva tramitação ou o seu destino final, apela-se a que do facto seja dado conhecimento a este Sindicato, a fim de proceder criminalmente contra os infractores. Os magistrados do Ministério Público, qualquer que seja o seu escalão hierárquico, não deixarão de assumir, com firmeza, as suas responsabilidades no quadro do exercício da acção penal, seja qual for o cargo que o infractor ocupar no aparelho do Estado».

A C O **MALES** **MULTIPLICADOS** **POR NOVE**

Nuno Ribeiro

Como outras regiões do País, os Açores foram durante anos votados ao ostracismo: como as Beiras, sofreram a emigração, a fuga de mão de obra que procurava no estrangeiro, particularmente nos Estados Unidos e no Canadá, o fim do círculo vicioso das calamidades naturais e das monoculturas; como Trás-os-Montes sofreram do afastamento dos centros de decisão, foram postos à margem dos pólos de desenvolvimento. Mas, como sublinham os açorianos, à soma destes atrasos deve-se juntar a insularidade: um conjunto de nove ilhas que faz a aritmética passar da adição à multiplicação. Então, todos os males passam a ser multiplicados por nove.

«Um dos grandes investimentos que fizemos foi na fixação das populações; durante os primeiros oito anos da autonomia o objectivo foi esse», referiu Alvaro Dâmaso, secretário regional das Finanças.

Fixar população implica dar condições de vida e, num terreno quase virgem, os transportes e as infraestruturas de carácter social mereceram a atenção do Governo Regional.

As obras estão à vista, são mostradas com orgulho, como as primeiras e fundamentais realizações. Aos aeroportos existentes juntaram-se os da Graciosa, de São Jorge, do Pico, e o aeródromo do Corvo, este último com ligação através de um aparelho da Força Aérea. Também novos portos surgiram, outros foram melhorados, e entraram em funcionamento 216 salas de aula para o Ensino Primário e 140 para o Preparatório e Secundário. No campo da Saúde, de acordo com o relatório de execução do Plano de Médio Prazo 1981-84, a Escola de Enfermagem de Ponta Delgada e o Hospital da Horta entraram em funcionamento, e foram criados incentivos à fixação dos técnicos.

Estas opções aparecem, aliás, de forma clara nas estatísticas. Em termos sectoriais, é manifesta a predominância dos Transportes, que absorveram mais de um terço do total gasto, seguidos pela Educação, com 14,7 por cento, a Energia, 10,1, a Saúde, 8,9, a Agricultura, 7,0 e a Habitação, 6,5.

Os indicadores estatísticos apontam, também, para uma melhoria, com a emigração a decair drasticamente a partir de 1975, resultado das me-

lhores condições de vida e das dificuldades que os países de destino colocam à entrada de novos emigrantes, com o Consulado dos Estados Unidos, em Ponta Delgada, a ter, segundo números revelados por fontes contactadas pelo «DL», mas não confirmados oficialmente, cerca de 12 mil pedidos de emigração congelados. Mesmo se este montante fosse distribuído pelos dez anos em apreço, continuaria a registar-se um decréscimo daqueles que pretendem abandonar as ilhas e procurar um futuro melhor.

Outros números apontam, com menos hipóteses de equívoco, uma melhoria das condições de vida, com os partos sem assistência a serem quase nulos, facto a que não será estranho o progressivo aumento do Orçamento da Segurança Social, e um apreciável acréscimo dos alunos matriculados nos diversos graus de ensino.

A fixação da população que se verificou, levou ao florescimento dos sectores produtivos: do leite ao gado exportado, da pesca ao consumo de electricidade, os dados disponíveis apontam para um crescimento.

Mas, por muito grande que sejam, os novos números têm um valor relativo. E, dado o atraso em que se encontravam as nove ilhas, as estatísticas não podem esconder as múltiplas carências.

A comparação que prejudica

«Os Açores favorecem as finanças do Estado», referiu Alvaro Dâmaso, referindo-se às contrapartidas da Base das Lajes. De acordo com o secretário regional das Finanças, e relativamente ao próximo ano, essas contra-

partidas renderão 224 milhões de dólares, dos quais 144 são para ajudas militares, e os restantes inscrevem-se no que denomina como contribuição civil. Destes últimos 80 milhões, só metade é destinada aos Açores.

As mesmas contas são feitas em relação às contrapartidas acordadas com a França para a utilização das suas instalações nas Flores, que rondarão os 500 mil contos, dos quais 300 serão afectados a investimentos na região.

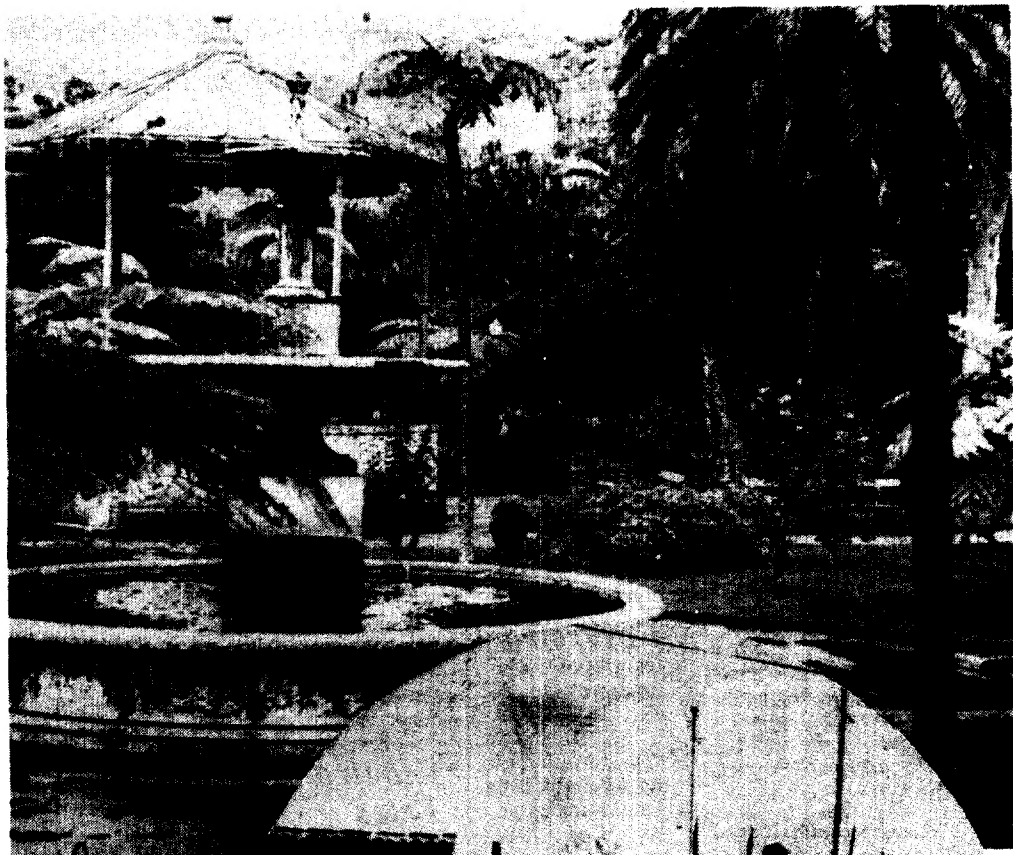
Alvaro Dâmaso sublinhou que o peso das transferências das verbas do Orçamento de Estado para a Região Autónoma têm vindo a decair, e que, para 1987, esse auxílio é apenas de sete milhões de contos.

«A única entidade que cresce 9 por cento é a Região Autónoma dos Açores», enfatizou. «Trata-se de uma injustiça, e não nos parece correcto que se auxilie quem prevarica e se prejudique quem tem uma situação equilibrada, mas foi assim que o Governo propôs à Assembleia da República».

As queixas de quem «tem um Orçamento equilibrado», com um défice que, em 1985, foi de 5,85 milhões de contos, estendem-se também à política fiscal. «Nem todas as receitas fiscais geradas na região alimentam o Orçamento Regional, pois cerca de 50 por cento da actividade aqui desenvolvida é captada no Continente, onde algumas das maiores empresas têm a sua sede». Por isso, uma das reivindicações mais insistentemente ouvidas é a da revisão do sistema fiscal.

Por outro lado, de acordo com dados do Banco de Portugal, no segundo trimestre de 1985, a dívida efectiva da região era de 7,8 milhões de contos, dos quais 5,7 de dívida directa e o restante de dívida garantida.

Assim, as setas dirigidas por Alvaro Dâmaso aos que «prevaricam» aparentam ter como destinatária a Região Autónoma da Madeira. Não hesitando em referir as diferenças entre as duas situações, só a «solidariedade autonómica» impede o aprofundamento da crítica, e os responsáveis regionais esboçam um sorriso quando instados a comentarem se a situação económica da Madeira



Um cenário de sonho, que não pode fazer esquecer as carências: numa região com nove ilhas, os males são multiplicados por nove...

Dez anos de autonomia não apagam as imagens de décadas de centralismo e atraso



suscita generalizações que prejudicam os Açores.

«Critérios são eleitoristas»

«Os nossos investimentos em infraestruturas correspondem ao equipamento necessário para criar condições de vida digna a toda a população numa perspectiva social», sustentou Mota Amaral fazendo o seu balanço de dez anos de autonomia.

Da parte da oposição, embora se reconheça o trabalho realizado, são levantadas algumas interrogações e críticas.

«É inegável que existe algum progresso, conseguiram-se construir infraestruturas fundamentais ao desenvolvimento», referiu ao «DL» Roberto Amaral. No entanto, o deputado renovador democrático à Assembleia da República sublinhou que «falta saber se as estruturas eram as mais necessárias, as mais correctas, ou se se começou pelo mais fácil».

Posição semelhante exprimem os socialistas. Dividindo o espaço de tempo em 10 anos de autonomia e 10 anos de Governo do PSD, Carlos César pretendeu sublinhar as diferenças entre o que era inevitável fazer-se e as opções de futuro, as que se ligam a um projecto.

«Os 10 anos de autonomia representam para os Açores o que os processos de regionalização significaram como esforço de infraestruturização e reforço do Poder Local», sublinhou Carlos César. «Institucionalizada a autonomia, a primeira tarefa era dotar o arquipélago de aeroportos e portos, escolas, estradas e certos equipamentos sociais».

A concordância nestes

pontos não esbate críticas no campo das relações com as autarquias: «o PSD afoga o Poder Local, as Juntas de Freguesia, reforçando as funções das Casas do Povo, que podem ser arregimentadas, e que se transformam num mecanismo de controlo do poder autárquico».

Quanto aos 10 anos de Governo monocolor social-democrata, sob a liderança de Mota Amaral, o balanço é necessariamente diferente. «Só se podem vangloriar daquilo que outro Governo qualquer se poderia, e como não há uma política de desenvolvimento, as infraestruturas não servem para nada». E, observou o dirigente socialista, «nunca os Açores receberam tanto dinheiro do Orçamento de Estado, em média um terço do OE, nem das receitas dos tratados internacionais, e nunca os orçãos de soberania foram tão burros ao não permitirem a adequação dos sistema fiscal pelos órgãos do Governo Regional». É que, continuou Carlos César, «na situação actual, o Governo Regional cobra as receitas desses impostos, adquirindo as vantagens financeiras, e lançando o ónus das injustiças do sistema fiscal para o Governo da República».

Para o deputado à Assembleia Regional do PCP «com 60 milhões de contos em 10 anos, como o Governo Regional dispôs, era difícil não fazer nada, mas não é líquido que a política realizada seja a mais correcta».

Decq Mota considerou que o esforço de infraestruturização era «necessário para evitar rupturas sociais e para ajudar ao desenvolvimento», sublinhando que «esse não é um ponto polémico, mas pode passar a sê-lo na fase se-

guinte, na de desenvolvimento». Este raciocínio baseia-se na afirmação de que «as opções são feitas na base de critérios eleitoristas», e em apoio da sua tese o dirigente comunista sublinhou que o Pico, com uma superfície de 433 km², tem três portos, um por cada concelho, numa exigência eleitoral das autarquias.

As opções de infraestruturização merecem também críticas. «O aumento da pista de S. Miguel em detrimento do ataque a outros problemas, como a habitação, com o saneamento básico praticamente na estaca zero». Outras das realizações visitadas pelos jornalistas, como a marina da Horta, um empreendimento no valor de 500 mil contos, «um investimento de luxo», ou as obras do porto da Praia da Vitória, um velho projecto do tempo de D. Sebastião, segundo Mota Amaral, uma obra de 4 milhões de contos «que só se concebe pelos interesses militares envolvidos», de acordo com Decq Mota, a pensar no abastecimento da base das Lajes, feito por mar, e que não tinha as condições necessárias».

«Pomos em causa também o relacionamento com os grandes empreiteiros, e um dos grandes problemas dos Açores é a corrupção», prosseguiu, sublinhando que o trabalho de uma subcomissão da Assembleia Regional «foi viciado, pois punham anúncios nos jornais a pedir que quem conhecesse casos de corrupção os denunciasse». E, se o resultado, segundo o «DL» apurou junto do vice-Presidente da Assembleia Regional, foi pouco relevante, mas, de acordo com Decq Mota, «a corrupção é popularmente conhecida».

RABO DE PEIXE: QUANDO A CULTURA É QUE PAGA..

«É um problema cultural», dizem os fiéis de Mota Amaral, num discurso vezes sem fim repetido, referindo-se a uma das bolsas de miséria da ilha de S. Miguel, a freguesia de Rabo de Peixe, no concelho da Ribeira Grande. «Os investimentos são canalizados para outras zonas, por motivos eleitorais», contrapõem as diversas oposições ao Governo do Partido Social Democrático, enumerando outros casos como Feijã de Baixo, Água de Pau e o bairro dos pescadores na Lagoa.

Para além das frases, o «DL» foi a Rabo de Peixe, «terra de boa gente», como nos dizia um dos funcionários do hotel, terra de enormes carências e problemas sociais, como constatou o relatório da Comissão Permanente para os Assuntos Político-Administrativos da Assembleia Regional, que em Setembro passado visitou as «zonas deprimidas».

O verde da erva, presença constante em toda a ilha, que acompanha os acidentes do terreno até aos abismos sobranceiros ao mar, quase que desaparece à entrada da freguesia de Rabo de Peixe.

O contraste das cores deixa de ser aquele a que, ao longo de cinco dias nos habituámos, e passa a estar marcado pelo azul do mar e pela cor parda, sem alegria, do casario, apesar das portas e janelas terem, como é costume nos Açores, vivos de cores garridas.

Algumas casas recentes, mas degradadas, dispõem-se paralelamente à margem de mar que os olhos podem observar e terminam num cruzamento, Igreja à direita, e num labirinto de ruas e casas a procurar as mais diversas direcções.

À esquerda, o resto de uma rua que foi de passeio, desemboca num caminho de terra, por onde dezenas de crianças, com os pés descalços, deixam as suas impressões no terreno ainda amolecido pela chuva matinal.

E domingo, e às ombreiras das portas, grupos de ho-

mens, mulheres e crianças acompanham o desviar possível dos buracos, as manobras de recurso. Jovens sorriem para o repórter, num jogo ambíguo, numa observação constante, mostrando surpresa e afabilidade. O turismo aqui não é conhecido, as visitas dos jornalistas não estão previstas, e ninguém recomenda nos itinerários da ilha Verde, o mergulhar em Rabo de Peixe, porto de pesca artesanal, marcado pela sazonalidade da actividade, pelo alcoolismo, pela escassez do abastecimento de água, pela promiscuidade.

Símbolos do poder regional estão ausentes, e a bandeira nacional era a única a estar hasteada naquela manhã na Casa do Povo. Um «Eanes» marcado a branco numa parede de pedra, e um «Vota PS» desenhado noutro muro, foram as únicas referências políticas que encontramos numa freguesia que vota PSD. Ausentes estão as pinturas «turísticas» da FLA, porque ali autonomia é conceito sem proveito, e do separatismo, vive-se o quotidiano do esquecimento.

Viver em balneários públicos...

«Os homens têm uma actividade sazonal e não querem ir para outras actividades». Desta forma simples, que não esconde o embaraço, um funcionário do Governo tinha-nos resumido, dias antes, a questão. No entanto, apesar dos pescadores ficarem cinco a seis meses sem trabalho devido às condições do mar, com um assoreamento da baía do porto piscatório a atingir, em algumas zonas, os dois metros, Rabo de Peixe é, segundo os números oficiais, o quarto porto de pesca dos Açores, com 874 toneladas de pescado descarregado em 1985, e o segundo de S. Miguel.

O discurso padronizado não resistiu à curiosidade nem, paradoxalmente, aos números oficiais e ao relatório da

Assembleia Regional...

Num capítulo dedicado ao concelho da Ribeira Grande, Rabo de Peixe é considerada uma «ilha» dentro da zona. «O abastecimento de água é dramático: a população ali residente apenas dispõe de água a determinadas e poucas horas do dia», num problema que não afecta apenas aquela «zona deprimida» mas, segundo a Imprensa local, atinge também o concelho de Ponta Delgada, onde, de acordo com análises oficiais dos Serviços Municipalizados, «apenas a água consumida na freguesia de Capelas é considerada bacteriológicamente pura».

A habitação, cuja degradação é evidente a «olho nú» é um dos mais graves problemas e, de acordo com o relatório, «a Comissão foi informada pela Câmara que a Secretaria Regional dos Assuntos Sociais nada faz, e a Secretaria Regional do Equipamento Social, afirma nada ter com isso». Mas, como escreve no parágrafo imediato o relator «apesar de tudo, o bairro está a cargo do Fundo da Gestão Financeira da Segurança Social...».

A descrição contida no documento da Assembleia Regional é facilmente confirmada por uma visita: há 20 ou mais pessoas nas casas cubículos, que apenas devem servir 3 ou 4, há casos em que vivem no mesmo quarto 10 pessoas, e é comum que três casais, com os respectivos filhos, se encontrem acomodados em três exíguas divisões. «A Comissão constatou com surpresa que existem duas famílias, com crianças em tenra idade, a viver nos balneários públicos, e é também nesta localidade onde se acentuam os problemas do alcoolismo e da promiscuidade», refere o texto, sublinhando que «há crianças que passam fome, por os seus progenitores não terem que comprar mantimentos».

Quando os problemas são culturais, é assim que se vive...

N.R.

Reunião em Belém com Pinto Machado

SOARES PREPARA NOMEAÇÃO DE NOVO GOVERNADOR PARA MACAU?

Mário Soares recebeu esta manhã, no palácio de Belém, o Governador de Macau, prof. Pinto Machado, a quem terá demovido do pedido imediato de demissão do cargo para que foi nomeado há cerca de oito meses. Instado do pelo DL a confirmar a realização do encontro, o Gabinete de Imprensa da Presidência da República começou, estranhamente, por referir que da agenda do PR para esta manhã nada constava para, mais tarde, nos indicar que o PR tinha recebido Pinto Machado em «reunião normal de trabalho».

Para além da questão do «redescoberto» acordo de 1979 sobre Macau, assinado em Paris por Coimbra Martins e Han Kehua, respectivamente embaixadores de Portugal e da China, e das negociações em curso sobre a transferência do território, Pinto Machado terá abordado com Mário Soares problemas relativos à administração macaense, nomeadamente as pressões e negócios de diferentes e opostos «lobbies» ali instalados. Notícias recentes dão conta do isolamento e ultrapassagem

do próprio Governador, com reflexos no próprio Executivo macaense, onde pontificam representantes dos diferentes «lobbies». Afirma-se, concretamente, que Nuno Delerue, por um lado, e António Vitorino, por outro, seriam pólos das divisões no seio da nova administração de Macau.

Recorde-se que, escassas semanas depois da sua chegada, Pinto Machado acordou a concessão do jogo de Macau com Stanley Ho permitindo à sua STDM (Sociedade de Turismo e Desenvolvimento de Macau) a

respectiva exploração até ao ano 2005, ou seja, para além do prazo que Pequim pretende para a transferência definitiva do território.

Estranharam ainda os dirigentes chineses a anunciada criação de uma Fundação em Paris (e não em Portugal...) com dinheiros provenientes de Macau. O responsável da Fundação (que canaliza avultados fundos de Stanley Ho) é Carlos Monjardino, antigo quadro do grupo Espírito Santo em Paris (antes do 25 de Abril) e em Nova Iorque e que voltou a Lisboa com a reconstituição do grupo. Monjardino, que esteve ligado ao MASP — o que, aparentemente, lhe facilitou a nomeação para o Executivo macaense — seria agora um dos homens da confiança de Mário Soares com um importante papel na preparação, em matéria de fundos, da candidatura do actual PR. Admite-se por isso em Macau que, dado o «isolamento» do

actual Governador, Monjardino poderia vir a ocupar o cargo de Pinto Machado.

Monjardino surge, entretanto, prejudicado pelas notícias provenientes de Espanha e que dão conta do envolvimento de funcionários do Grupo Espírito Santo no tráfico de divisas e poderá ter, por outro lado, de enfrentar concorrentes igualmente bem colocados para a sucessão de Pinto Machado, tais como Silva Pinto e Gomes Mota, dois dos mais destacados membros da candidatura de Soares a Belém ou eventualmente de um general com o perfil adequado (Lemos Ferreira?).

Fonte macaense considerou para o DL que da audiência desta manhã, em Belém, poderá surgir o acordo de Pinto Machado em renunciar ao cargo logo após a assinatura do acordo entre Portugal e a China para a transferência de Macau, previsto para Maio próximo.

Jornadas do Partido socialista

A bancada do PS leva a efeito nos dias 23 e 24 deste mês as VIII jornadas parlamentares. Em análise estará o funcionamento da Assembleia da República e a discussão das iniciativas legislativas do grupo nos próximos meses.

Gestão hospitalar em Fevereiro

Os grupos parlamentares do PS, PRD e PCP entregaram já na Mesa do plenário da Assembleia da República os pedidos de ratificação do decreto-lei sobre gestão hospitalar. Segundo o «DL» a apurou, apesar de se requerer a urgência, o debate só deverá ocorrer no início do

próximo mês pois a agenda dos trabalhos está completamente preenchida até dia 30.

Camarate: inquérito atrasado

Não deverá estar pronto até dia 22 o relatório da Comissão Eventual de Inquérito ao acidente de Camarate. Isto porque, revelamos uma fonte parlamentar, o tempo é pouco para se conseguir coordenar todo o material existente. O relatório, que não conterá conclusões, apontará, no entanto, para a tese do acidente.

Ribeiro Teles apresenta.

O deputado independente Ribeiro Teles apresentou ontem o seu projecto de regionalização. O articulado do diploma contém 70 arti-

gos que definem o quadro em que se devem inserir as oito regiões propostas: Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Litoral Atlântico, Beira Alta, Beira Interior, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve.

...e PS avança hoje

Sobre o mesmo tema — regionalização — prepara-se o PS para ir hoje entregar em mão o seu projecto aos restantes grupos parlamentares, enquanto o PSD divulgou as suas propostas numa conferência de imprensa dada à hora do fecho da nossa edição. Recorde-se que, amanhã, é o último dia do prazo estabelecido pela comissão parlamentar de Poder Local para a apresentação de propostas sobre esta matéria.

Mário Soares desloca-se à URSS a convite do Soviète Supremo

O embaixador da União Soviética em Lisboa, Valentin Vdovine, revelou ontem em Lisboa que o chefe do Estado português, Mário Soares, visitará ainda este ano Moscovo. Em conferência de imprensa, Vdovine recordou que Soares se deslocará à URSS a convite do Presidium do Soviète Supremo.

Na reunião com os jornalistas, o chefe da missão diplomática soviética fez o balanço das iniciativas do seu país, em 1986, com vista ao desarmamento nuclear. Sobre este tema, o diplomata disse que «já terminou o tempo que a Humanidade dispõe para enfrentar o perigo da sua extinção», considerando todavia ser «possível, e necessário», chegar-se a um acordo sobre desarmamento, nomeadamente com a administração Reagan.

Ao falar sobre o escândalo Irangate, Vdovine considerou não ser isso «um obstáculo ao prosseguimento das conversações entre a União Soviética e os Estados Unidos já que se trata de um assunto dos americanos, que a eles compete resolver». «Estamos prontos a prosseguir conversações plenas sobre desarmamento e, na prática, estamos a fazer isso», declarou Vdovine, lamentando embora que as conversações de Genebra «estejam a marcar passo pelo facto de a parte americana querer distanciar-se muito do que foi acordado em Reiquejavique».

Interrogado acerca da proposta soviética à Iniciativa de Defesa Estratégica norte-americana («guerra das estrelas»), o embaixador respondeu que a URSS «está a elaborar a sua própria iniciativa de defesa estratégica» e que esta será «bastante mais

económica, mais rápida e mais eficaz» do que a dos Estados Unidos. Acerca da política africana, o diplomata disse que a URSS é a favor da implementação imediata da resolução da ONU sobre a independência da Namíbia e de sanções globais contra a África do Sul.

Valentin Vdovine falou também da ameaça internacional que é o terrorismo e disse que o seu país é favorável à criação de um sistema de segurança internacional para impedir o fenómeno. Segundo o diplomata, a URSS deseja a criação de um comité executivo das Nações Unidas para organizar uma conferência, tendo em vista a regularização das questões do Médio Oriente.

O chefe da missão diplomática soviética resumiu as iniciativas do seu país em favor do desarmamento durante o ano internacional da paz, dizendo que o Moscovo defendeu não só os seus próprios interesses em questões de segurança, como ainda os interesses dos seus amigos aliados e de todos os outros países, incluindo os Estados Unidos. Vdovine considerou entretanto desejável que «terminem as ingerências externas no Afeganistão», de modo a que o processo de paz, já iniciado com a retirada de regimentos soviéticos, possa prosseguir.

Daqui a trinta dias

Afixação de cartazes vai ser condicionada

O Parlamento aprovou ontem na generalidade um projecto de lei do PSD que condiciona as colagens de cartazes de publicidade ou de propaganda nas paredes bem como a inscrição de pinturas murais.

A votação registou os votos favoráveis do PSD, PS, CDS e 13 deputados do PRD; votaram contra o PCP, MDP e 13 renovadores e abstiveram-se a deputada de «Os Verdes», Maria Santos, e nove renovadores. Este projecto vai baixar agora, durante 30 dias, à Comissão de Assuntos Constitucionais para sofrer alterações na especialidade.

Mas ontem, e certamente nos próximos tempos, era ainda tema importante nos bastidores da Assembleia da República a questão da Lei da Rádio. Destaque para a serenidade com que os deputados da maioria que aprovou o diploma falam de todo o processo, contrastando assim com o tom que lhe tem sido imprimido noutras áreas. É aguardada com expectativa a reunião que a sub-comissão parlamentar de Comunicação Social tem hoje com a Direcção dos Serviços Radiodifusão e que certamente porá em confronto informações contrárias, nomeadamente, quanto ao número de frequências de que dispõe tanto a RDP como a Renascença.

Por outro lado, e segundo apuramos, «não tem valor

jurídico» o princípio recentemente invocado pela administração da RDP segundo o qual a impugnação dos efeitos do despacho de atribuição das frequências teria caducado uma vez que passou um ano sobre a data em que foi proferido. Isto porque, segundo uma fonte parlamentar, «nos termos do referido despacho nenhum direito foi constituído na esfera jurídica de alguém». Nesses termos, prossegue a mesma fonte, «a constituição originária de direitos só se fará nos termos da lei aprovada na Assembleia da República». Não se trata, portanto, de impugnar o despacho, mas tão só de regular efeitos que esse despacho não tinha capacidade de produzir.

De realçar ainda que a recente alteração às

atribuições do Conselho da Rádio (a que o «DL» já fez referência na sua edição de dia 7) retira todos os argumentos aos que vinham acusando o diploma de conter inconstitucionalidades. Essa alteração, que confere ao parecer do Conselho da Rádio a faculdade de ser prévio e obrigatório e não vinculativo (como na anterior redacção), foi sugerida pela assessoria jurídica da Assembleia da República e aprovado por consenso de todos os partidos na comissão de Assuntos Constitucionais.

Violência no desporto
Entretanto, e na sessão propriamente dita, a Assembleia da República debateu uma Convenção que visa pôr cobro à violência e excessos dos espectadores por ocasião das manifestações desportivas. Este texto que foi assinado pelo Estado português em 4 de Setembro de 1985 a partir de uma proposta elaborada pelo Conselho da Europa, será votado na próxima quinta-feira. Aí se propõe «garantir a mobilização de forças da ordem suficientes para fazer face» a situações de violência tanto nos estádios desportivos como nas suas imediações.

Cavaco afirma no Cadaval que a crise está ultrapassada

O Primeiro Ministro, Cavaco Silva, foi ontem ao Cadaval inaugurar uma casa do povo e aproveitou para dizer que em Portugal «a crise está definitivamente ultrapassada» e vive-se actualmente «um clima de confiança e de esperança no futuro». Disse, a propósito, que durante os primeiros dez meses de 1986, o investimento na agricultura em Portugal teve um aumento três vezes maior do que em relação a 1985.

«Isto é uma resposta aos profetas da desgraça e uma prova de que os portugueses sabem responder quando é preciso», salientou o chefe do executivo, acrescentando que «acabou a descrença e a apatia e o Governo tem vindo a otimizar os poucos recursos nacionais com vista a resolver os problemas existentes e sobretudo das populações mais carecidas».

Cavaco Silva apontou as potencialidades agrícolas de Portugal, e em particular do concelho do Cadaval, e disse ser preciso que os jovens se fixem à terra, pois «têm mais a ganhar do que se deslocarem para fora do País ou tentarem a sua sorte junto às grandes cidades do litoral português».

A intervenção de Cavaco Silva foi também pretexto para um ataque à «agricultura colectivista» e para atacar a oposição devido sobretudo à recente decisão parlamentar

CONSENSO NO PAÍS É MAIS IMPORTANTE QUE O PARTIDÁRIO

— defende Luís de Sá (PCP)

«Mais importante que o consenso entre os partidos é criarem-se condições para um consenso no País», considerou em Coimbra, Luís de Sá, membro do CC do PCP, ao abordar o tema regionalização, num debate organizado pela Faculdade de Economia daquela cidade.

Responsável no PCP pelo departamento de Poder Local, Luís de Sá contestou ainda críticas de outros partidos relativamente ao projecto de regionalização apresentado

pelos comunistas, frisando que o objectivo do seu partido «não é de transformação do distrito em região».

Segundo Luís de Sá, «o sentido fundamental da pro-

posta do PCP é de partir de uma divisão administrativa conhecida, os distritos, e permitir, numa segunda fase, que as assembleias municipais se pronunciem sobre as regiões a criar».

O dirigente comunista informou que os projectos de regionalização devem ser entregues pelos partidos até amanhã, dia 15, na Assembleia da República, decorrendo até 15 de Março uma pri-

meira consulta às Assembleias Municipais. Seguir-se-á o referendo orgânico — uma segunda consulta, já de carácter vinculativo, às mesmas assembleias.

Quem decide?

Para Luís de Sá, «a grande divergência de opinião quanto à regionalização é de se saber se são as populações

que decidem ou se se pretende impôr uma determinada divisão tecnocrática».

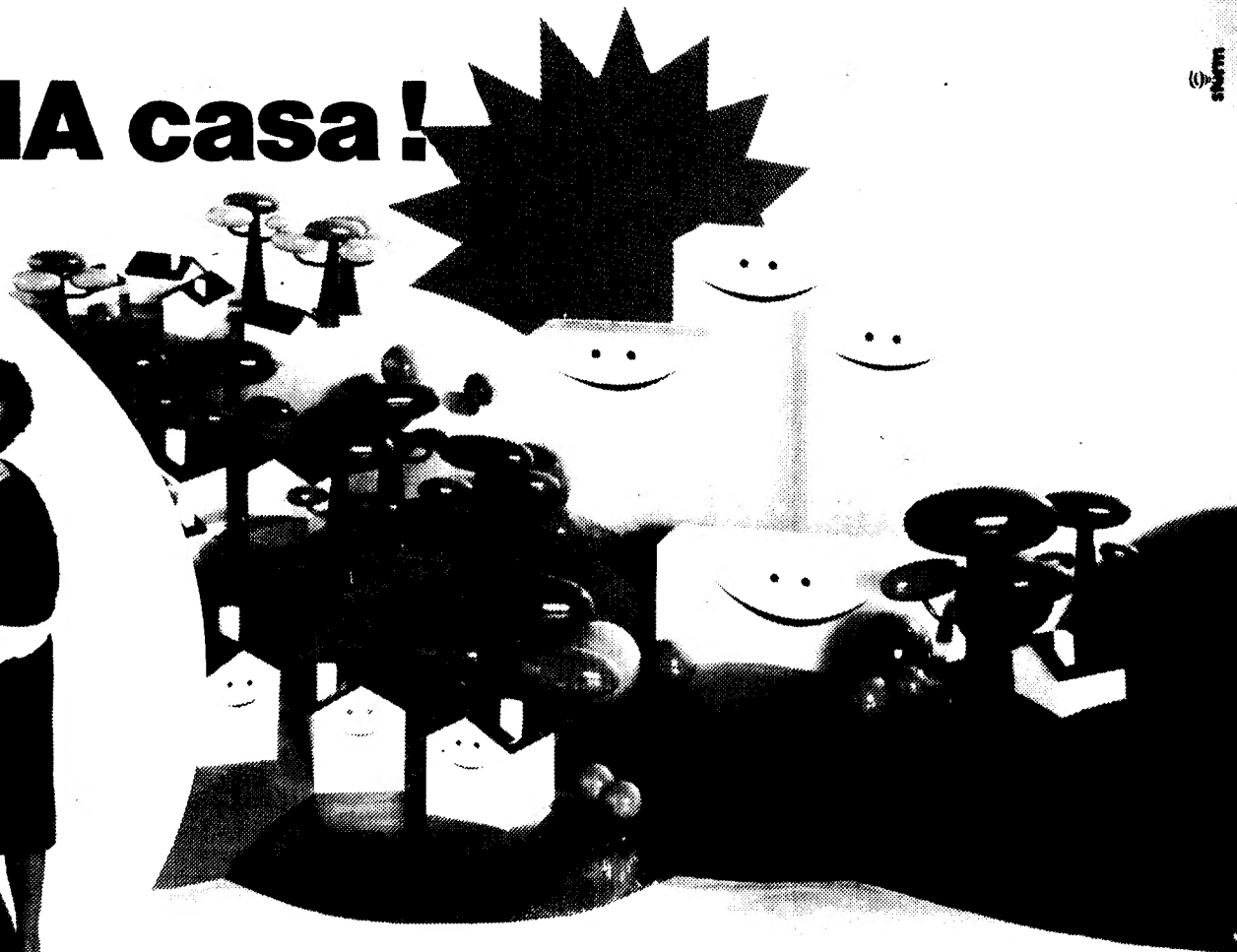
«Não queremos — acrescentou — regionalização para descentralizar o Governo e criar vários Terreiros do Paço espalhados pelo país. O que pretendemos é descentralizar e não desconcentrar serviços».

Interrogado sobre o risco da «unidade do Estado» com

a criação das regiões administrativas, Luís de Sá sublinhou que «a unidade do país cria-se pela democratização e pelo aprofundamento da participação das populações».

O debate promovido pela Faculdade de Economia de Coimbra teve já a participação de Vítor Constâncio e, depois de Luís de Sá, seguir-se-ão o PRD (Carlos Lilaia), o PSD, CDS e o MDP.

Moro na MINHA casa!



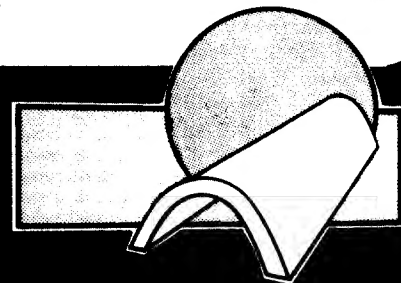
Ensaieiros o discurso directo. A si! A história conta-se em poucas palavras. Um homem — e a sua família — andavam à procura de casa. Como sempre, surgiram os amigos dos conselhos brilhantes: "porque é que não vais morar para a casa da Mariquinhas?" foi a receita de um fadista. "Já experimentaste comprar uma casa na pradaria?" perguntou-lhe um fanático da TV, enquanto o Zé Manel Moitinha, crítico literário, lhe sugeria a casa grande de Romarigães. Apareceram, ainda, um físico — a advertir que não há casas sem efeitos — e um bombeiro que se pôs à disposição em casa de emergência. No sexto dia, um publicitário aconselhou-o a ir morar para a casa do casaco e, entusiasmado, foi registar a sua genialidade na Sociedade Portuguesa de Autores...

Cansado de tanta boa vontade, o chefe de família teve uma conversa com a sua cara metade e contou (com) o número dos filhos de que tanto gostam. No dia seguinte, à hora de almoço, foi ao Banco informar-se das condições em que poderia comprar casa — a sua, à sua medida. Deram-lhe todos os pormenores. Para ele — esclareceram — o empréstimo poderia ir até 90 por cento do valor da casa! Falaram-lhe do novo sistema de Crédito à Habitação. E das vantagens do novo sistema de crédito bonificado: o valor da habitação a adquirir é

determinado pela sua localização e pela dimensão do agregado familiar; o acesso aos escalões de bonificação resulta de uma relação do rendimento anual bruto com a dimensão da família; o método de cálculo e a taxa de crescimento anual das prestações serão compatibilizados com a política de actualização dos rendimentos. Esclarecido — e convencido — teve uma conversa com a mãe dos filhos dos dois. O novo sistema de financiamentos tinha acabado com o antigo regime, que instituiu um valor homogêneo para todas as habitações abrangidas pelo crédito bonificado. Antes, não se atendia à dimensão das famílias. E a importância do espaço vital. Agora, eles poderiam comprar uma casa maior. Mais tarde, os filhos iriam estudar melhor. E ir mais. E fazer perguntas diferentes... Os pais, para variar, estariam menos agressivos. A família iria unir-se, paradoxalmente, com mais uma divisão...

E a nossa história acaba aqui. Aliás, em boa verdade, é aqui que ela começa. O homem de que estamos a falar voltou ao Banco. Tratou de tudo e comprou. Isto passou-se há poucos dias. A família só vai mudar-se no princípio da Primavera. No entanto, como tínhamos que fazer este anúncio, antecipámos o título. É rigorosamente verdade que ele foi morar para a casa dele!...

É bom morar em Portugal!



Há um novo sistema de crédito à habitação. Informe-se no seu Banco.

Arrastão espanhol também esteve em perigo

TRIPULANTES DE BARCO FILIPINO AINDA NÃO FORAM LOCALIZADOS

Vagas chegaram a atingir dez metros na costa algarvia

As buscas aéreas e navais para localizar os cerca de trinta tripulantes do cargueiro filipino «Testa Rossa» que ontem, à tarde, se afundou ao largo do Cabo de S. Vicente, continuavam esta manhã. Na operação estão envolvidos diversos meios de salvação, a mais de 160 milhas daquele cabo, na esperança da sua eventual localização e recuperação.

A corveta «Jacinto Cândido», da Marinha portuguesa, encontra-se desde o princípio da madrugada no local do afundamento. Meia hora depois de ali ter chegado (às 2 e 30) comunicou ao CNC (Comando Naval do Continente) a assinalar que prosseguia as buscas, até então infrutíferas.

As informações sobre a situação dos trinta tripulantes do «Testa Rossa» eram, ontem à tarde, ligeiramente desconhecidas. Enquanto um informador do Centro Operacional da Força Aérea, citado pela Lusa-NP, adiantou que um «C-130» havia localizado um dos seus tripulantes, o Comando da Zona Marítima do Sul, também citado pela mesma agência, garantia que até meio da tarde não haviam sido avistados quaisquer sobreviventes. É esta a situação prevalente, isto é, ainda nenhum dos tripulantes foi encontrado.

Um outro barco esse espanhol, passou por dificuldades devido ao temporal no mar algarvio, cujas águas galgaram, violentamente, as barreiras dunares da ilha de Faro. A ondulação do mar algarvio atingiu ontem cerca de dez metros na zona de Sagres, mas amainou nas últimas horas. O mesmo sucedeu em Cascais, tendo a barra de Lisboa sido reaberta.

Novos elementos sobre a operação de salvamento

Esta manhã saiu do Montijo um «C-130» da Força Aérea para colaborar nas buscas do navio, onde se encontravam cerca de três dezenas de tripulantes. O «Testa Rossa» transportava minério de ferro para Antuérpia. Os representantes da companhia proprietária desconheciam o número correcto de tripulantes, que deveria situar-se entre os 26 e os 30 homens.

Ontem à tarde foram avistados salva-vidas do «Testa Rossa», dois dos quais com homens. Esta manhã, as vagas na zona do acidente eram de cerca de cinco ou seis metros, o que é um valor alto para a costa ocidental portuguesa.

Divergências sobre tripulantes

Eram 13 horas quando o «Testa Rossa» se afundou. «Não foram avistados quaisquer sobreviventes do «Testa Rossa», disse o comandante Vieira Coelho, que adiantou estar também naquela zona em dificuldades o arrastão espanhol «La Claridad».

Sobre este último barco, o comandante Vieira Coelho sublinhou que já não se encontra em perigo

de naufrágio, estando «tudo sob controlo».

O arrastão espanhol foi apoiado por algumas embarcações que navegavam na zona, tendo partido também em seu auxílio a corveta da Marinha de Guerra «Jacinto Cândido», de que acima se fala.

Também se admitiu que um terceiro navio estivesse ontem à tarde, em dificuldades, ao largo da costa algarvia. Chegou mesmo a correr a informação de que se trataria de uma embarcação italiana. Afinal, os receios não tinham fundamento. São só dois, — o «Testa Rossa» e o «La Claridad» — os navios sinistrados no Sul de Portugal, ao largo do Cabo de São Vicente, rectificou um informador oficial.

Inicialmente, tinha sido dada a informação de que três navios (um filipino, um espanhol e um terceiro não identificado) estariam em dificuldades, devido ao mau estado do mar.

A ondulação do mar algarvio, era menos violenta, esta manhã: as vagas desciam de dez para seis metros, menos um que ontem em Lisboa (razão por que a barra foi fechada aos pilotos, em Cascais). Ondas de três metros registou hoje a barra de Olhão, contra os quatro ao meio-dia de ontem. A capitania do porto de Faro, considerou normal a situação, hoje, na capital algarvia, sucedendo apenas que os barcos pequenos da pesca artesanal não têm saído, enquanto alguns arrastões o têm feito sem que até ao momento se tenha verificado qualquer ocorrência anómala.

Segundo o Serviço Meteorológico, de Faro, o vento atingiu ontem durante a manhã velocidades de 65 quilómetros/hora, abrandou ao princípio da tarde e a tendência é para um ligeiro aumento.

O arrastão espanhol «La Claridad», como atrás se diz, esteve ontem, em perigo, com água aberta, a duzentas milhas ao largo do Cabo de S. Vicente, mas já se afastou. Em frente ao Cabo da Roca, foi, por seu turno, recolhido o engenheiro de máquinas da RDA, Egon Thursich, do navio «Beerberg», que se encontrava em estado grave e ontem mesmo foi operado de urgência no Hospital de Santa Maria. Egon Thursich foi transportado ao HSM, com uma perfuração no estômago, por um helicóptero «Puma», da Base Aérea do Montijo.



O temporal no Algarve constituiu espectáculo para a juventude

Seis graus negativos em Bragança e Guarda

Leiria e Rio Maior: a neve traz festa

Um grau (positivo) em Lisboa: o dia mais frio deste Inverno

A maioria das pessoas de Leiria e de Rio Maior não tinham memória do branco da neve a cobrir os seus campos, a atapetar as suas ruas e estradas. A surpresa entrou-lhes, madrugada adentro, nos seus hábitos, através de um espectáculo de que alguns só tinham ideia pela Televisão e outros já apreciavam na Estrela. A neve trouxe, esta manhã, a festa aquelas duas cidades separadas entre si por menos de trinta quilómetros, cujas crianças brincaram à ida para a escola.

Foi um facto insólito e inédito para a maioria dos habitantes de Leiria, esse manto de neve que, pela calada fria da madrugada, cobriu as suas ruas com flocos abundantes. Muitos populares vieram para a rua, acontecendo o mesmo no Ribatejo, concretamente em Manique do Intendente, no concelho de Azambuja.

A novel cidade de Rio Maior apresentava, esta manhã, o mesmo espectáculo, como atrás se diz, assim como a vila de Alcobaça, onde há cerca de vinte anos não era vista neve com tanta intensidade. Apesar do frio e da hora tardia, muita gente saiu para a rua, para ver o «fenómeno».

As reacções, para além das crianças que aproveitaram o facto para «patinarem» na neve, são idênticas em todos os centros onde a neve caiu: spanto, surpresa e frio. «Há cerca de seis anos também nevou, mas menos intensamente», disse um dos moradores da zona alta de Leiria, cidade que hoje acordou vestida de branco.

Por causa da neve, como é costume nesta altura da época, encontram-se interrompidas as ligações rodoviárias entre a Covilhã e Seia, na serra da Estrela. O troço bloqueado pela neve situa-se entre o vale de Santo António e o Sabugueiro, no maciço central da serra. Os acessos à serra da Estrela pela Covilhã e Manteigas estão transitáveis, apesar de haver neve e gelo nos locais mais abrigados.

Vaga de frio: mais quatro dias

A vaga de frio que se abateu hoje sobre Portugal, onde as temperaturas mínimas, relativamente a terça-feira, descenderam em média 8 graus, deverá prolongar-se por mais quatro dias.

Em sete capitais de distrito (Viana do Castelo, Guarda, Vila Real, Bragança, Porto, Coimbra e Portalegre) as temperaturas mínimas descenderam abaixo dos zero graus. Em Viana do Castelo, onde à meia-noite caíram aguaceiros de neve, a temperatura mínima registada hoje foi de 3 graus negativos, o que representa uma descida de 12 graus em relação à mínima de terça-feira.

O recorde do frio pertence, contudo, a Bragança, onde os termómetros descenderam a seis graus negativos, seguindo-se Portalegre e Porto, ambas com menos quatro.

No Porto e Coimbra, a temperatura mínima foi de dois graus negativos. Em Évora e Beja os termómetros descenderam aos zero graus. Faro ficou-se pelos cinco.

Lisboa registou durante algumas horas a temperatura de 1 grau positivo, a mais baixa deste Inverno na capital, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG). De acordo com aquele organismo, o frio, que tem atingido tão intensamente toda a Europa, vai continuar em Portugal durante alguns dias.

Operário angolano vitimado

em estaleiros do Funchal

Faleceu esta manhã no hospital central do Funchal um operário calafate de origem angolana que ficara gravemente queimado num incêndio deflagrado ontem à tarde no maior atunheiro da Madeira. Isac Fernando Abreu Chulata, de 21 anos, de idade, trabalhava nos acabamentos do atunheiro «Eira», em reparações nos estaleiros de São Tiago, quando reparou que havia fumo saindo do porão.

Avisou os seus colegas e foi verificar o que se passava quando se viu rodeado pelas chamas. Presume-se que as consequências mortais do pequeno incêndio, logo debelado pela corporação de bombeiros do Funchal, se deveu ao facto de o porão se encontrar revestido de esferovite para instalação de uma câmara frigorífica. Nas proximidades do «Eira» encontravam-se outros atunheiros, um navio científico e iates de cruzeiro. Mas se prejuízos materiais não se chegaram a registar com maior gravidade, o calafate Isac Chulata foi a vítima a lamentar num acidente que não indicava tal desfecho pelas suas proporções diminutas.

O atunheiro seria lançado à água dentro de semanas.

Atirou ácido sulfúrico à cara dum agente da PSP

Ao ser acompanhado sob prisão por três agentes da PSP, na sequência de um conflito familiar registado na sua residência na Rua do Alívito, em Lisboa, um indivíduo apenas referenciado pelo nome de Diamantino, lançou ácido sulfúrico sobre um deles, provocando-lhe graves queimaduras na cara que obrigaram ao seu internamento no Hospital dos Capuchos. O ácido arremessado por Diamantino causou ainda queimaduras nas fardas dos dois outros agentes e estragos numa metralhadora.

Guarda de fábrica morreu em Beirolos

Joaquim Carvalho, guarda-nocturno de uma fábrica situada nas proximidades de Beirolos, apareceu morto no seu posto de trabalho, na madrugada de anteontem, não existindo, contudo, segundo a Polícia Judiciária, suspeitas de crime. Refere a PJ que a morte de Joaquim Carvalho, cujo cadáver recolheu para autópsia ao Instituto de Medicina Legal, em Lisboa, ocorreu em «circunstâncias aparentemente normais».

Jovem suicidou-se no Douro acenando num adeus às pessoas

Um jovem de 22 anos, Rodrigo Queirós Guedes, suicidou-se ontem atirando-se da ponte sobre o rio Douro, na cidade de Peso da Régua, Vila Real. Rodrigo Guedes, natural de Peso da Régua, solteiro, animador de uma discoteca local, lançou-se à água acenando em jeito de despedida às pessoas, que, atônitas e impotentes, assistiram ao acto.

Os Bombeiros Voluntários da Régua continuavam esta tarde a procurar o corpo que desapareceu rapidamente nas águas gélidas do canal de navegação do rio.

Jardim Zoológico recebeu

694 pães apreendidos em Lisboa

O Jardim Zoológico de Lisboa recebeu ontem 694 pães diversos, apreendidos no domingo passado por brigadas da Inspeção Económica devido a irregularidades na sua comercialização. A operação teve lugar nos mercados de levante, do Relógio e das Galinheiras com as brigadas da Inspeção Económica a instaurarem 66 processos, dos quais 3 por crimes de especulação e 63 por faltas diversas, com predominância de falta de documento de compra dos produtos expostos. De acordo com a Direcção-Geral, da Inspeção Económica, um comerciante foi detido em flagrante delito por crime de especulação quando vendia pescado com escudos mais caro do que o tabelado. Entretanto, anteontem brigadas da Inspeção Económica apreenderam no Porto 3146 quilogramas de bananas, por crime de especulação, tendo o valor da sua venda de 481.383 escudos sido depositado à ordem do tribunal.

Advogada de membros assumidos das FP-25

falou em Monsanto

"SÓ A CONFISSÃO NÃO CHEGA SÃO PRECISAS OUTRAS PROVAS"

● **Fortemente criticada a actuação do
Ministério Público, polícias e "arrependidos"**

A advogada dos dois únicos réus não «arrependidos» do caso FUP/FP-25 que se assumiram como elementos daquela organização, pediu para os seus constituintes apenas «o Direito». Deixou claro, também, que as alegações produzidas a vinculavam exclusivamente a si própria, «dada a desconfiança» dos réus Govern Lopes e Fernando Rodrigues da Silva face «aos Tribunais burgueses».

Maria Jorge Guerra Pires, a advogada, apresentou ontem umas alegações serenas mas profundamente críticas em relação ao modo como o processo fora organizado, afirmando mesmo que ele tinha sido atravessado por «constantes impulsos antidemocráticos».

A actuação da Polícia e os «arrependidos» estiveram permanentemente na mira da arguta advogada, que logo no princípio da sua intervenção lembrou que «defender os réus Fernando Silva e Luís Govern, sendo à partida e como todos compreendem tarefa difícil e complicada, acaba afinal por se tornar simplificada».

Contudo, Maria Jorge Guerra Pires não esqueceu o essencial e o Ministério Público, pelo modo como acusou e pelos objectivos que se propôs, foi desancado de alto a baixo com fortes argumentos jurídicos.

Disse a advogada: «(...) Tendo-se os meus constituintes reivindicado e assumido como membros da organização FP-25 à qual se imputa o impulso dos actos criminosos que dão conteúdo a toda a acusação; não tendo eles buscado, em sua defesa, nem o hipócrita 'arrependimento' nem a tão louvada denúncia; ficando-lhes, enfim, para sua defesa a justificação política dos actos em que se traduz o crime de organização «terrorista», o não prosseguimento da acção penal neste processo relativa às chamadas acções concretas, privados, afinal, do direito à sua defesa».

E Maria Jorge explicou depois porquê:

«É que» — sublinhou — «a construção processual de uma organização abstractizada das suas manifestações concretas, que lhe dão corpo e sentido, remetidas que foram a objecto de análise perfunctória e juridicamente descomprometida, impede que através da explicação política se a tiverem, relevante

ou não, justificativa ou não, eles defendem, expliquem e justifiquem a organização, logo se defendam a eles próprios».

E a concluir este raciocínio:

«Defender-se alguém de prática do crime de participação em organização 'terrorista' sem que lhe seja dada oportunidade séria e relevante de explicitar as circunstâncias, os impulsos, as razões, os motivos que conduziram à prática dos factos que objectivam a organização é impossível. E temo que essa impossibilidade tenha sido prevista e desejada. Em todo o caso, é bom que se tenha em conta, e como aqui já foi dito, que a eventual condenação dos réus meus constituintes nunca poderia determinar a aplicação do Art.º 288 do Código Penal».

Arrependidos e bem pagos

A advogada Maria Jorge, nestas suas bem organizadas alegações, deu grande destaque à inacreditável «consagração do arrependimento como fonte privilegiada da descoberta da verdade material», sublinhando que a «única prova séria e credível» de que os seus constituintes pertenciam às FP-25 fora a sua própria «assumpção» e nada mais.

Porém, lembrou à cautela, «desacompanhada de outros meios de prova a confissão não serve...».

Sobre os quatro arrependidos, Maria Jorge foi impiedosa. afirmou que eles, e especialmente Macedo Correia, «faltaram à verdade e em termos tais que se torna impossível destrinçar nas suas declarações o verdadeiro do falso, o de sua exclusiva inspiração e autoria, do que lhes terá sido mandado que dissessem em contrapartida das benesses e impunidades concedidas».

«A História está suficientemente cheia de exemplos de grandes provocações construídas sobre ditos arrependidos que cedo se revelaram como

meros agentes policiais» — disse.

Para Maria Jorge Pires, o «arrependido» Machado Correia, actualmente em liberdade provisória, «é substancialmente um falso réu, associado à Polícia», e terá sido ele o autor, «a expensas da Polícia» de um documento existente no processo onde as FP-25 são explicitamente identificadas com o «Projecto Global».

Citando «o caso alemão e o caso italiano», aquela advogada considerou que «a própria consagração do arrependimento está hoje, e creio que definitivamente, posta em crise nos próprios países em que teve origem».

«Infelizmente, como se passa nas modas, também as grandes polémicas, as grandes inquietações que mostram bem viva a consciência europeia, só nos chegam com dois ou três anos de atraso» — acrescentou.

Sobre o que designou por «fenómeno terrorista», Maria Jorge disse ter havido uma reacção «quase irracional».

«Explicar o terrorismo por apelo a circunstâncias externas ou por comportamentos individualizados acaba por ser apenas um meio de esconder as verdadeiras causas dele que a todos nos responsabiliza» — disse.

«Fenómenos como este — disse também — não surgem por acaso e isoladamente nas histórias dos povos. Eles hão-de radicar-se em razões profundas, reais e existentes na nossa sociedade».

Ao referir o percurso dos seus constituintes, Maria Jorge Guerra Pires afirmou que «não nos podemos esquecer que ainda há escassos 12 anos que podíamos acreditar que as coisas tinham mudado, que era afinal possível conjugar num único momento histórico a liberdade das pessoas, a certeza do direito, o progresso social, o bem-estar económico, felicidade e a fraternidade».

«E enquanto muitos se resignam ao novo estado das coisas, o aceitam, se adaptam, passam a viver com ele e até a viver dele, outros houve que não acreditaram que a oportunidade se perdera, que aquilo que foi um dia entendiado possível, possível continuava a ser» — acrescentou.

O julgamento prossegue esta tarde, ainda com alegações da defesa.

SJ/Lusa: "encontro positivo"

Mário Soares informado dos objectivos orientadores da nova agência

«O Presidente da República foi informado dos principais objectivos que estão a orientar a actividade da Lusa» — assim se pronunciou Horta Lobo, presidente da Direcção de nova agência, quando falava aos jornalistas no final de uma audiência pedida pelos corpos gerentes daquele órgão de comunicação social ao Chefe de Estado para lhe apresentar cumprimentos.

Horta Lobo referiu que foi explicado a Mário Soares «o que a agência, o que está a fazer e o que está a planear fazer».

José Manuel Barroso, membro da Direcção da agência, frisou que na audiência com Mário Soares não foram discutidos os estatutos da Lusa, tendo sido abordados questões de «ordem geral».

Barroso diria ainda que a direcção da Lusa tivera «uma reunião informal» com a Direcção do Sindicato dos Jornalistas, encontro que considerou «bastante positivo».

«O SJ não se mostrou contra a existência da Lusa», sublinhou, acrescentando que aquela estrutura sindical preconizou nessa reunião «a

melhoria dos estatutos da agência».

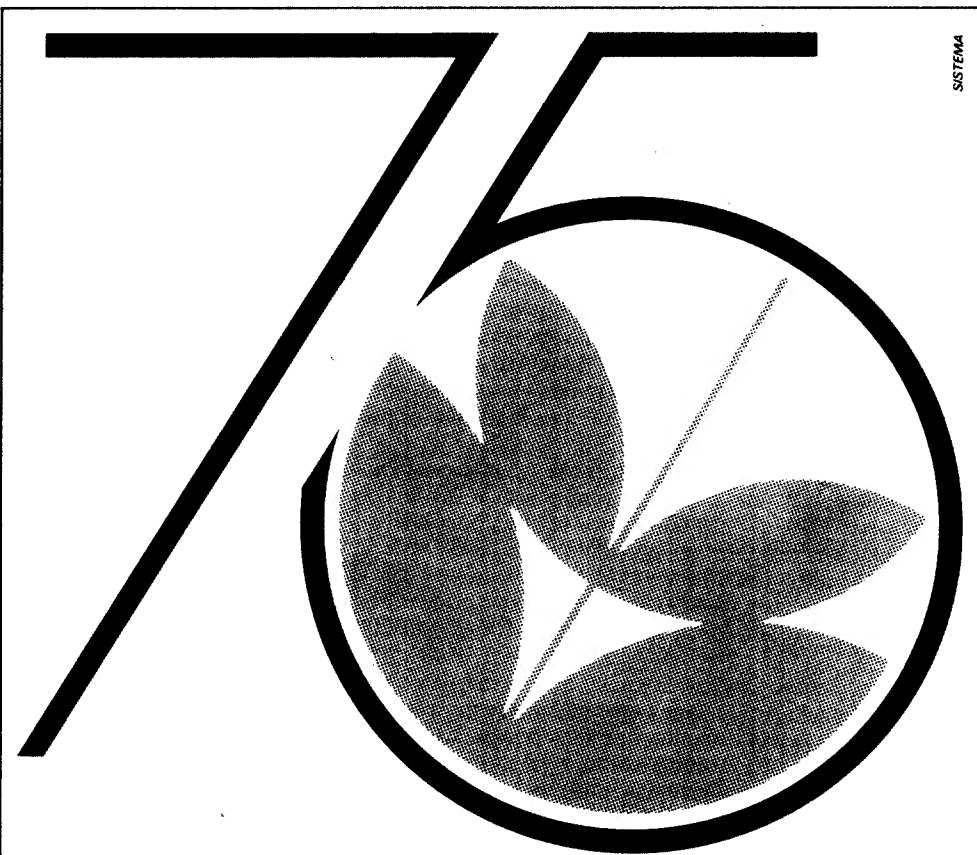
José Manuel Barroso afirmou também que a delegação do Sindicato dos Jornalistas se pronunciou ainda «pela necessidade de a agência manter a independência face ao Governo e aos órgãos de administração pública».

Aquele membro da Direcção da agência Lusa indicou que foi igualmente abordado o funcionamento do Conselho de Redacção, de acordo com a Lei de Imprensa, havendo a este respeito identidade de pontos de vista.

Sobre a possibilidade de «haver uma melhoria nos Estatutos», José Manuel Barroso realçou que «a sua modificação é da responsabilidade dos órgãos competentes da empresa», afirmando que a Direcção «tomou nota» e os transmitirá «aos seus órgãos sociais».

EM) Barroso adiantou ainda que as Direcções da Lusa e do SJ «acordaram em princípio realizar novas reuniões para troca de impressões».

A delegação da Lusa compreendeu ainda o director Jorge Miranda.



Estamos no ano do Jubileu.
Portugal comemora os 75 anos
de Turismo Institucional.
Não perca a Exposição Retrospectiva
do Turismo Português no Séc. XX.

visite a  **FILTUR**

de 9 a 17 de Janeiro

na  **Feira Internacional de Lisboa**

Directores-gerais empossados no MEC

Quarenta e um altos funcionários do Ministério da Educação e Cultura, tomam posse esta tarde, em consequência da aplicação da lei orgânica do MEC.

Segundo a Lusa, a maior parte dos quarenta e um em-

possados é reconduzida nas suas funções.

Os serviços ministeriais são entre outros o gabinete de Estudos e Planeamento, o Instituto Nacional de Investigação Científica, o Instituto de Investigação Científica Tropi-

cal, Inspeção-Geral do Ensino, Instituto de Inovação Educacional, as Direcções Regionais de educação e as Direcções Gerais do Ensino Básico e Secundário, de Apoio e Extensão Educativa e dos Equipamentos Educativos.



Cada um puxa a brasa à sua sardinha

28 restaurantes em concurso

Caldeiradas na Costa até ao fim do mês

Mais de três mil quilos de peixe foram consumidos nos dois primeiros fins-de-semana em que decorreu o concurso de caldeiradas da Costa da Caparica. Os números referem-se exclusivamente à matéria-prima confeccionada sob a forma de caldeirada.

O êxito da iniciativa está perfeitamente patenteado nestes números, mas também o facto de, à última hora, os restaurantes a concurso terem passado de 28 para 32 atesta o interesse suscitado pelo concurso.

Mas, ainda em reforço dos números apurados, há o movimento, ele próprio, que se verificou, nestes dois últimos fins de semana, em toda a Costa da Caparica. Muitos dos restaurantes conseguem mesmo o impen-sável no Inverno, que é terem lista de espera para a clientela que prefere o tradicional prato dos nossos pescadores, e também daquela zona da nossa costa (não esquecendo o peixe fresco, em geral).

Ainda no que se refere a números, de salientar as quantidades de peixe consumidas no restaurante «Carolina do Aires», que com os seus 600 quilos se situa bem à frente de todos os restantes concorrentes.

Com números igualmente significativos temos ainda o restaurante «Praia Nova», com 300 quilos, o «Bento», com 250, o «Atlântico», com 230, e o «400», com 200 quilos.

Números menos importantes, no que se refere a quantidades, que não a qualidade como é óbvio (e para isso lá está um júri, semanalmente, nas suas provas sistemáticas...), vêm de restaurantes como o «Atrium», com os seus 35 quilos, ou o «Maniés», com os seus 26.

O concurso de caldeiradas da Costa da Caparica vai este ano na sua quarta edição, em iniciativa da Junta de Freguesia local, com o apoio da Câmara Municipal de Almada e da Comissão Regional de Turismo da Costa Azul (Setúbal).

Por unanimidade

CÂMARA DE SETÚBAL APROVOU ORÇAMENTO E PLANO

Em sessão extraordinária ontem realizada na sala de sessões, o executivo da Câmara Municipal de Setúbal aprovou por unanimidade o Orçamento e Plano de Actividades do município para 1987 e o Orçamento dos Serviços Municipalizados para 1987.

A proposta de Orçamento aprovada pelo PS/PSD, APU e PRD apresenta um valor global de receitas e despesas de 1 784 000 contos, constituindo as receitas correntes 62 por cento das receitas totais e as despesas 66 por cento do total das despesas apresentadas.

Em relação a 1986 verifica-se um acréscimo de 39 por cento no

volume global de receitas e despesas.

No respeitante ao Plano de Actividades a dotação global é de 607 315 contos. A menor verba, 150 contos, é para a saúde e a maior é para habitação e urbanismo, 206 210 contos a cultura, desporto e tempos livres têm 33 340 contos, a educação 60 000 contos, para transportes e comunicações 55 836 contos, defesa do meio ambiente 20 500 contos, para protecção civil 21 080 contos, desenvolvimento económico e abastecimento público ficaram com 99 479 contos, o saneamento e salubridade com 91 280 contos.

Os Serviços Municipalizados

de Setúbal apresentam um orçamento de receitas e despesas da ordem dos 528 580 contos.

Após diversas intervenções, a proposta do executivo foi aprovada por unanimidade.

O presidente do município PS/PSD, Manuel da Mata Cáceres, disse à LUSA que «a unanimidade verificada revela grande capacidade para elaborar o documento e a disponibilidade para aceitação de sugestões».

Segundo o presidente da Câmara de Setúbal, «a aprovação unânime prestigia a Câmara e mostra também a responsabilidade e o empenhamento de todo o executivo perante a importância dos documentos aprovados».

O porta-voz da APU no executivo, Canaveira Russo, disse à LUSA que «muito embora o documento pudesse ser melhorado, ele vem dar satisfação a problemas importantes».

Segundo Canaveira Russo, «estão contempladas muitas propostas nossas e conseguimos a calendarização das actividades, bem como uma maior contribuição de verbas da Câmara para as Juntas de Freguesias».

Por sua vez, o representante do PRD na Câmara Municipal de Setúbal, José Rebelo, disse «reconhecer que estão contempladas as principais carências e que o documento dá possibilidade de grandes realizações».

Arquitectos querem estágios nas Câmaras para recém-formados

A Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) propôs ao Governo a realização em autarquias locais de estágios de formação em exercício para 30 arquitectos recém-formados, revelou o presidente da Associação Nuno Teotónio Pereira.

O presidente nacional da AAP, revelou que os estágios em Gabinetes de Apoio Técnico (GAT) ou Gabinetes Técnicos Locais (GTL), com uma duração de oito a 10 meses, teriam um custo global estimado em cerca de 26.000 contos, a suportar pelo Estado.

A proposta apresentada ao Governo pela Associação de Arquitectos assinala que dos 3.000 arquitectos portugueses estão em Lisboa cerca de 2.000, meio milhar estão no Porto e os restantes 500 no resto do país.

O documento aponta a necessidade de promover junto dos arquitectos recém-formados o interesse pelos problemas profissionais no âmbito da regionalização, com vista à sua preparação para novos problemas, métodos e soluções adequadas. Teotónio Pereira, destacou que 65 por cento das câmaras municipais



Nuno Teotónio Pereira

portugueses não dispõem de arquitectos e mais de metade nem pensam vir a ter.

Nuno Teotónio Pereira destacou como vertentes essenciais da actividade da AAP a exigência de que os projectos de arquitectura sejam obrigatoriamente assinados por arquitectos, a formação profissional desta classe e que as autoridades centrais e locais passem a ouvir a AAP.

Teotónio Pereira criticou ainda a «legislação arcaica»

que permite que em Portugal sejam aprovados projectos de arquitectura subscritos por profissionais do ramo, adiantando que só cinco por cento dos projectos particulares são assinados por arquitectos.

Considerou que, além de faltar ainda construir muito em Portugal, verifica-se que «muito do que se tem construído é mau, sobretudo no domínio da habitação, o que se deve em grande parte ao facto de os projectistas não serem arquitectos».

O presidente da Associação destacou a publicação de um despacho da Secretaria de Estado do Turismo, obrigando a que os projectos de arquitectura que lhe sejam submetidos sejam da responsabilidade de um arquitecto, sublinhando que idêntica iniciativa está prevista pelo Instituto Português do Património Cultural e pela Secretaria de Estado do Ambiente.

Teotónio Pereira salientou por fim, como aspectos positivos nos últimos anos a atenção crescente da comunicação social aos problemas do urbanismo, património arquitectónico, ambiente e ordenamento do território, que teve correspondência numa maior audição dos representantes dos arquitectos pelos órgãos do poder.

Destacou o aumento dos contactos com o Governo e com as câmaras municipais, estes últimos através dos núcleos regionais, contactos com outras ordens e associações profissionais de quadros, e o estabelecimento de relações com o Comité dos Arquitectos da Europa Unida (CEE) e com núcleos de arquitectos de países africanos de língua portuguesa.



PROGRAME AS SUAS FÉRIAS NA:

REGIÃO DE TURISMO DE SETÚBAL

TERRA DE FRUTOS E DE MAR...

INFORMAÇÕES: Rua do Corpo Santo Telef. 24284-29507 Apartado n.º 73 2901 - Setúbal Codex

Beleza insiste na gestão empresarial dos hospitais

Existe a partir de agora um reforço da autoridade das novas gestões dos poderes dos directores de serviços — afirmou ontem Leonor Beleza na posse das direcções dos Institutos de Clínica Geral das Zonas Norte, Centro e Sul, em Lisboa, acto a que presidiu e durante o qual também salientou que os hospitais são também empresas e como tal devem possuir «uma gestão de tipo empresarial».

Até aqui — explicou —, eram os médicos e restantes trabalhadores dos hospitais que elegiam a direcção do estabelecimento, enquanto a partir de agora cabe ao Governo essa responsabilidade.

Leonor Beleza considerou «uma grave distorção dos interesses dos utentes» serem os trabalhadores a eleger a direcção do hospital, que deverá servir toda a população.

«Nas Câmaras Municipais, também não são os trabalhadores camarários a eleger o presidente da Câmara» — comentou.

A Ordem dos médicos e os Sindicatos já se manifestaram contra o teor do diploma, designadamente o facto de ser agora o Governo a nomear os gestores hospitalares.

Comentando as críticas de que o Governo está a «politizar» as direcções dos hospitais, Leonor Beleza disse que o Governo «vai

escolher por outros critérios, que não os políticos».

A ministra nomeou para as direcções dos Institutos de Clínica Geral das Zonas Norte, Centro e Sul, respectivamente, Albino Aroso Ramos, Luís Lopes de Oliveira e Carlos Mendes Leal.

Beleza defendeu o conceito de médico de família para os médicos de clínica geral e redorou o seu papel na função de promoção e prevenção de saúde.

A direcção de cada Instituto é composta por um director e dois directores adjuntos, um dos quais é por inerência, o coordenador do internato complementar de clínica geral e cada uma das zonas.

Ministra da Saúde não está só

ENFERMEIROS DO NORTE E CENTRO APOIAM LEI DE GESTÃO HOSPITALAR

O S Sindicatos dos Enfermeiros da Zona Norte e da Zona Centro manifestaram no Porto o seu apoio à nova Lei de Gestão Hospitalar.

«Independentemente de outras posições, a nossa fundamenta-se na experiência que temos vivido desde 1977 com a lei revogada», acrescenta o texto subscrito pelos dois sindicatos.

O documento frisa ainda que «das boas ou más gestões hospitalares se ressentem particularmente o sector de enfermagem, justamente por ser aquele que, conjuntamente com os doentes, mais tempo passa nos hospitais».

Como virtualidades da nova lei, os Sindicatos dos Enfermeiros das Zonas Norte e Centro apontam «as direcções técnicas de sector autónomas», a colaboração recíproca entre sectores, a demarcação entre as várias vertentes da gestão, que os órgãos de consulta obrigatória são eleitos pelos intervenien-

tes e que os cargos de direcção e chefia são de carreira.

A finalizar, o texto sindical refere que «não vai atribuir antecipadamente à lei insuficiências que ela não contém e, comparando-a com a anterior, parece-nos melhor».

Guimarães Santos: mudança é irreversível

O candidato a bastonário da Ordem dos Médicos, Guimarães dos Santos, disse ontem em Lisboa que «o projecto de mudança» que defende é irreversível e «tem o apoio da generalidade dos médicos, particularmente os mais jovens».

Guimarães dos Santos é um dos quatro candidatos à presidência da Ordem dos Médicos, tendo nas passadas

eleições de Dezembro obtido menos dois mil votos que Machado Macedo, o qual decidiu não fazer campanha para as eleições a repetir em 28 do corrente.

Aquele médico nortenho — o primeiro a impugnar o acto eleitoral por alegadas irregularidades — acrescentou que o projecto é, como fenómeno, irreversível, porque «é necessário e fundamental à renovação da dignidade da classe médica e ao progresso da Medicina portuguesa».

O candidato historiou um pouco o processo do que considerou «graves irregularidades», tendo-o impugnado por «uma exigência moral, cívica e profissional para a defesa de um justificado nome e prestígio da classe médica portuguesa».

Machado Macedo, entretanto, apelou a que todos os médicos participem no próximo acto eleitoral.

ATENÇÃO CACÉM

CONCESSIONÁRIO RENAULT
VESAUTO

AUTOMÓVEIS E REPARAÇÕES, LDA.

INAUGURA NO PRÓXIMO DIA 19/1/87
UM NOVO STAND DE EXPOSIÇÃO E VENDAS DE:

- AUTOMÓVEIS NOVOS
- PEÇAS E ACESSÓRIOS

na

Avenida dos Bons Amigos, 39 — CACÉM — Tels. 924 45 29 e 924 91 09

VISITE-NOS! VEJA A NOSSA GAMA DE NOVOS MODELOS

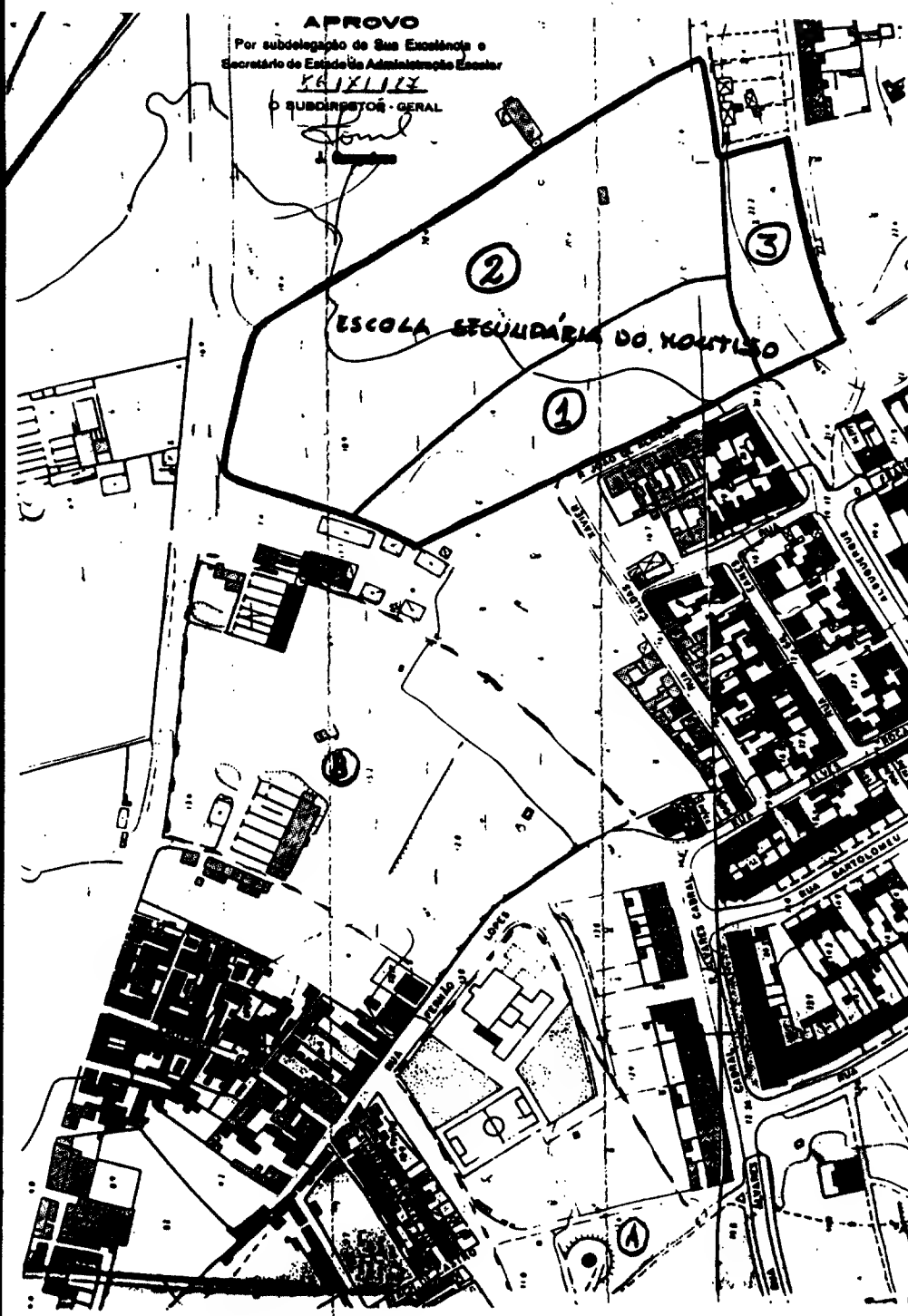
S. R.
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
DIRECÇÃO-GERAL DOS EQUIPAMENTOS EDUCATIVOS
ANÚNCIO

Faz-se público que, nos termos do art.º 5.º do Decreto-Lei 76/80, de 15.4 e do despacho do Ministro da Educação e Cultura de 86.9.30 que inclui a Escola Secundária do Montijo no Programa Especial criado por aquele diploma, foi autorizada a posse administrativa imediata das parcelas de terreno assinaladas na planta anexa com os números 1, 2 e 3 pertencentes respectivamente a Amarilis Delfina Santos Martins Ventura; Idalina Augusta Pinto Cordeiro Sanches e; José Manuel Valagão da Luz Clara e José Manuel Azevedo Duarte.

Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, em 9 de Janeiro de 1987

O SUBDIRECTOR-GERAL

A. Ressano Garcia





João Maria Graça, «O Esfola», como era conhecido

Tinha banca na Rua do Crucifixo

Faleceu o ardina "Esfola"

Vítima de doença faleceu ontem, no Hospital de Santa Marta, o ardina João Maria da Silva Graça, de 69 anos, grande amigo e divulgador do «DL» e figura bastante conhecida do quotidiano lisboeta. Sobretudo na zona do Tribunal da Boa-Hora, onde gozava de enorme popularidade entre magistrados, advogados e funcionários judiciais.

Com banca à tarde na Rua do Crucifixo João Maria «O Esfola» como era conhecido, mantinha-se sempre bem disposto, sendo famoso o fraque que envergava na época carnavalesca. De manhã, era hábito vê-lo a desenvolver a sua actividade na esquina da Rua de S. Bento com a Rua do Poço dos Negros. A família enlutada «DL» apresenta sentidas condolências.

Uma dúvida que vem de Espanha

PARTE DO GÁS FICARÁ NO FUNDO DAS BILHAS

SERÃO os consumidores portugueses de gás engarrafado obrigados a pagar gás que não consomem? A pergunta levanta-se a partir duma notícia divulgada pela Lusa com base em problema semelhante surgido em Espanha.

Os organismos espanhóis de defesa do consumidor vão testar as bilhas de gás que circulam naquele país pois diz-se que quando o gás liquefeito está no fim da bilha, a pressão baixa e esse «resto» do produto não sai.

Pensa-se em Espanha que caso o «escândalo» se comprove, alguns responsáveis das empresas produtoras de gás engarrafado passarão «maus bocados» se a deficiência for propositada.

Também em Portugal há quem afirme que ninguém consome totalmente o gás que paga. Segundo a Lusa, nenhum consumidor consegue esgotar os 13 quilos de gás contidos por bilha, mas apenas utiliza 11.

Ora cerca de um milhão de famílias consome gás de garrafa, em Portugal. Se cada uma consumir uma garrafa por mês, e se cada uma deixar dois quilos de gás por consumir mensalmente,

ficarão por ano 24 milhões de quilos de produto pagos, mas não consumidos.

Multiplicando aquele número por 70 escudos o quilo de gás apura-se a verba de um milhão e 680 mil contos que os consumidores pagaram por gás que não consumiram.

Este cálculo parece todavia ficar à quem da realidade, pois segundo a Direcção-Geral da Energia, foram consumidos em 1985 300 mil toneladas de gás butano engarrafado.

«Este número — prossegue a Lusa — equivale a 23 milhões de botijas ou 46 milhões de quilos «devolvidos», o que multiplicado por 70 escudos... dá a soma tabulosa de 32 milhões de con-

tos» — conclui a Lusa.

O Instituto de Defesa do Consumidor teve hoje conhecimento do caso e informou-nos telefonicamente que o iria estudar e tomar, em data não determinada, uma posição sobre o assunto.

A DECO, segundo a agência Lusa, prometeu para o início da próxima semana, uma informação.

Um informador da Petrolgal citado por aquela agência noticiosa afirma que a empresa está apetrechada com um mecanismo electrónico que obriga à pesagem de todas as botijas de gás, pelo que nenhuma sai com peso a menos, nem fica gás por consumir.

EXPRESSOS RN

LISBOA / BEJA / V. V. FICALHO (FRONTEIRA)

	A	B		A	B
8.00	13.35	18.30	LISBOA	11.40	17.20
8.19	13.54	18.49	ALMADA (Cent Sul)	11.22	17.02
8.49	14.24	19.19 C.	SETUBAL	P. 10.51	16.31
8.51	14.26	19.21 P.		C. 10.48	16.29
9.58	15.33	20.28	GRÁNDOLA	9.42	15.23
10.38	16.13	21.08	FERRALENTEJO	9.02	14.43
10.50	16.25	21.20	BERINGEL	8.50	14.31
11.00	16.35	21.30 C.	BEJA	P. 8.39	14.20
11.02	16.37	21.32 P.		C. 8.37	14.18
11.16	16.51	21.46	BALEIZÃO	8.24	14.05
11.32	17.07	22.02	SERPA	8.08	13.49
11.49	17.24	22.19	ALD N S. BENTO	7.51	13.32
12.00	17.34	22.29	V V FICALHO	7.40	13.21
12.05			FICALHO (Fronteira)		13.15

OBSERVAÇÕES:
A) - EXCEPTO DOMINGOS E FERIADOS
B) - ÀS 6.^{AS} FEIRAS - SE 6.^ª FEIRA COINCIDIR COM FERIA-
DO, ANTECIPA PARA 5.^ª FEIRA
- AOS DOMINGOS - SE 2.^ª FEIRA COINCIDIR COM FERIA-
DO TRANSFERE PARA 3.^ª FEIRA
- RESTANTES HORÁRIOS EFECTUAM-SE DIARIAMENTE
- PERMITE LIGAÇÃO DE E PARA SEVILHA
NOTA: PERMITE LIGAÇÕES EM SETÚBAL DE E PARA CACILHAS



RN RODOVIÁRIA NACIONAL

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

11.º Juízo
1.ª Secção
Proc.º 335/A/85
Exec. Sentença

O Doutor Manuel Nunes Ferreira, Juiz do 11.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa corre em termos uns autos de execução de sentença em que é exequente José Manuel Castro da Silva, residente na Travessa do Chafariz, Lote 9-2.º Dt.º Retaguarda — Sacavém, e executado Jorge Cardoso — Sociedade de Equipamentos Electromecânicos, Lda., com sede na Rua da Guiné — Prior Velho, e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o dos editos, ou a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código Processual Civil. Lisboa, 19 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
(Assinatura Regível)
O Escrevão
(Assinatura Regível)

«DL» — 14/1/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE TOMAR ANÚNCIO

Execução de sentença n.º 31/86
Exequente: Arminda de Jesus Maurício Lopes, residente em Cova da Iria — Fátima.

Executados: Durinda Martins da Cruz Arcanjo e marido Jorge Canas Arcanjo, residentes na Rua D.ª Estefânia, n.º 121-A em Lisboa.

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio.

Tomar, 5 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
a) José da Conceição Afonso
O Escrevão Adjunto
a) Manuel Loureiro Pereira

«DL» 14/1/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO ANÚNCIO

No próximo dia 4 de Fevereiro, pelas 10 horas, junto deste Tribunal, nos autos de Carta Procatória para Arrematação em Hasta Pública vindas do 1.º Juízo Civil de Lisboa que Alumnio, Lda., com sede na Rua da Guiné, n.º 33/A, Prior Velho, Lisboa, move contra Indústrias Metálicas Barreir, Lda., com sede na Estrada Nacional, n.º 10, Fonte da Telha, Cova, Barreiro, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez para ser arrematado ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo o seguinte bem móvel: (Torno mecânico, com caixa automática da marca «Jator», modelo 140-20, em bom estado de conservação).

Barreiro, 9 de Janeiro de 1987

O Juiz de Direito
Alexandre Ferreira
Estêvão Coelho

O Escrevão de Direito
(Regível)

«DL» 14/1/87 — 1.ª Pub.

GOVERNO ANUNCIA LINHA DE CRÉDITO PARA MUNICÍPIOS EM SITUAÇÃO DIFÍCIL

A criação de uma linha de crédito para os Municípios que se declarem em situação de desequilíbrio financeiro, anunciada pelo secretário de Estado da Administração Local apanhado de surpresa a Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP).

Segundo declarou ao «DL» Luís Monterroso, vice-presidente do Conselho Directivo da ANMP, este assunto nunca foi tratado entre o Governo e a Associação, razão pela qual o coordenador da Comissão de Estruturas e Finanças Locais da ANMP se limitou a declarar que «desconheço o assunto».

Aliás, o próprio membro do Governo não detalhou os aspectos técnicos relacionados com o lançamento da linha de crédito, no meadamento qual o montante da bonificação dos juros, limitando-se Nunes Liberato a referir que

os Municípios de Barcelos e Cabeceiras de Basto tinham já demonstrado interesse pela medida.

No entanto, o teor de outras afirmações do secretário de Estado da Administração Local foram comentadas por Luís Monterroso, para quem «o Governo continua a dizer que tem canalizado os valores necessários, mas a verdade é que os Municípios não têm meios».

«O caso do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional é claro», prosseguiu o presidente da Câmara da Nazaré, sublinhando que o Go-



Luís Monterroso: «ANMP desconhece»

verno ao exigir o recibo de pagamento das obras para canalizar as verbas do FEDER, exigência impar em relação aos outros países da Comunidade Económica Europeia, atrasa ainda mais a entrega, favorecendo uma

situação tipo «pescadinha de rabo na boca»: «temos obras feitas, mas não podemos ter recibos porque não pagamos, pela simples razão de que estamos à espera das verbas do FEDER...».

A este propósito, Luís Monterroso adiantou que «há

mais de um mês que pedimos uma reunião com o secretário de Estado para abordar questões relacionadas com o FEDER, e agora responderam-nos que só para o fim do mês». «Há uma má vontade do Governo nesta matéria, e não há razão nenhuma para ainda não nos terem fornecido a listagem dos projectos já enviados para Bruxelas», sublinhou o vice-presidente do Conselho Directivo da Associação Nacional dos Municípios.

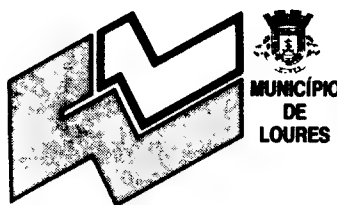
Finanças Locais: «proposta do Governo era pior...»

Comentando afirmações de Nunes Liberato, segundo as quais a nova Lei das Finanças Locais «é ainda passível de críticas que incidem sobretudo nos critérios de distribuição do Fundo de

Equilíbrio Financeiro (FEF), onde a Assembleia da República manteve em vigor o critério de captação dos impostos directos, que tende a beneficiar os Municípios de maiores recursos», Luís Monterroso considerou que esta lei «não é a que os Municípios pretendiam».

Mas, sublinhou o presidente da Câmara da Nazaré, «se a proposta da Assembleia da República não tinha o nosso aval total, a proposta do Governo era bem pior pois corrigida a proposta inicial, acabaram por avançar com valores mais baixos».

«No caso do valor global do Fundo de Equilíbrio Financeiro», concluiu Luís Monterroso, «a proposta governamental era a mais baixa de todas as que foram apreciadas pela Comissão Parlamentar».



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

MOÇÃO

O Povo do Concelho de Loures que não esquece o valor moral e político das manifestações de solidariedade com a luta do Povo Português contra a ditadura que o oprimiu até 25 de Abril de 1974, não pode, treze anos depois do golpe de estado fascista que derrubou o regime democrático do Chile e assassinou o presidente Salvador Allende, deixar de exprimir o mais vivo repúdio pela ditadura de Pinochet e pelo agravamento das medidas de repressão contra o Povo Chileno.

A medida que a ditadura de Pinochet se sente isolada, faz recrudescer a violência sobre o Povo do Chile, instaurando o estado de sítio, negando as liberdades democráticas mais elementares, assassinando e promovendo o «desaparecimento» de numerosos resistentes, num clima de terror, de tragédia nacional e de constante degradação das condições de vida da população.

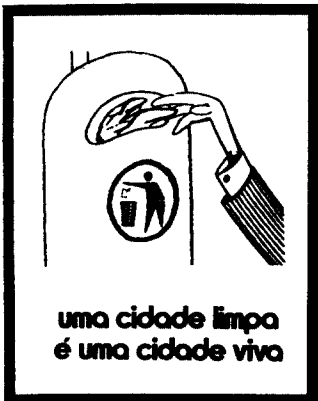
A Assembleia Municipal de Loures saúda a resistência heróica do Povo do Chile e a sua luta pela reconquista da liberdade e, expressando a fraterna solidariedade dos democratas do Concelho de Loures, exige que:

- Terminem as atrocidades no Chile;
- Acabe a repressão;
- Sejam libertados os presos políticos;
- Seja restabelecida a democracia.

APROVADO POR UNANIMIDADE

Loures, 30 de Dezembro de 86

A MESA DA ASS. MUNICIPAL



AUSTIN 1300

(DE GARAGEM)

PARTICULAR VENDE

130 contos

TEL: 80 40 88



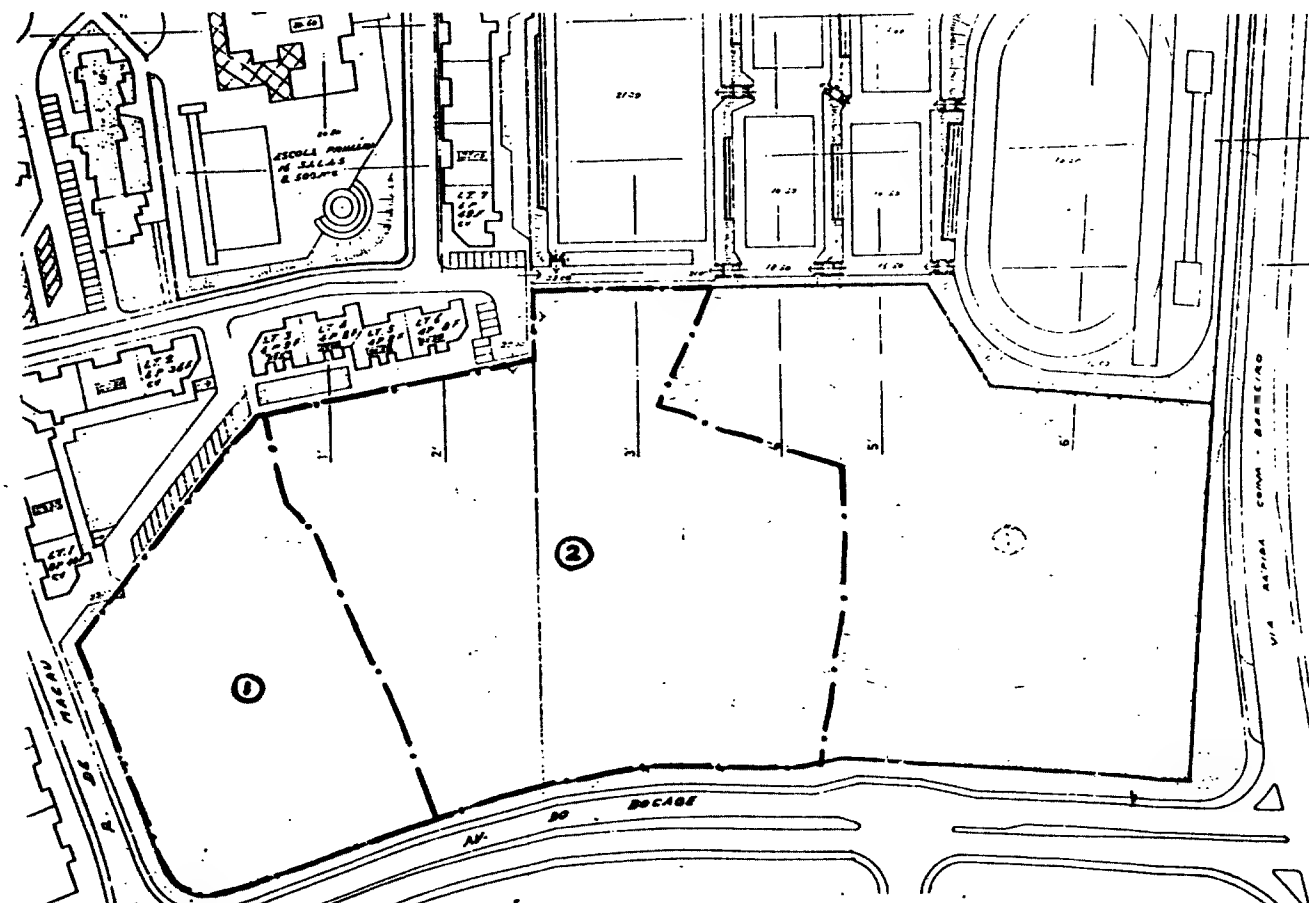
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR
DIRECÇÃO-GERAL DOS EQUIPAMENTOS EDUCATIVOS

ANÚNCIO

Faz-se público que, nos termos do art.º 5.º do Decreto-Lei 76/80, de 15.4 e do despacho do Ministro da Educação e Cultura de 86.9.30 que inclui a Escola Secundária do Alto do Seixalinho no Programa Especial criado por aquele diploma, foi autorizada a posse administrativa imediata das parcelas de terreno assinaladas na planta anexa com os números 1 e 2 pertencentes respectivamente a Armando Pereira dos Santos e a António Xavier de Lima.

Direcção-Geral dos Equipamentos Educativos, em 9 de Janeiro de 1987

O SUBDIRECTOR-GERAL
A. Ressano Garcia



Brasília. Sonho de Juscelino Kubitschek de Oliveira, a nova capital provaria, menos de uma década mais tarde, ser um rotundo fracasso. O então Presidente brasileiro via em Brasília uma polo de atracção para o interior, uma forma de colonização da Amazônia. Em quatro anos, numa obra de engenharia espantosa, foram desbravados hectares e hectares de floresta, fazendo nascer uma metrópole para substituir o já então supercongestionado Rio de Janeiro. Nem a floresta cedeu lugar à civilização, nem a descentralização administrativa surtiu o desejado efeito. Em todo este projecto megalómano, um nome sobressai, para além de o do próprio Kubitschek — o do arquitecto Oscar Niemeyer. Mas, também neste acaso, a obra não resistiu ao tempo, e hoje os grandes projectos de conhecido arquitecto são edifícios em deficiente estado de conservação, satisfazendo ainda o o «postal turístico», mas não conseguindo enfrentar um exame «in loco». Brasília foi, realmente, um sonho que não resistiu ao confronto com a realidade. Do projecto inicial, resta uma cidade sem atractivos, malquerida dos próprios brasileiros, que resistem a transferir-se para a região. A Amazônia continua impenetrável, a descentralização administrativa está longe de ser um facto. Malraux chamou-lhe «a capital da esperança». Os anos encarregaram-se de o desmentir.

A 20 de Março de 1960 nascia uma nova capital — Brasília —, a segunda iniciativa mundial deste género depois da construção de Nova Deli, na Índia. Kubitschek de Oliveira, então presidente do Brasil, e grande impulsor do projecto, recebia as chaves da nova capital, enquanto o Rio de Janeiro era reduzido à condição de simples capital estadual. A presidir, pela parte da Igreja católica, ao acto inaugural da nova capital, encontrava-se uma figura grata ao regime salazarista, o antigo cardeal patriarca de Lisboa, Gonçalves Cerejeira.

HÁ 27 ANOS, BRASÍLIA

BRASILIA, 17 — Cem mil operários, engenheiros e técnicos estão a trabalhar em turnos consecutivos para dar a última demão nos preparativos para a inauguração de Brasília, a nova capital do Brasil, a que André Malraux chamou a «capital da esperança». No dia 20, as chaves da cidade serão entregues a Juscelino Kubitschek de Oliveira. Na noite seguinte, às 0 e 3 m. locais, o legado extraordinário do Papa, o cardeal Cerejeira, dá a bênção pontifical a esta fabulosa metrópole que a vontade do Governo brasileiro fez surgir em 4 anos, na savana verdejante dos planaltos, a 1.000 quilómetros do Rio de Janeiro.

Esta manhã começou a «operação limpeza». Elementos motorizados apossaram-se das imensas avenidas da cidade e retiraram rapidamente toda a sujidade e lixo, abandonados ao pé de edifícios acabados de construir.

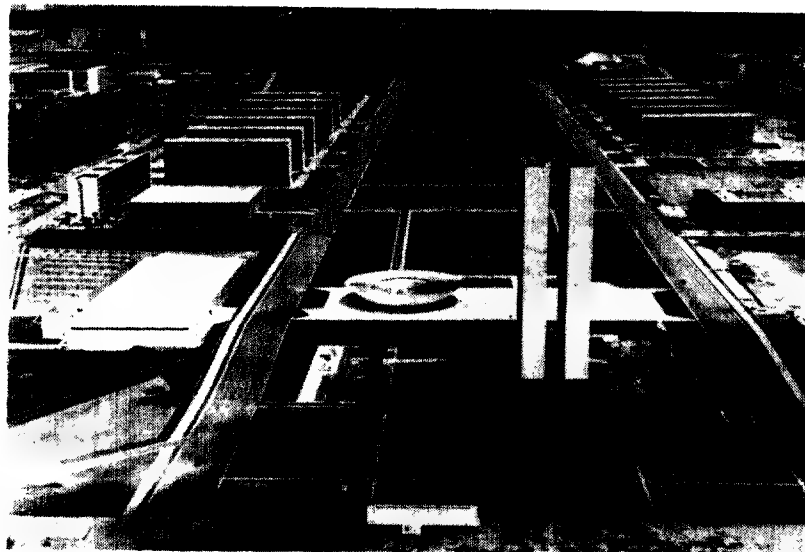
A cidade tem a forma de uma circunferência — tão vasta que do cimo do arranha-céus de 28 andares onde ficam instalados os serviços administrativos não é possível avistar-se os seus limites. No interior da circunferência, as avenidas ou descrevem círculos concêntricos ou seguem os raios do círculo, mas nunca desembocam umas nas outras, pois em todas as encruzilhadas existem pontes e túneis.

BRASILIA, 20 — O Rio de Janeiro aposenta-se e cede lugar a esta capital de novo tipo, do Brasil, 960 quilómetros a Noroeste, com cerimónias que principiam hoje, à noite, nesta cidade.

Quando o dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira assumiu a Presidência, em 1956, do quarto maior país do Mundo, comprometeu-se a condensar «cinquenta anos de progresso em apenas cinco» e a construir uma nova capital no meio da selva.

O trabalho de 40.000 homens, em turnos duplos, conseguiu concluir a imensa obra em quatro anos, numa região que era completamente inóspita e isolada.

Brasília, a primeira nova capital a ser edificada desde Nova Deli, é um triunfo da planificação moderna



Brasília, centro da capital

concebida e realizada sob a direcção do arquitecto brasileiro Oscar Niemeyer, famoso em todo o mundo.

Com a sua inauguração como nova capital, oficialmente a partir da meia-noite de hoje — 3 h. (TMG) de quinta-feira — concretiza-se o sonho da expansão para o Ocidente, acalentado desde que o Brasil se tornou numa República, em 1889.

Nesta hora histórica, o Rio de Janeiro, com a sua zona marítima espectacular e cordilheiras, transforma-se no vigésimo-primeiro Estado do Brasil — Guanabara — acrescentando outra estrela à bandeira brasileira.

Como é próprio de um país onde quase toda a população é católica, as cerimónias da inauguração revestir-se-ão de solenidade religiosa. Presidirá o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal-patriarca de Lisboa, delegado papal às cerimónias. A chegada do ilustre purpurado, às 19 horas locais, marcará o começo das cerimónias.

As 23 e 30 (hora local) o cardeal-patriarca de Lisboa entronizará uma imagem de Nossa Senhora da Esperança. Trata-se de uma réplica da imagem original que o navio-almirante de Pedro Alvares Cabral

transportou na viagem em que descobriu o Brasil.

BRASILIA, 21 — Esta já fabulosa cidade, construída no topo da planície do centro geográfico do Brasil, tornou-se na nova capital do país, após uma missa solene celebrada à meia-noite — 3 horas (TMG) — pelo sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal legado do Papa. O nascimento da nova capital, que substitui a do Rio de Janeiro, foi celebrado com os acordes do hino nacional, com o acender simultâneo das luzes em toda a cidade e com o estalar de milhares e milhares de foguetes.

As 5 horas da tarde de ontem, o presidente Kubitschek de Oliveira recebeu as chaves simbólicas da cidade num cenário capaz de fazer roer de inveja os mais audaciosos realizadores de Hollywood. As cerimónias do dia foram encerradas com a missa celebrada pelo cardeal legado, em frente ao edifício do Supremo Tribunal. A noite estava estrelada e a temperatura era amena.

«As chaves de Brasília que recebi agora são propriedade de todo o povo brasileiro» — declarou o dr. Kubitschek de Oliveira, discursando da tribuna do Palácio do Gover-

no, na Praça Três Poderes, centro da nova capital.

Uma multidão de cerca de 3.000 pessoas, em que se confundiam os operários de fato-de-macaco, camponeses dos grandes planaltos, de cara tostada pelo sol, turistas do Rio de Janeiro ou de S. Paulo, vestidos de branco, altos funcionários e parlamentares com fatos escuros, reunira-se na enorme esplanada. Essa massa de gente aclamou com delírio o Presidente da República quando prestou homenagem ao chefe dos arquitectos de Brasília, Oscar Niemeyer, e aos operários que edificaram a cidade.

Aparelhos militares de reacção evolucionaram sobre o grande planalto, por cima dos espectadores.

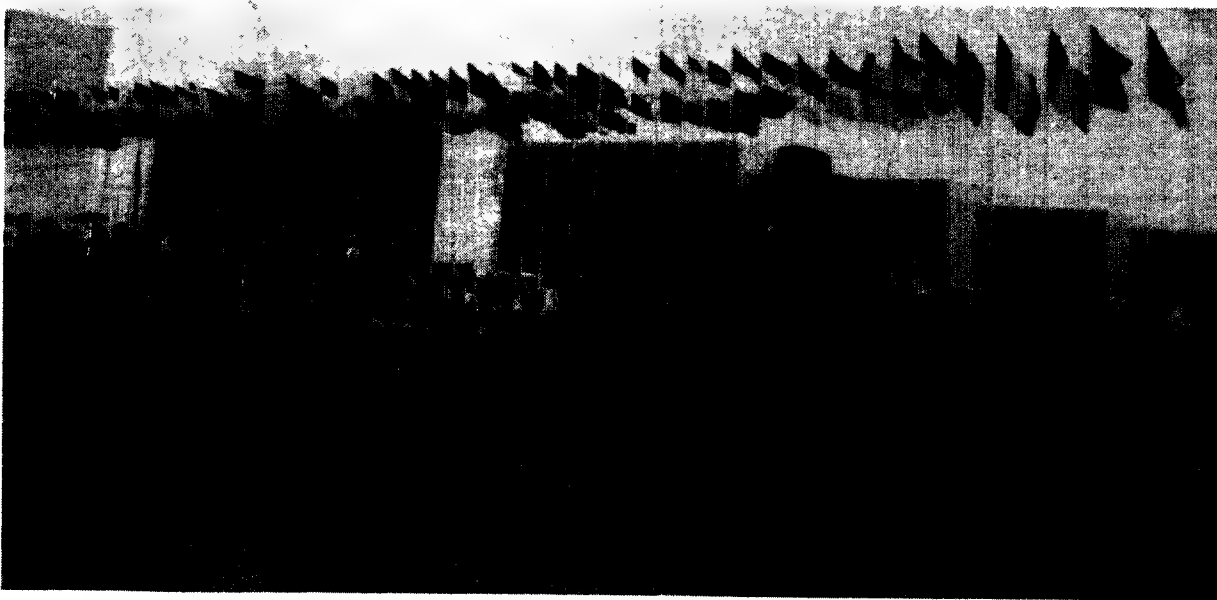
Cento e vinte hospedeiras de Brasília, oriundas da alta sociedade das grandes cidades do litoral atlântico, que se apresentaram para a circunstância de uniformes azuis, atraíram os olhares do público. Um paralítico que veio do Rio de Janeiro empurrado por dois rapazes, na sua cadeira de rodas, também alcançou certo êxito pessoal. Enfim, um fotógrafo francês provocou efervescência na multidão ao servir-se da máquina como se fosse uma matraca contra um soldado do serviço de segurança que o havia maltratado.

Entretanto, cerca de 100 mil visitantes vindos de todas as partes do Brasil e do estrangeiro enchiam por completo a inacabada cidade.

Reinou, a princípio, certa confusão, quando milhares de operários estavam ainda atarefados com os retoques finais em edifícios, a colocação de relva e árvores e o calcetamento das ruas.

A grande afluência de visitantes criou problemas de alojamento e causou interrupções nos fornecimentos de água e energia eléctrica. Não se registou, porém, escassez de géneros alimentícios, em virtude de a aviação ter transportado toneladas de sanduíches, além dos pitús mais deliciosos para os convidados oficiais.

Assim terminava, no «DL» de 21 de Abril de 1960, a descrição (entusiástica) da inauguração da nova capital — referenciando as carências que se tinham feito sentir. Mais de duas décadas depois, sem o bolício da festa, a capital brasileira vive diariamente algumas dessas carências. Fracassou como capital, ficou como um marco da história do Brasil.



Bandeiras de todo o mundo no dia da inauguração

Para a compra de três aviões

TAP DECIDIU-SE POR CONSÓRCIO EUROPEU

O consórcio europeu «Airbus Industries» venceu a concorrente norte-americana Boeing, na disputa para a venda de três novos aviões à TAP-Air Portugal, para a renovação da sua frota de longo curso, foi ontem anunciado pelo conselho de Gerência da transportadora aérea nacional.

Em conferência de Imprensa ontem realizada, o presidente do Conselho de Gerência da TAP-Air Portugal, João Lencastre, anunciou que a decisão, que ontem mesmo foi tomada, teve em conta, sobretudo, factores técnico-financeiros.

A resolução de comprar à «Airbus» três aviões A-310-300 para renovação da frota da TAP esteve ligada a imposições da legislação comunitária e aos regulamentos internacionais que estabelecem os níveis de ruído. Assim, os novos aviões vêm substituir os Boeing-707 que se encontram ao serviço da companhia nacional (num total de oito, um dos quais fretado e que será vendido mais tarde, segundo foi afirmado pelo dirigente da TAP) pois os actuais aviões não poderiam voar a partir de 1 de Janeiro de 1987, a não ser que houvesse um compromisso da TAP de que até 1988 eles fossem substituídos por outros.

A entrega dos novos aparelhos que vão substituir a frota destinada às rotas europeias de grande densidade e africanas, está prevista para o segundo trimestre de 1988.

O contrato de aquisição dos três novos aviões, no valor total de 250 milhões de dólares, inclui a opção de dois aviões adicionais a entregar em 1991.

João Lencastre anunciou ainda que os aviões serão pagos em sistema «leasing», ou seja a prestações, ao longo de um período não inferior a 15 anos e o valor total do investimento englo-

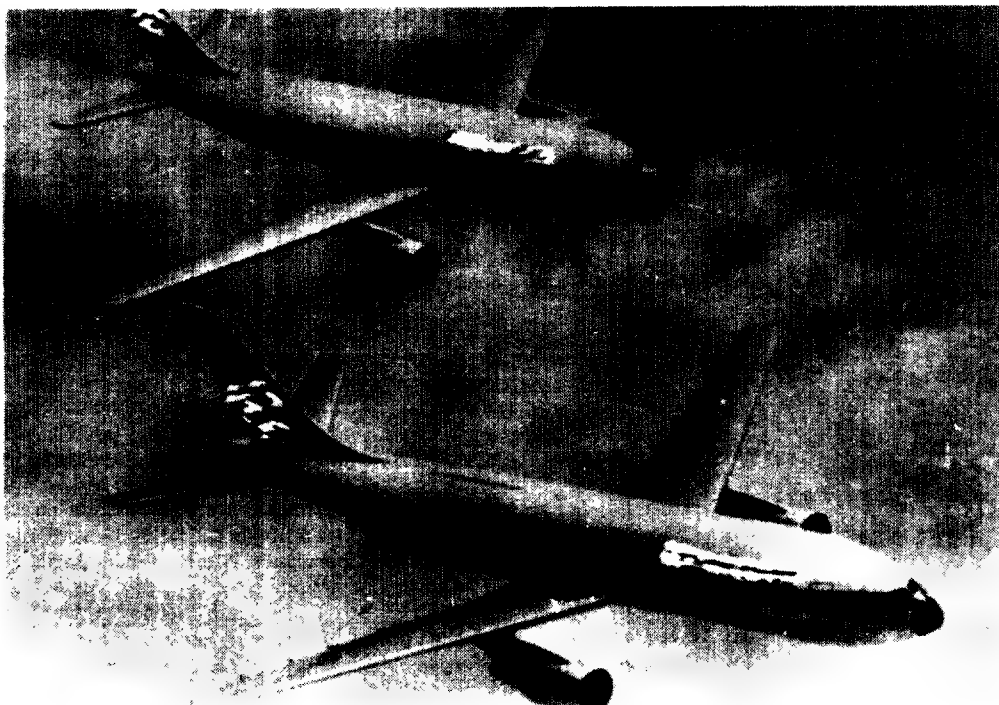
ba também a compra de equipamento necessário, como por exemplo motores adicionais.

A preferência pelos aviões da «Airbus» teve em conta, segundo João Lencastre, a comparação entre custos e benefícios oferecidos pelos dois consórcios, referindo que a solução «Airbus» representa cerca de meio milhão de dólares a menos por cada avião, embora reconheça que o preço de tabela oferecido pela Boeing era inferior a um por cento em relação ao consórcio vencedor, mas «o que interessa não é quanto dispendemos, mas a comparação entre custos e vantagens».

Depois de um intensivo estudo técnico realizado pela TAP para a resolução de compra, a «Airbus» acabou por triunfar pois os aviões europeus têm maior capacidade de transporte, além de possuírem mais seis lugares por aparelho, num total de 206 passageiros.

Como contrapartidas, o Conselho de Gerência da TAP mostrou-se favorável à possibilidade de Portugal participar na fabricação dos aviões A-340 e A-330 da «Airbus», mas considerou ter-se feito apenas uma «declaração de princípio».

Também a disponibilidade dos fabricantes para oferecer angariação de trabalho para as oficinas de manutenção da transportadora aérea nacional foi referida, mas João Lencastre sublinhou que a TAP pode prescindir dessa ajuda, pois as nossas oficinas têm fama internacional para o



O «Airbus», avião que mereceu as preferências da TAP

conseguirem por si.

O presidente do Conselho de Gerência da TAP-Air Portugal afirmou que, apesar dos encargos financeiros serem acrescidos, a compra efectuada representa um saldo positivo, pois os novos aviões significam maior eficiência, menores custos e melhor captação de mercados.

Com a aquisição dos novos aparelhos a TAP passa a dispor, a partir de 1988, de três diferentes marcas (Boeing, Lockheed e Airbus) o que os dirigentes da empresa reconhecem provocar «repercussões nos encargos financeiros da empresa», nomeadamente no sector de manutenção. João Lencastre revelou ainda que se encontra em adiantada fase de negociações para a reparação nas oficinas da TAP de uma quarta marca, os aparelhos DC-

10, o que para aquele dirigente representa a «capacidade de adaptação e resposta adequada» dos serviços de manutenção da empresa.

«Airbus» alarga-se a todo o mundo

Entretanto, a consórcio europeu «Airbus» anunciou a constituição de uma «Joint Venture» com a empresa «Guinness Peat Aviation», com sede na Irlanda, para fornecer a linhas aéreas de todo o mundo, em sistema de «leasing», o novo Airbus A-320.

O presidente da «Airbus», Jean Pierson, anunciou que a «Joint Venture», a designar por «GPA Airbus 320», comprará 25 aparelhos Airbus A-320 para entrega entre 1990 e 1992 e ficará com

opção para mais 25, num negócio que envolve dois milhões de dólares.

A «Guinness Peat Aviation» terá posição maioritária na nova empresa, enquanto a «Airbus», a «Pacific Western Airlines», do Canadá, e a grupo bancário francês Paribas serão sócios minoritários.

A «Guinness Peat» procura explorar aquilo que considerava ser um mercado em expansão para fornecimento de aparelhos em sistema de «leasing» e em Junho do ano passado encomendou 81 Boeing 737.

As novas encomendas elevam a 262 o número de Airbus A-320 já solicitados por companhias aéreas. O avião ainda não entrou em funcionamento, prevendo-se que comece a voar em Março de 1988.

Regadas

alvo de roubo?

Inventário

aos «móveis de estilo»

da Directoria

da PJ do Porto

O director da Polícia Judiciária do Porto, dr. Pinto Espanhol, solicitou à Direcção-Geral do Património para que proceda à rigorosa verificação do mobiliário afecto ao departamento que dirige, na sequência das afirmações do subinspector em fuga Júlio Regadas a um matutino daquela cidade, segundo as quais teriam sido desviados por polícias vários móveis de estilo da instituição.

Simultaneamente, e assinado pelo dr. Pinto Espanhol, foi finalmente publicado ontem na ordem de serviço da Directoria do Porto da Polícia Judiciária o mandado de captura contra Júlio Regadas, cujo paradeiro as últimas informações conhecidas indicavam na cidade de Vigo, em Espanha.

Entretanto, Maria da Graça Bastos Lopes, a principal ré no processo, voltou ontem ao 1.º Juízo de Instrução Criminal, a fim de ser ouvida pelo magistrado titular, dr. António Tavares, pela primeira vez na qualidade de arguida, já que até agora aparecia como simples depoente, embora já estivesse detida na cadeia de Custódias. Ainda relativamente a Maria da Graça, «O Comércio do Porto» noticiava esta manhã que o seu irmão, Adriano Lopes, fugido há dois anos do Tribunal de S. João Novo, onde acabara de ser condenado a 15 anos de prisão, diz estar disposto a entregar-se às autoridades desde que isso sirva para «salvar» a falsa economista e antiga amante do falecido cônsul da Austria no Porto.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 9.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

Pelo 9.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa e 1.ª Secção correm editos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada HABISOCIAL - CONSTRUTORA DE HABITAÇÕES SOCIAIS, LDA., com sede na Quinta dos Loios - Lavradio - Barreiro, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução Ordinária N.º 11.050, movida por TECHNICAL PORTUGUESA - SISTEMAS DE ALUMÍNIO, LDA., com sede na Rua da Guiné, 33-A, Prior Velho - Sacavém, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1987

A Juiz de Direito

Fernanda Isabel Sousa Pereira

O Escrivão de Direito

Manuel Miguel Farinha Figueiredo

(«DL» 14/1/87 - 1.ª Pub.)

COMARCA DE LISBOA 8.º JUÍZO CÍVEL

Processo N.º 533/A 3.ª Secção

ANÚNCIO

para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 3.ª secção, correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Rupe - Mobiliário João B. Marta Martins, SARL, Estrada Nacional 248, Marinhelas, Fuzo, Trajouce, Cascais para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execução movida pelo Banco Português do Atlântico, E.P., desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito

Jorge dos Santos

O Escrivão Adjunto

João António Costa Penaforte

(«DL» 14/1/87 - 1.ª Pub.)

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES SECRETARIA DE ESTADO DAS VIAS DE COMUNICAÇÃO



JUNTA AUTÓNOMA DE ESTRADAS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DE LISBOA

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO - EN 356 - BENEFICIAÇÃO ENTRE FÁTIMA E PINHEL

- PREÇO BASE 100 000 000\$000

- ALVARÁ EXIGIDO - IV CATEGORIA (VIAS DE COMUNICAÇÃO E AERÓDROMOS) E/OU DA 1.ª SUBCATEGORIA DA IV CATEGORIA (ESTRADAS E ARRUAAMENTOS, INCLUINDO TERRAPLENAGENS) NA CLASSE CORRESPONDENTE AO VALOR DA PROPOSTA, TAL COMO DEFINIDA NOS N.ºs 1 E 2 DO ARTIGO 1.º DO DECRETO-LEI 310 / 80 DE 19 DE AGOSTO.

- LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DE LISBOA, RUA LUCIANO CORDEIRO, 77-4.º - 1100 LISBOA, ÀS 15 HORAS DO DIA 17 DE FEVEREIRO DE 1987.

- LOCAL, DIA E HORA DO ACTO PÚBLICO DO CONCURSO: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE LISBOA, RUA LUCIANO CORDEIRO, 77-4.º - 1100 LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS DO DIA 18 DE FEVEREIRO DE 1987.

- LOCAIS E HORÁRIO PARA EXAME DO PROCESSO: DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE CONSERVAÇÃO, RUA MARIA DA FONTE, 55 - 1100 LISBOA, DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DE ESTRADAS DE LISBOA E DIRECÇÃO DE ESTRADAS DO DISTRITO DE SANTARÉM, DENTRO DAS HORAS NORMAIS DE EXPEDIENTE, A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DESTE ANÚNCIO NO DIÁRIO DA REPÚBLICA, PODENDO OS INTERESSADOS ADQUIRIR CÓPIAS DOS ELEMENTOS PATENTES NA SEGUNDA DAQUELAS ENTIDADES, NOS TERMOS DA LEGISLAÇÃO EM VIGOR.

LISBOA, 22 DE DEZEMBRO DE 1986.

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS
Luís Filipe Adão e Silva



●●● - lance a beneficiar

Angústia Desespero Solidão

54 45 45



uma voz amiga estará contigo

Greve da Carris desconvocada pelo Sindicato afecto à UGT

O plenário dos trabalhadores da Carris integrados no Sitra, um sindicato UGT fortemente implantado na empresa, decidiu ontem aceitar a última proposta salarial do Conselho de Gerência e, como tal, desconvocar a greve marcada para sexta-feira.

Os trabalhadores reunidos na estação da Musgueira aceitaram a proposta de aumento de 11,9 por cento.

Mantém-se, no entanto e para já, o desacordo dos trabalhadores enquadrados na Festru, uma estrutura intermédia representativa dos sindicatos afectos à CGTP-Intersindical. A Festru propõe aumentos de 19 por cento e um seu porta-voz já comunicou que não iriam aceitar aumentos de 12 por cento.

A Festru tem marcado para hoje um plenário de trabalhadores na estação de Santo Amaro em que será decidido o caminho a seguir face aos últimos desenvolvimentos das negociações salariais na Carris.

Afirma a CGTP

Divisionistas recuaram na "concertação"

No campo das relações laborais deu-se entretanto um facto que poderá alterar substancialmente o optimismo revelado pelo Governo quanto à propalada aceitação da sua política de salários e preços para o ano em curso.

Com efeito, a UGT enviou, ontem, ao Conselho Permanente de Concertação Social um telex em que comunica que não se fará representar na reunião do Conselho marcada para hoje.

A UGT invocou como justificação para esta sua mudança de atitude-até aqui tem participado em pleno no Conselho de Concertação Social e dado o seu aval a algumas contestadas decisões tomadas no seu seio- o facto de o Governo estar «a tentar substituir o acordo sobre política de rendimentos pela imposição de um tecto salarial».

Ao tomar conhecimento desta reviravolta da UGT, a CGTP, que sempre se tem recusado a tomar o seu lugar no referido Conselho, emitiu um comunicado em que diz ter-se a UGT sentido «obrigada a simular uma mudança de posição dadas as dificuldades que tem de explicar aos trabalhadores a negociata que fez com o patronato e o Governo».

A CGTP-IN alertou, ainda, para «o papel dos divisionistas quando estão em causa os direitos e interesses dos trabalhadores» e para o facto de «desde a primeira hora ter denunciado que com o acordo da UGT à política de rendimentos assinado no Conselho Permanente de Concertação Social se procurava impor um tecto salarial nos processos de negociação colectiva relativa a 1987».

Por causa da representação da CEE

Braço de ferro entre Cavaco e Delors

A nomeação do chefe do gabinete de informação da Comissão Europeia em Lisboa - representação oficial da CEE - transformou-se num braço-de-ferro entre aquela instituição e o Governo português, afirma a agência Lusa com base em informações recolhidas em Bruxelas.

O assunto, de acordo com as mesmas fontes, será mesmo objecto de discussão entre o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, e o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, na próxima sexta-feira, por ocasião da visita deste a Lisboa, no périplo que está efectuar para apresentar as suas ideias sobre o futuro da Comunidade Europeia.

Segundo os informadores da Lusa, o assunto será discutido entre Delors e Cavaco Silva. Num momento em que a Comissão Europeia, procurando apresentar uma situação de facto, optou já por escolher um dos três nomes escolhidos pelo júri de um concurso público organizado para o efeito, nos quais não se inclui o candidato governamental, Matos Torres, administrador do Banco de Portugal.

De acordo com uma proposta do comissário responsável pelo pelouro de informação, Carlo Ripa di Meana, o chefe do gabinete da Comissão Europeia em Lisboa deverá ser António

Menezes, responsável em Londres pelos serviços portugueses da BBC, entretanto já convocado para se submeter a exames médicos em Bruxelas.

A decisão de nomeação não foi ainda formalizada tendo sido adiada por quinze dias devido a uma intervenção do comissário de nacionalidade portuguesa, Cardoso e Cunha, baseada na necessidade de dar ao Governo português o tempo necessário para expor os seus motivos.

Face à rejeição do seu candidato pelo júri, o Governo português tem defendido a anulação do concurso, com base naquilo que recentemente aconteceu em relação ao chefe de «bureau» da Comissão Europeia em Londres.

Neste último caso, perante o persistente desacordo entre a Comissão Europeia e o governo britânico sobre o assunto, foi pela primeira vez decidido no passado dia 19 de Dezembro anular o concurso inicial, reiniciando-se um novo procedimento para provisão definitiva do lugar acompanhado de uma contratação temporária de um chefe de «bureau».

A eventualidade de aplicação de uma solução semelhante no caso do gabinete de Lisboa, que o Governo português e o comissário de nacionalidade portuguesa tem defendido,

parece no entanto posta fora de causa perante a intransigência manifestada pela comissão europeia em prosseguir o curso normal do concurso. Esta atitude terá provavelmente origem na insistência com que o Governo português e o comissário Cardoso e Cunha têm interferido em numerosas nomeações de funcionários portugueses para a CEE, à revelia dos regulamentos e dos usos comunitários.

Face ao evoluir da situação, segundo as fontes da Lusa, o Governo português encararia agora com melhores olhos uma proposta que lhe foi feita pelos serviços da Comissão Europeia no sentido da nomeação, ao contrário daquilo que sucede com os restantes países membros, de duas personalidades, uma encarregada do gabinete de informação e outra responsável pelos contactos com a área do poder.

Essa solução, rejeitada inicialmente pelo Governo português como constituindo na prática uma equiparação de Portugal a um país terceiro, teria recentemente sido objecto de uma aceitação por Cavaco Silva durante um contacto telefónico com o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors.

Brasil cede à pressão do FMI

O Brasil vai reatar, proxima-mente, os contactos com o Fundo Monetário Internacional (FMI), após quase dois anos de recusa em aceitar as normas da organização para ajustar a sua economia, informou terça-feira o jornal «The Washington Post».

O diário acrescenta que, para além de retomar os seus contactos com o FMI, o Brasil negociará, igualmente, com o Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento, a fim de obter novos financiamentos.

Neste contexto, está programada para quinta e sexta-feira a deslocação a Nova Iorque do presidente do Banco Central do Brasil, Fernando Bracher, com a intenção de negociar com os representantes da banca credora novos créditos ao país.

Esta será a primeira vez no espaço de dois anos que o Brasil recorre à Banca privada para um financiamento que se calcula poder situar-se entre os 2000 e os 3000 milhões de dólares.

O Brasil possui a maior dívida externa dos países em vias de desenvolvimento, cifrando-se em 108 000 milhões de dólares.

O Governo de Brasília rejeitou aceitar as normas de reajustamento económico do FMI por considerá-las recessivas e em seu lugar impôs um plano próprio de estabilização financeira prioritariamente destinada a conter a inflação, que ameaçava em 1986 atingir os 500 por cento.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$15	52\$15
ALEMANHA FED. (marco)	75\$60	76\$80
ÁUSTRIA (xelim)	10\$70	10\$90
BÉLGICA (franco)	3\$447	3\$697
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	103\$75	106\$25
(notas de 5 a 1000)	104\$25	106\$75
DINAMARCA (coroa)	19\$85	20\$25
ESPAÑA (peseta)	1\$070	1\$190
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141\$00	144\$50
(notas de 5 a 1000)	141\$50	145\$00
FINLÂNDIA (marka)	30\$40	31\$00
FRANÇA (franco)	22\$60	23\$30
HOLANDA (florim)	67\$05	68\$15
IRLÂNDIA (libra)	204\$25	208\$25
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$867	\$922
NORUEGA (coroa)	19\$60	20\$10
REINO UNIDO (libra)	212\$20	216\$70
SUÉCIA (coroa)	21\$30	21\$80
SUÍÇA (franco)	90\$15	91\$65
VENEZUELA (bolívar)	5\$75	6\$75

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Confirmado pelo INE

Inflação em 1986 foi de 11,7

Os preços aumentaram em Portugal 11,7 por cento em 1986, relativamente a 1985, excluindo a habitação, informou ontem o Instituto Nacional de Estatística.

De acordo com o índice de preços no consumidor, publicação mensal do INE, este valor para a inflação ficou a dever-se a aumentos substancialmente inferiores em algumas classes do índice, com particular relevo para a «alimentação

e bebidas» e «diversos».

A classe «vestuário e calçado» foi a que contribuiu mais em 1986 para o agravamento dos preços, com 23,5 por cento (23,5 em 1985), seguindo-se-lhe os «diversos», com 14,5 por cento (21,9 em 1985), «despesas da habitação», 10,7 (20,0) e alimentação e bebidas, 9,1 por cento (contra 17,7 em 1985).

«Alimentação e bebidas» foi a rubrica que sofreu o

maior agravamento de preços, comparado com Novembro, mais 2,2 por cento, seguindo-se «vestuário e calçado», 1,9 por cento, «diversos», 1,2 por cento. «Despesas da habitação» foi a que se agravou menos no último mês do ano, praticamente sem aumento, mais 0,1 por cento.

29,3 por cento
há dois anos

Desde que foi introduzido o

índice de cálculo actualmente em vigor (1976) o ano passado foi o de inflação mais baixa contrastando particularmente com os altíssimos 29,3 por cento em 1984.

Eis as taxas de inflação entretanto registadas pelo Instituto Nacional de Estatísticas:

1977 — 27,4 por cento; **1978** — 22; **1979** — 24,2; **1980** — 16,6; **1981** — 20; **1982** — 22,4; **1983** — 25,5; **1984** — 29,3; **1985** — 19,3; **1986** — 11,7 por cento.

Apesar da protecção japonesa

O dólar em queda livre e abaixo de 145 escudos

O dólar voltou ontem a cair nos mercados cambiais, apesar de o Banco Central do Japão ter comprado 2 500 milhões de dólares (um recorde para um só dia) com o objectivo de amparar a moeda norte-americana.

O dólar findou o dia em Milão a 1 335 liras, contra 1 349,70 na véspera, a mais baixa cotação desde 11 de Junho de 1982 (1 324,55 liras). Encerrou, também, mais baixo em Francofort, a 1 880 marcos, contra 1 8965

na segunda-feira (um recorde desde Outubro de 1980), em Zurique (a 1 5715 francos suíços, contra 1 5875), e em Paris (6 2650 francos contra 6 3212). Em Londres, a libra fechou a 1 4915 dólares, contra 1 4900 na segunda-feira.

Analistas dos mercados dizem que a queda do dólar foi motivada por receios generalizados de que a economia norte-americana piore no primeiro trimestre de 1987.

Em Tóquio a moeda norte-

americana desceu aos 156 ienes, o valor mais baixo desde 22 de Outubro, apesar da intervenção do Banco Central japonês.

Ainda que em relação ao escudo a queda seja menos significativa, pois também a moeda portuguesa sofre a sua desvalorização mensal face às principais divisas, em Lisboa o dólar desceu, pela primeira vez há vários meses, abaixo dos 145 escudos.

Segundo as cotações distribuídas esta manhã pelo Banco de Portugal, o dólar foi comprado

em Lisboa a 141 e 141 50 (notas pequenas, de 1 e 2 dólares, e as notas maiores, respectivamente) e vendido a 144 50 e 145 00, consoante se trate das notas de 1 e 2 dólares ou de notas maiores.

Quanto às moedas europeias atingidas pelo realinhamento recente do SME temos o marco alemão cotado a 75 60 e 76 80 (compra e venda), o franco belga a 3 44 e 3 69 e o florim holandês a 67 05 e 68 15, também na compra e na venda.



Mineiros deixam a mina de ouro Beatrix, no estado de Orange, África do Sul, onde metade deles se demitiram das suas funções depois de confrontos tribais em que morreram oito mineiros e 53 ficaram feridos

Maquieiros, polícias e uma enfermeira levaram duas horas para soltar um lojista a quem um assaltante colou as mãos ao balcão com uma cola super rápida, revelou a Polícia britânica. O homem foi abandonado preso ao balcão da loja e a gritar por auxílio depois do ladrão ter entrado com uma arma, ter espalhado a cola no balcão e lhe ter ordenado «põe as mãos nisto». Um transeunte chamou a Polícia mas esta não conseguiu libertar o lojista. Os maquiros de uma ambulância não conseguiram melhor. Finalmente chegou uma enfermeira de um hospital com um frasco de dissolvente para a cola. O ladrão entretanto já há muito que tinha fugido com 750 libras (cerca de 165 contos).



Uma mulher, bem agasalhada, admira uma fonte cuja água congelou, dando lugar a uma bela escultura. As baixíssimas temperaturas que por toda a Europa se têm feito sentir já provocaram mais de 100 mortos e estão a causar graves transtornos nos transportes, açambarcamentos e uma severa restrição nas reservas de combustível

Raízes da medicina moderna

Os antigos romanos inventaram, há mais de dois mil anos, a pediatria, a ginecologia, a medicina legal e social, afirma um historiador italiano, que acaba de publicar um ensaio sobre o assunto. O historiador Giuseppe Penso diz ainda na sua obra intitulada «A Medicina entre os Romanos» que estes também conheciam as células que foram descobertas em meados do século XVII por Robert Hook. O autor do ensaio, que é assessor da Organização Mundial de Saúde, afirma que a anestesia «foi outra das fabulosas descobertas dos romanos». Penso considera que a especialização que a Medicina conheceu nos tempos modernos tem raízes muito antigas e que na Roma Imperial Marte desempenhava as funções de médico de família, o clínico geral que toda a gente podia consultar. O ensaio sublinha também que a cirurgia, incluindo a estética, deu os seus primeiros passos na civilização romana, mas o seu toque de génio no campo da Medicina foi compreender a origem bacteriológica de certas doenças.

Menos testes nucleares em 86

Um total de 21 testes nucleares foram levados a cabo durante 1986, prefazendo o mais baixo número de experiências deste género ocorridas desde 1960, anunciou o Instituto sueco de Pesquisa para a Defesa Nacional (FOA).

De acordo com a sondagem preliminar elaborada pelo instituto, a redução sentida no ano passado deve-se apenas à proibição soviética (voluntária e unilateral) de testes nucleares, imposta em Julho de 1985. Neste ano realizaram-se 30 testes nucleares, sendo os EUA os responsáveis pela maioria deles. O ano passado, a França efectuou exactamente o mesmo número de testes que tinha feito em 1985, fazendo explodir oito engenhos nucleares no atol de Muro-roa, no Pacífico Sul, enquanto a Grã-Bretanha fez um único teste nuclear em Nevada, tanto este ano como em 1985. Segundo o mesmo estudo, a Índia e a China não fizeram explodir qualquer engenho nuclear durante o ano passado.

Moscovo tinha afirmado que a moratória soviética terminaria imediatamente depois da primeira explosão experimental norte-americana em efectuada este ano. O jornal «New York Times» revela, citando fontes governamentais, que o próximo teste nuclear norte-americano está marcado para 5 de Fevereiro.

Príncipe desempregado

O príncipe Eduardo de Inglaterra juntou-se aos mais de três milhões de desempregados britânicos à procura de emprego, depois de ter pedido a demissão dos fuzileiros, onde treinava para ser oficial de carreira. O Palácio de Buckingham não anunciou o que o filho mais novo da rainha Isabel II vai fazer, mas a Imprensa londrina não deixa de dar inúmeras sugestões. O «Sun», que diz que o seu pai, príncipe Filipe, nunca lhe perdoará ter abandonado os fuzileiros, acrescenta uma lista de possíveis empregos: actor, realizador de cinema, apresentador de espectáculos, autor, professor, homem de negócios, clérigo e advogado. O jornal escreve que o príncipe, de 22 anos, gostaria acima de tudo de ser actor. «Nascido actor secundário no show da família real - ele é o quinto na linha para o trono - Eduardo sempre almejou um papel central». «Ele foi apanhado pelo palco quando representou Shakespeare na escola de Gordonstown, na Escócia. Depois aderiu à sociedade de espectáculo ligeiro da Universidade de Cambridge». O adido de Imprensa da rainha disse depois do anúncio da decisão do príncipe, que não se espera nos próximos tempos uma declaração sobre o seu futuro.

Filipinas: o "poder popular" frente à pobreza

PARA CORY, POUCAS COISAS MUDARAM...

Philippe Pons.

Le Monde/DL

Ela também se chama «Cory», mas não é presidente das Filipinas. Ao longo das ruas, vai vendendo o peixe que transporta numa canastra apoiada contra a sua cintura. O nome do bairro em que Cory vive, «Commonwealth», pouco tem a ver com a realidade: a riqueza, colectiva ou individual, não se faz aí sentir, dominado que é pela miséria e a precariedade.

Nesse bairro de barracas, perto do Bataang Pambansa (a Assembleia Nacional), vivem sete mil famílias. Todos os seus habitantes são «squatters» como, aliás, mais de um terço da população de Manila (embora ninguém saiba exactamente quantas pessoas vivem na capital, estas devem rondar os oito milhões).

Nada mudou verdadeiramente na vida de «Cory» desde que o «poder do povo» tomou as rédeas do país há cerca de um ano: a pobreza continua a ser o principal problema com que se defronta o governo de Aquino. Cory vai de madrugada ao mercado de peixes de Novotas, ao norte do grande bairro de lata de Tondo, e regressa para correr as ruas do quarteirão de Cubao, com a sua canastra debaixo do braço. Quando o negócio não corre mal, ela chega a ganhar entre 30 a 40 pesos (cerca de dois dólares).

Noutras alturas, segundo diz, necessita de recorrer ao usurário do bairro, que pratica uma taxa de juros de 20 por cento por dia. «Ou seja, acabamos por não ganhar nada. Agora, acrescenta, a situação melhorou: uma parte dos moradores associou-se numa cooperativa, Sama-Sama (Auxílio Mútuo), nos empresta 200 pesos a quarenta dias, com um juro de 15 por cento».

Subalimentação

O que mudou desde Fevereiro passado na vida da população pobre de Manila foi o facto de a polícia ter deixado de intervir para proibir a actividade das organizações que iam aparecendo. «Na aparência pouco mudou, é

verdade, mas na realidade surgiram uma série de iniciativas parcelares, pontuais: desapareceu o medo de se ser acusado de subversão, as pessoas aprendem a gerir a sua pobreza. E isso é positivo», diz uma religiosa de «Commonwealth».

A pobreza nas Filipinas... Muitas vezes não vemos mais do que aquilo que está à superfície: a miséria extrema e patética dos vagabundos (taong grassa), a pobreza pungente das crianças que se dedicam à mendicância e que estreitam as suas mãos contra os vidros dos carros. Mas existe ainda uma outra pobreza, difusa, menos «espectacular», uma vez que se encontra dissimulada nos bairros de casebres e também porque a subalimentação nem sempre salta à vista.

«70 por cento da população filipina vive abaixo do limiar da pobreza, o que quer dizer que satisfaz menos de 80 por cento das suas necessidades alimentares», afirma senhora Karimata Constantino David, ministro adjunto para os Assuntos Sociais. «Ao longo destes dez últimos anos, a percentagem de população subalimentada sofreu um aumento de, pelo menos, 40 por cento», precisa. Globalmente, entre 1983 e 1986, o rendimento nacional per capita desceu de 760 para 590 dólares.

Socióloga, a senhora Constantino David elaborou numerosos inquéritos sobre os «habitantes das ruas» e sabe do que fala. Considerada como uma intelectual «engagée», ela não poupa críticas ao governo de que faz parte pela lentidão que demonstra em iniciar o combate à po-

breza. O cargo de ministro dos Assuntos Sociais foi atribuído a uma outra mulher, Mita Pardo de Tavera, conhecida pela sua acção social, nomeadamente na prevenção da tuberculose e na luta contra a subalimentação.

«Os problemas sociais são enormes», prossegue Constantino David, que trocou as suas jeans e tee-shirts de socióloga de campo por fatos mais convencionais, mas que demonstra a mesma determinação que outrora. «Conseguimos que em 1987 as despesas sejam acrescidas em 100 por cento. Dispostos assim de 500 milhões de pesos (contra 187 mil

hões em 1986). Devíamos começar a fazer qualquer coisa».

«A nossa política baseia-se na prevenção e já não na resolução pontual de algumas questões. Estas, pelo seu carácter espectacular, podem traduzir-se em dividendos políticos, mas não resolvem nada. Mais que acções directivas, procuramos encorajar as pessoas e financiar iniciativas tomadas pela base. O Ministério não pode gerir, nem centralizar tudo: acima de tudo, é necessário que se crie uma dinâmica de acção».

Crianças da rua

De modo a combater, num primeiro tempo, o de sempre, o governo aprovou um programa de obras públicas que deverá entrar em vigor nos próximos 18 meses.

No plano social, um dos problemas mais graves das Filipinas é o das crianças das ruas. «Eles são mais do que 25 mil, dos quais dez mil se encontram em Manila», diz Constantino David. A sua idade varia entre os 6 e os 15 anos. Eles mendigem, roubam ou prostituem-se e são frequentemente membros de organizações que têm uma relativa cobertura policial.

O centro de recuperação de Manila (que se chama Centro de Recuperação Juvenil), localizado no centro da cidade ao lado do Lions Club, é igual ao que era há alguns anos atrás. Apenas as grades das celas, antes pintadas de azul-celeste, são agora amarelas (cor do «poder do povo»).

Mas as cerca de 60 crianças que aí se encontravam naquele dia continuam a dormir sob o mesmo «sol», uma luz fluorescente acesa tanto de dia como de noite. O governo deve tomar medidas no âmbito de um programa de reeducação das crianças da rua, mas, por agora, nada foi feito. A polícia continua a prendê-las e, eles, apenas sonham em evadir-se para de novo regressar à rua.



Habitante de um bairro pobre de Manila: 70 por cento da população de Manila vive abaixo do limiar da pobreza.

Afeganistão

URSS PRETENDE DOIS ANOS PARA RETIRAR AS SUAS TROPAS

A União Soviética pode propor um prazo de dois anos para a retirada total das suas forças do Afeganistão, com uma retirada inicial de 50 mil soldados no espaço de três meses, revelaram fontes diplomáticas ocidentais. Segundo as mesmas fontes, que pediram o anonimato, rumores na capital afegã, Cabul, indicam que Moscovo pretende estabelecer um prazo para pôr fim ao seu envolvimento militar no Afeganistão, onde mantém actualmente 115 mil soldados, de acordo com estimativas ocidentais.

de o Governo de Cabul não se manter sem o apoio militar soviético.

A URSS deu já a entender que pretende apresentar um prazo para a retirada das suas forças nas conversações a decorrer no próximo mês em Genebra entre delegações do Paquistão e do Afeganistão.

Até agora, não tem sido possível chegar a acordo nestas conversações, promovidas sob os auspícios das Nações Unidas, dado que o Paquistão pretende a retirada total das tropas soviéticas no espaço de quatro meses e o Afeganistão propõe um prazo de quatro anos.



Encontro Papa/Jaruzelski

O Papa João Paulo II considerou que a reunião de ontem com o presidente da Polónia, general Wojciech Jaruzelski, foi um «encontro histórico». Também o presidente polaco declarou estar satisfeito por este encontro com João Paulo II já que ele se realizou no Vaticano, anteceder uma viagem do Papa à Polónia. Jaruzelski avistou-se também com o cardeal Agostinho Casaroli, secretário de Estado do Vaticano. Os temas abordados nos encontros não são conhecidos, mas especialistas afirmam que, nas duas reuniões do Vaticano, Jaruzelski discutiu o reconhecimento do estatuto jurídico da Igreja polaca, primeiro passo para o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois Estados.

Situação em França

Pouco a pouco, a França regressa ao trabalho mesmo se, aqui e ali, alguns bastiões de grevistas continuem o movimento de greve nos caminhos-de-ferro, na Electricidade de França e nos transportes parisienses. Como o fazem notar analistas franceses, ninguém sai totalmente vencedor ou totalmente vencido. Os grevistas retomam uns atrás dos outros o trabalho e o governo não parece reforçado por esse facto. Certos grevistas interrogam-se sobre o que ganharam realmente, entre as concessões firmes, as promessas e as recusas categóricas, enquanto que no Ministério da Economia e Finanças se concede um mês para fazer o balanço dos prejuízos económicos da indústria e do comércio devido a este mês de greves.

Atentado contra embaixador

Um grupo cuja denominação provém do nome de um traficante de droga reivindicou o atentado contra o embaixador colombiano na Hungria. Enrique Parejo Gonzalez alvejado a tiro em sua casa, em Budapeste. O atentado ocorrido ontem em Budapeste coincidiu com uma campanha antidroga desencadeada pelo Governo de Bogotá, após o assassinato de Guillermo Cano, jornalista colombiano, no dia 17 de Dezembro de 1986. A vítima ficou gravemente ferida.

Segue

Relações Japão/RDA

O Japão e a República Democrática Alemã concordaram em promover o desenvolvimento das relações políticas, económicas e culturais, em resultado da visita oficial do primeiro-ministro nipónico, Yasuhiro Nakasone, a Berlim.

O chefe do governo japonês e o presidente do Conselho de Estado da RDA, Erich Honecker, salientaram também as boas hipóteses de incrementar as trocas comerciais bilaterais, mas uma fonte japonesa precisou que este tema compete especificamente às entidades do comércio e indústria dos dois países.

Gonzalez no Egipto

O primeiro-ministro espanhol reafirmou no Cairo, onde manteve conversações com o presidente egípcio Hosni Mubarak, o apoio do seu país à realização de uma conferência internacional para o estabelecimento da paz no Médio Oriente. O líder espanhol apelou ainda para o fim da guerra Irão-Iraque, que já dura há mais de seis anos, declarando que «as negociações são o melhor meio de resolver este problema».

A questão das Malvinas

O presidente do Congresso Mundial Judaico disse que está a servir de mediador entre a Grã-Bretanha e a Argentina para resolução da disputa da soberania das Falklands entre os dois países. Edgar Bronfman, actualmente de visita a Londres, disse em conferência de imprensa que se avistou com a primeira-ministra Margaret Thatcher a quem entregou uma mensagem do presidente argentino, Raul Alfonsín.

A URSS pretende retirar nos próximos três meses 50 mil dos seus soldados naquele país e concluir a operação de retirada dentro de dois anos, disseram as mesmas fontes.

Todavia, comunicados governamentais de Moscovo e Cabul nada referem quanto ao fim do envolvimento militar da URSS em território afegão.

O Governo afegão apelou recentemente a um cessar-fogo de seis meses (a começar amanhã) na guerrilha, que há oito anos opõe tropas afegãs e rebeldes muçulmanos.

Foi igualmente proposta pelo Governo uma política de reconciliação nacional.

Fontes ocidentais em Cabul dizem ainda que estão a receber notícias de que os con-

frontos continuam em muitas partes do território afegão e que os apelos oficiais a tréguas com a guerrilha de nada valerão. Os guerrilheiros disseram desde logo que não aceitarão o cessar-fogo.

Todavia, foi marcada uma reunião de líderes da guerrilha para dar uma resposta às propostas de Cabul.

A reunião, que durante dois dias decorreu perto da fronteira paquistanesa de Peshawar, terminou ontem.

Mas, segundo fontes dos rebeldes, já se tinha chegado a uma decisão na segunda-feira, embora ela só seja revelada no sábado.

Observadores políticos ocidentais concordam ainda em que a proposta afegã de cessar-fogo só se justifica pelo facto



Facto sem precedentes na União Soviética

Responsável do KGB destituído por abuso de poder

Trata-se de um caso sem precedentes. Um alto responsável do KGB na Ucrânia foi publicamente destituído por ter perseguido um jornalista demasiado curioso. O chefe do KGB, Victor Tcherbrikov, tomou mesmo a iniciativa de vir pessoalmente dar conhecimento público do facto, na primeira página da «Pravda».

Já havia acontecido, no passado, que um chefe da polícia secreta fosse discretamente executado com uma bala na cabeça, numa cave qualquer. Foi o caso de Iagoda e Lejov, no tempo de Estaline, e Beria foi igualmente morto depois do falecimento do ditador. Mas já mais se havia visto na URSS um graduado da KGB ser publicamente punido por abuso de poder e violação da «legalidade socialista». Os soviéticos consideram, a justo título, que os «órgãos», como eles lhe chamam, têm todos os direitos sobre os simples cidadãos. Os oficiais do KGB nunca têm de responder pelos seus actos diante de outras instâncias que não sejam as da sua própria «casa». O caso do jornalista Berkhine, se for seguido por outros similares, representa

uma viragem.

Eis os factos: em Vorochilovgrad, uma cidade média ucraniana com 400 mil habitantes (que deve o seu nome ao antigo comissário do povo para a Defesa), o jornalista incomodava as autoridades locais com as reportagens publicadas no jornal «Mineiro Soviético». Falava de desvio de fundos, de corrupção, de tráfico de todo o género. Para o fazer calar, um chefe local da KGB, Ditchenko, coloca os seus homens no encalço do jornalista. Este não cede. Revistam-lhe a casa durante cinco horas sem nada encontrar, «nem ouro, nem cristal, nada além de livros», escreve a «Pravda», a 4 de Janeiro, num longo artigo em que denuncia o caso. Interrogamo-lo durante uma noite inteira. Finalmente, em desespero de causa, prendem durante quinze dias este homem de 56 anos, sob o pretexto de que, alguns anos atrás, havia sido visto em roupa interior no corredor de um hotel da cidade...

Numa resposta à denúncia da «Pravda», o chefe da KGB, Tcherbrikov, fazia saber, a 8 de Janeiro, na pri-

meira página daquele diário, que Ditchenko «havia sido demitido das suas funções e expulso da KGB, por ter insinuado um processo sem fundamento» contra o jornalista. «Sanções disciplinares» haviam sido pedidas «contra outros funcionários da KGB na região de Vorochilovgrad, culpados de acções ilegais». Tcherbrikov acrescentava que «medidas suplementares» tinham sido adoptadas para «assegurar o rigoroso respeito da lei pelos órgãos da KGB». Não precisava quais...

Na aparência, e como num bom romance policial, o íntegro jornalista triunfara sobre um polícia venal. Mas o caso não é, sem dúvida, tão simples como isso.

No artigo da «Pravda» falava-se do aparecimento de «resistências», na região de Vorochilovgrad, às reformas exigidas por Gorbachev. A «Pravda» acrescentava ter constatado mesmo a existência de tais «resistências» em toda a Ucrânia e denunciava o principal responsável pela situação: o primeiro-secretário daquela República, Chtcherbisky, que é simultaneamente mem-

bro do Politburo.

Os rumores sobre a iminente «passagem à reforma» de Chtcherbisky, o último «velho brezneviano» do Politburo, multiplicam-se. Mas o homem é coreáceo e tem conseguido, até agora, manter intacta a sua rede de influências e a clientela na sua terra natal, a Ucrânia. Contra todas as expectativas, manteve-se à frente do PC ucraniano no último Congresso desta organização.

O caso Berkhine pode ser considerado quer como mais um exemplo dos recentes progressos registados na área da «legalidade socialista» e da «transparência» (glasnost), quer como mais uma ofensiva contra um opositor de Gorbachev, refugiado no seu recheado ucraniano. As duas interpretações não se excluem. Aguarda-se, em todo caso, com interesse, a próxima investida contra um graduado da KGB por abuso do poder.

DOMINIQUE DHOMBRES

(correspondente de Le Monde em Moscovo)

Evaristo "chutado" pela Imprensa

O brasileiro Evaristo Macedo foi demitido do cargo de treinador da selecção de futebol do Qatar, na sequência dos maus resultados da equipa. Macedo (antigo «internacional» do Brasil) treinara antes outra selecção árabe (a do Iraque) tendo sido igualmente afastado após a fraca participação iraquiana no «Mundial» do México.

O contrato de Evaristo Macedo no Qatar era válido até 1988, mas a Imprensa criticou-o duramente. O seu sucessor ainda não foi designado.

Verona cuida da segurança

O chefe da Polícia de Verona decidiu montar câmaras de vídeo no estádio Bentegodi para possibilitar a identificação dos protagonistas de possíveis actos de violência no decorrer de jogos de futebol.

O estádio do Verona tem sido palco de confrontos entre os «tiffosi» locais e os adeptos de equipas visitantes em jogos do campeonato italiano de futebol e as medidas, adoptadas numa cimeira local sobre segurança pública, apontam ainda para a proibição de cartazes provocatórios, para a intensificação de controlos e para o encerramento ao domingo dos armazéns de construção civil nos arredores do estádio.

Hoje: na Tapadinha

O melhor futebol de salão que se joga em todo o mundo

● Crianças podem ver de graça os campeões mundiais

Sensacional: hoje e amanhã, os reis mundiais do futebol de salão actuam em Lisboa, mercê de uma iniciativa conjunta da Agência Europeia (chefiada por Máximo Fortes, também presidente da Associação de Futebol de Salão de Lisboa) e do Pátio Alfacinha (que tem na sua vanguarda José Eduardo, presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol).

De facto, é muito arrojada a vinda ao nosso País da fabulosa turma brasileira do Bradesco, campeã mundial interclubes e constelada de jogadores da selecção «canarina», também titular mundial. O programa está

assim elaborado, para esta noite, no Pavilhão da Tapadinha, a partir das 21 horas: Europeia-Pátio Alfacinha e Apolo/Timex-Bradesco. Amanhã, no Pavilhão dos Desportos (Pavilhão Carlos Lopes), às 18 horas, tem lugar a final, jogando-se depois (19 e 30) para o 3º lugar.

A comissão organizadora deste decisivo arranque do futebol de salão no nosso país, subordinado às coordenadas internacionais emanadas da única entidade que superintende na modalidade (a Fifusa, radicada no Brasil mas já abrangendo cerca de 75 países) está integrada de elementos de alta valia e com

credenciais no nosso desporto: **Coordenação Geral:** Máximo Fortes, José Tita, Fernando Santos e Máximo Mourinha; **Alojamento:** José Felgueiras (Europeia); **Alimentação:** Celestino Rodrigues (Pátio Alfacinha); **Transportes:** José Felgueiras (Europeia); **Departamento Médico:** dr. José Feio, Joaquim Grilo e Pedro Conceição; **Imprensa:** Manuel Rodrigues e José Eduardo; **Relações Públicas:** Carlos Barroso e Florbela Bem; **Secretariado:** Albertina Costa; **Conselho Jurídico:** dr. Luiz Abrantes Mendes, dr. Luís Paulo Relógio e dr. José Conde; **Conselho Técnico:** José Manuel

Torcato, Manolo Vidal e Palmeiro Antunes; **Árbitros:** Honorato Santos, Maranhas Abreu, João Correia e Raul Martins.

Pretende-se com este torneio incentivar em Portugal a prática ordenada do futebol de salão, de que o Brasil é expoente máximo, e proporcionar ao nosso público a possibilidade de ver em acção a máquina de destreza e movimento chamada «Bradesco». A RTP, (num esforço digno de louvor) fará a transmissão em directo da final do torneio, oferecendo a todo o país a possibilidade de usufruir o espectáculo de um jogo de futebol de salão em toda a sua plenitude.

A captação do interesse do público (em geral) e das crianças (em particular) é um dos objectivos, pelo que estão convidadas as crianças das escolas de Lisboa para assistirem à final do torneio: para elas a entrada é gratuita.

A organização do torneio instituiu quatro prémios individuais a atribuir entre os atletas participantes. Serão contemplados os mais destacados jogadores do torneio, e terão as seguintes designações:

- Prémio «Carlos Manuel»: melhor jogador do torneio
- Prémio «Bento»: melhor guarda-redes do torneio
- Prémio «Manuel Fernandes»: melhor marcador do torneio
- Prémio «Raul José»: jogador mais simpático do torneio

O júri será composto por representantes da Imprensa.

MANUEL JOSÉ 'CHICOTEADO' PELO SPORTING

Há largo tempo este desfecho estava no mapa: a pronto ou a médio prazo o destino de Manuel José à frente dos «leões» andava traçado, face à contínua série de desesperantes resultados, somente quebrados pela saborosa vitória (7-1) sobre o Benfica. Porém, o golpe final tem assinatura de António Moraes: quando os vila-condenses retiraram de Alvalade com um saboroso empate a zero, Manuel José e Valdemar Custódio escutaram a maior vaia possível dos sua entidade patronal, a massa associativa sportinguista, aturda com a torrente de reforços contratados a peso de ouro para nada

de positivo resultar na manobra táctica dos verde-brancos.

Assim, era inevitável: Marinho substituiu Manuel José como técnico do Sporting. Manuel José e o seu adjunto Valdemar Custódio rescindiriam «amigavelmente» o contrato com a direcção leonina, informa Oliveira Duarte, acrescentando que Marinho (treinador das equipas jovens do clube) ocupará interina e temporariamente as funções de técnico principal. Segundo comunicado da direcção leonina entretanto divulgado, iniciaram-se já contactos para a curto prazo, **encontrar uma solução**

definitiva para os quadros técnicos do Sporting.

A direcção do Sporting reuniu para analisar a situação no futebol profissional do clube, na sequência do empate de domingo, com o Rio Ave. Ainda na 2.ª-feira, o técnico dos juniores, Mário Mateus («Marinho») foi contactado pela direcção no sentido de aceitar interinamente o cargo, tendo acedido.

O treino de ontem de manhã foi orientado pelo técnico-adjunto Valdemar Custódio, mas o treino da tarde foi já realizado sob a orientação de Marinho, pouco antes apresentado aos jo-

gadores. Manuel José, que só ao princípio da tarde de ontem chegou a Lisboa (vindo do Norte, onde tem residência) esteve reunido durante cerca de uma hora com a direcção, tendo sido distribuído pouco depois um comunicado com cerca de cem palavras, anunciando a «rescisão amigável».

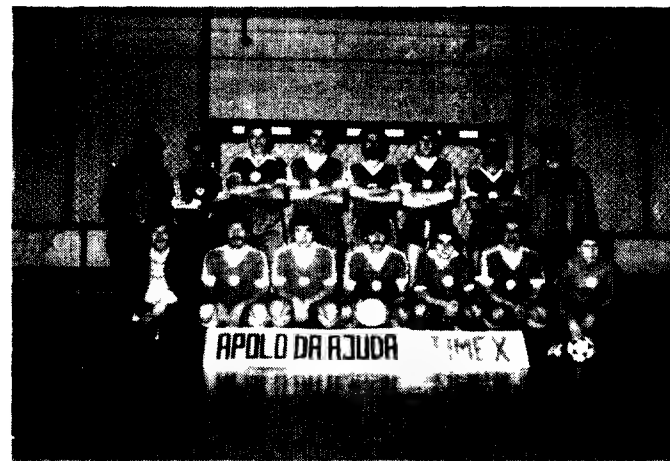
Manuel José e Valdemar Custódio estavam no Sporting desde o início da temporada anterior, contratados pela gerência de João Rocha. A equipa de Alvalade está em 4.º lugar no campeonato, a sete pontos do líder (Benfica).



Agência «Europeia»: uma força



Pátio Alfacinha: com José Eduardo



Apolo da Ajuda/Timex: nossa gente



Bradesco: o campeão mundial

Futebol lá fora

Taça Unicef

O treinador argentino Carlos Bilardo anunciou a lista dos jogadores que formarão a selecção sul-americana de futebol que

defrontará a do Japão, a 24 do corrente, em Tóquio, em jogo cuja receita reverte a favor da Unicef. Os jogadores convocados por Bilardo são os seguintes:

- Guarda-redes: Roberto Fernandez (Paraguai) e Jorge Sere (Uruguai).
- Defesas: Josimar e Edinho (Brasil), Delgado, Jacquet e To-

rales (Paraguai).

- Médios: Junior e Alemão ou Toninho Cerezo (Brasil), Diego Armando Maradona (Argentina) e Cabanas (Paraguai).

- Avançados: Torres e Palácios (Paraguai), José Luís Rodriguez e Raul Maradona (Argentina) e Mauro (Brasil).

Veteranos: «Mundial»

A Itália conseguiu a sua primeira vitória no «Mundial» de Veteranos, ao derrotar a Argentina, por 2-1.



Sporting versus Paço de Arcos

Hóquei em patins

Porto e Benfica batidos em casa

A Juventude de Viana venceu no Pavilhão das Antas, o FC Porto, por 2-1, resultado que constitui a grande surpresa da 1.ª da segunda volta do campeonato de hóquei em patins. Com esta inesperada derrota, o FC Porto, vê reduzida para apenas dois pontos a sua vantagem em relação ao segundo classificado, a Oliveirense.

Outro desfecho pouco previsível desta ronda foi a derrota do Benfica (no Pavilhão da Luz) frente ao Sporting de Tomar, muito embora os «encarnados» mantenham também o 3.º posto da tabela classificativa, mas agora a três pontos de distância da Oliveirense, o

grande beneficiado com os deslizes do FC Porto e do conjunto da «águia». Resultados: Valongo-Sanjoanense, 4-5; FC Porto-Juventude de Viana, 1-2; Oliveirense-Hóquei de Barcelos, 8-3; Benfica-Sporting de Tomar, 3-5; Ferpinta-Famalicense, 4-2; Sporting-Pareda, 9-4 e Sesimbra-Paço de Arcos, 3-4.

Classificação: 1. FC Porto, 38 pontos; 2 Oliveirense, 36; 3 Benfica, 33; 4 Ferpinta, 30; 5 Sporting, 30; 6 Juventude de Viana, 29; 7 Paço de Arcos, 28; 8 Hóquei de Barcelos, 28; 9 Sporting de Tomar, 27; 10 Pareda, 26; 11 Sanjoanense, 25; 12 Sesimbra, 24; 13 Valongo, 20; 14 Famalicense, 18.

Futebol feminino

Carcavelos continua invencível

Com a realização da 8.ª jornada iniciou-se a 2.ª volta do campeonato distrital de futebol feminino de Lisboa.

O duelo mais importante opunha as equipas do «Tenente Valdez» à do guia, o Carcavelos. Este jogo apresentava-se de grande importância para a equipa da casa pois, caso não pontuasse, ficaria em grande dificuldade para obter o apuramento para a Taça Nacional. E o Tenente Valdez começou o encontro da melhor forma, obtendo logo aos 2 minutos um golo algo sentido, na marcação de um livre directo.

A equipa da casa galvanizou-se e dominou durante os primeiros 10 minutos. Depois, aos poucos, o comandante foi tomando conta das rédeas do jogo e exerceu maior domínio territorial, mas não criou grandes problemas à defesa da casa. No período final da 1.ª parte, quando começou a colocar a bola no chão e a jogar pelos flancos, a turma guia deste campeonato rubricou 2 ou 3 lances de bom nível, tendo (inclusive) visto o árbitro negar-lhes uma grande penalidade que o próprio fiscal de linha (pertíssimo do lance) assinalou.

No 2.º tempo, entrando com a mesma disposição com que terminara a etapa inicial, o Carcavelos firmou excelente exibição no primeiro quarto de hora. De facto, jogando a bola rente ao solo, quase sempre para as faixas laterais do campo e ao primeiro toque, foi criando sucessivas oportu-

nidades que desperdiçou, tendo apenas obtido o empate numa bola que, aparentemente, parecia perdida. Ana Torres fez o remate, quase junto à linha final, colocando o esférico entre o poste e a guarda-redes local, pelo chamado «buraco da agulha».

Após o nulo, o «Tenente Valdez» conseguiu reagir: mas não criou qualquer perigo, tendo as melhores oportunidade sido criadas pela equipa da «linha» que, inexplicavelmente, voltou a complicar o seu esquema, caindo nos mesmos erros da 1.ª parte. Era dado sempre mais um toque na bola, feito mais um drible, mais um passe e quase sempre para a zona central da defesa: o que, naturalmente, facilitou a tarefa à turma local.

De lamentar que não nos fosse cedida a constituição da quipa local, após várias tentativas nesse sentido.

O árbitro deste jogo foi António Ferreira, auxiliado por Ramiro Lomba e Adérito Silva. O Carcavelos formou do seguinte modo: Luísa; Maria João Neves de Sousa, Céu, Tina Lagoas («cap.») e Elsa; Beca, Graça, Ana Banha e Isabel; Ana Torres e Lina (Ana Maria, 26). Suplentes não utilizadas: Lina Costa, Teté, João Pereira e Lena Machado. Treinador: Prof. Nuno Cristóvão.

O golo do «Tenente Valdez» foi marcado aos 2 minutos da 1.ª parte e o do Carcavelos foi apontado por Ana Torres aos 11 minutos da etapa complementar.

Justiça aparece sempre

FIFA NOMEIOU GRAÇA OLIVA MONITOR DOS SEUS CURSOS DE ÁRBITROS INTERNACIONAIS

Está de parabéns a arbitragem portuguesa: Viriato Graça Oliva, que um estúpido acidente roubou à direcção de jogos, acaba de voltar a ver reconhecido o seu mérito. Depois de ter ascendido ao mais alto posto da arbitragem (juiz da FIFA) recebe a honra da inclusão no restrito quadro de «instrutores de árbitros da FIFA».

Assim, faz-se justiça a Graça Oliva, injustamente marginalizado (nas nossas paragens) por algumas figuras que o arderam de um trabalho seguro e soberano. Mas a FIFA (que superintende também no futebol no nosso país...) emendou a atitude dos seus subordinados: e Graça Oliva é hoje um homem feliz.

— Foi com grande satisfação que recebi a notícia da FIFA, com a minha promoção a Instrutor dos Árbitros da FIFA. Aliás, essa é uma confirmação da palavra do dr. João Havelange e de Carlos Alberto Pinheiro, no México, aquando do «Mundial», quando me disseram que poderia vir a integrar os quadros da FIFA. Acontece que é um bocado difícil. São 150 associações filiadas, todas têm bons instrutores, a maioria deles são mesmo muito bons, mas para mim, não há dúvida nenhuma que, depois da minha presença no «Mundial», já estava mais ou menos confirmado.

— Graça Oliva pensa que está a pequena ou longa distância de ocupar um lugar como elemento de proa no Conselho Nacional de Arbitragem?

— Tudo é possível. De momento, isso não é viável, e será um bocado difícil com as pessoas que estão, nesta altura, à frente dos destinos da arbitragem. Uma coisa é verdade: é necessário e urgente fazer uma alteração à arbitragem, na medida em que eu penso que havia uma grande necessidade de serem os próprios árbitros a dirigirem os destinos da arbitragem, não dirigentes sem conhecimento dos problemas. Isto é uma opinião pessoal, mas a verdade é que a arbitragem está a perder até por isso, na medida em que, depois da saída de Garrido, e mais tarde da minha, é de lamentar que, neste momento, a nossa arbitragem não tenha elementos à altura de a dignificarem. Voltando à minha saída, a situação é mais ou menos conhecida (infelizmente) e sei que até dirigentes já lamentaram a maneira como fui perseguido para ser afastado. E se, por um lado, tive o problema do acidente, que me ia vitimando, e que fez com



Graça Oliva: desejado no alto aréopago da FIFA

que tivesse de me afastar, por outro, não posso esquecer o que se passou.

Graça Oliva acrescenta:

— É lamentável que o próprio Rosa Santos, que penso que é o árbitro mais credenciado ainda hoje perante a FIFA e a UEFA, não seja mais apoiado do que o que está a ser, na medida em que quem perde com isto é a arbitragem portuguesa, pois se é muito difícil chegar a uma 1.ª Divisão Nacional, muito mais difícil, claro, é chegar aos quadros da UEFA e da FIFA. E quando uma pessoa lá está, uns têm apoio de tudo e de todos, e os outros, logicamente, são perseguidos. E pelo que tem acontecido ultimamente, os melhores, os que, realmente, têm mais capacidade, não se conseguem fixar. Nesse aspecto, até quero lembrar uma altura em que houve um grande duelo entre o Garrido e o César Correia. Este último, com capacidade, com condições, não ficou lá. O Garrido, com ou sem capacidades, isso é um problema que cada um vê à sua maneira, acabou por se impor nessa altura.

Concluindo: — Estes problemas continuam. Penso que, nesta altura, o que tem interesse para nós é que a arbitragem se imponha realmente, e que haja alguém para ajudar e para pôr os nossos árbitros no estrangeiro. Se não formos nós a lançá-los internacionalmente, se estivermos aqui, não podem ser os dirigentes, porque não sabem, nem da UEFA nem da FIFA. Sabem que não há um apoio aos nos-

sos árbitros, vêem que as coisas não correm bem, e acabam por não nos nomear. E isso é de lamentar, porque nós, segundo o que vi até no «Mundial» temos árbitros à altura de se baterem com os que actuaram nessa prova.

Graça Oliva é um dos 39 árbitros internacionais reconduzidos ou nomeados monitores pela FIFA na reunião de Dezembro, decisão agora tornada pública. A Espanha tem apenas um árbitro na lista de «monitores da FIFA», (Pablo Sanchez Ibanez) que felicitou hoje Graça Oliva pela sua designação.

Viriato Graça Oliva iniciou-se em Abril de 1966, foi promovido à primeira categoria nacional em 1975 e indicado à FIFA em 1979, tendo recebido as insígnias da Federação Internacional dois anos depois. O seu jogo de estreia na 1.ª divisão portuguesa foi o Portimonense-Braga (em Agosto de 1975) e a 1.ª «internacionalização» no Barcelona-Slieme Wanderers, em Outubro de 1980.

Graça Oliva dirigiu 175 jogos nacionais e internacionais como árbitro, e foi fiscal de linha, em 284 desafios, tendo abandonado a actividade em 1984 por «não aceitar imposições do Conselho de Arbitragem». Graça Oliva e António Calheiros fundaram (em Janeiro de 1971) o «núcleo dos árbitros de Futebol de Loures», «escola» por onde passaram (entre outros) Vítor Correia, Carlos Alberto Esteves, Santos Ruivo e Purificação Correia.

— Nesta hora de verdadeiro regozijo (para mim próprio) e de orgulho (para a arbitragem portuguesa) quero recordar a colaboração que durante muito tempo me foi dada pelos fiscais de linha Purificação Correia, Lopes Francisco e Manuel Vicente. E enviar um grande obrigado a Joaquim Campos, que também ao «Núcleo de Loures» ofertou o seu melhor carinho. Enfim o importante, neste momento, é concordar que me foi feita justiça. A longa distância.

Raguebista oferta coração

O coração de um jogador de raguebi, que morreu no dia 5 durante um jogo do campeonato francês, foi transplantado com êxito numa pessoa de 51 anos, anunciou a equipa médica do Hospital de Toulouse. Jean-François Dare (de 30 anos) jogador do Carcasona (Sul de França), morreu devido a um choque durante um jogo do campeonato.

A transplantação efectuou-se há uma semana num hospital de Toulouse, que realizou a nona operação deste tipo, sendo receptor um feirante, cujo estado é considerado «satisfatório» pela equipa médica.

Modalidades

Basquetebol:

Taça dos Campeões

O Orthez, de França, comanda isolado a fase semifinal da Taça dos Clubes Campeões Europeus de Basquetebol, em masculinos, completada a terceira jornada.

No primeiro jogo da jornada disputado quarta-feira, o Orthez manteve a invencibilidade ao ganhar em «casa» ao Maccabi, de Telavive, pela margem mínima de 78-77.

Nos restantes dois jogos, realizados quinta-feira, o Tracer Milan, de Itália, venceu o Zalgiris Kaunas, da URSS, ascendendo ao segundo lugar da geral com 5 pontos, menos um que o líder e o Real Madrid, bateu o KK Zadar, da Jugoslávia, por 92-79.

Classificação actual:

1.º Orthez, 6 pontos; 2.º Tracer Milan, 5; 3.º Zalgiris Kaunas, Real Madrid, Maccabi, e KK Zadar, 4.

Hóquei em campo:

Benfica arrecada título

Ao vencer o Caramão da Ajuda por 1-0, o Benfica arrecadou o título de campeão lisboeta, quando ainda resta uma jornada para o termo do respectivo campeonato. Outros resultados da «ronda»: Hockey Club, 2-Futebol Benfica, 3; Cascais, 6-Trajouce, 0 e Belenenses, 1-Carris, 0.

Na Zona Norte foi assim: Viso, 2-Ramaldense, 2; Lamas, 0-Lousada, 0; Canelas, 3-Perosinho, 2; Espinho, 2-FC Porto, 4; Leixões, 3-Vilanova, 0; Sport, 3-Estrela e Vigorosa, 1.

Natação: selecções

Para o «Meeting Golden Cup» a disputar nos próximos dias 23, 34 e 25 do corrente em Estraburgo, a Federação de Natação decidiu seleccionar os seguintes atletas: Alexandre Yokochi (SLB) — 50 B — 100 B — 200 B; Pedro Soares (ABVE) — 50 C — 100 C — 200 C; João Santos (SLB) — 50 M — 100 M — 200 M; Vasco de Sousa (CFP) — 50 L — 100 L — 50 B — 100 B — 200 B; Rui Borges (FCP) — 200 E — 400 E; Sérgio Esteves (FCP) — 50 L — 100 L — 200 L — 100 M; Sandra Neves (SLB) — 50 M — 100 M — 200 M e Ana Barros (SAD) — 50 C — 100 C — 200 C. A delegação será chefiada pelo director federativo, eng.º Pedro Bandeira e integrará como técnico o treinador do SLB, Shintaro Yokochi.

Campeonatos

internacionais de Genève

Para esta prova a realizar, igualmente, nos dias 23, 24 e 25 do mês em curso em Genève, a FPN escolheu as seguintes atletas: Alexandra Carreira (SFUAP) — 200 E — 100 C — 100 B; Joana Vitorino (EDV) — 200 E — 100 C — 100 B; Patrícia Alves (SLB) — 200 E — 100 C — 100 B; Emílio Frischknecht (SAD) — 200 E — 100 M — 100 L; Pedro Luz Pinto (SLB) — 200 E — 100 M — 100 L — 100 C. A delegação será chefiada por José Carlos Monteiro e integrará como técnico José de Freitas, treinador da SFUAP.

Porto: estrangeiros em debate

Em reunião directiva, a Associação de Futebol do Porto vai hoje pronunciar-se sobre a tremenda invasão de estrangeiros no nosso futebol. Parece que irá por diante uma ideia preconizada pelo futebolista Delgado, em entrevista há tempos concedida ao nosso colega «Gazeta dos Desportos»: «só permitir que jogadores nascidos em Portugal vão à selecção e que os clubes só tenham três jogadores que não possam representar o nosso país».

Futebol: Federação equacionada?

Parece propósito das Associações de Setúbal e Faro impugnarem a recente assembleia geral federativa, com pretexto na «inexistência de prévia aprovação de orçamento suplementar para os anos 85/86, como ordenam os estatutos federativos».

Maradona fora do palco

Diego Maradona, que milita no Nápoles (Itália), poderá permanecer inactivo até ao final do campeonato, em virtude de uma lesão no tornozelo. Maradona contraiu a lesão no último jogo do Nápoles, frente ao Ascoli, para o campeonato transalpino. «Acho que esta lesão me pode afastar dos relvados até ao fim do campeonato» — disse hoje Maradona, aos jornalistas.

Pelé: embaixador turístico

Pelé será a principal figura de na campanha de promoção que a empresa brasileira de turismo vai desencadear este ano em Inglaterra, França, RFA, Itália e Espanha.

O antigo «astro» do futebol, brasileiro assinará hoje o contrato que o transforma em «embaixador turístico», na campanha destinada a atrair mais estrangeiros ao Brasil. A escolha de Pelé como ponta-de-lança da promoção turística brasileira, na Europa, inscreve-se na estratégia de incluir uma figura internacional que dê maior credibilidade à mensagem publicitária. «Pelé é o brasileiro mais conhecido do mundo», afirmou o chefe do departamento de publicidade da empresa. A campanha terá como «slogan» principal «emoção tem um nome: Brasil» e Pelé surgirá nos anúncios vivendo os grandes momentos que empolgaram os estádios universais.

Prost no Estoril

O campeão mundial de Fórmula 1, o francês Alain Prost, confirmou (em Amsterdão) que irá testar na próxima semana, no Estoril, o novo protótipo da escuderia inglesa «McLaren». Prost, que revalidou em 1986 o título mundial, afirmou que o novo «McLaren», a testar no circuito português, será o que vai disputar o campeonato de 1987 e manifestou a sua firme intenção de obter este ano o seu 3.º título. O piloto francês considera que os seus principais adversários serão os «Williams» e os protótipos equipados com motores Honda.

O novo «McLaren» regista algumas alterações no «chassis», tem a suspensão reforçada e foi reduzida a capacidade do depósito de gasolina. O Campeonato do Mundo de Pilotos começa a 12 de Abril, no Rio de Janeiro, com o Grande Prémio do Brasil.

Killy volta às Olimpíadas

O francês Jean-Claude Killy, antigo triplo campeão olímpico de esqui, foi nomeado director executivo do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1992, a realizar em Albertville, no sudoeste de França.



Seleções com «Adidas»

Silva Resende e César Grácio (Federação de Futebol) e Luís Feist (Adidas) renovam o compromisso mútuo para as seleções do nosso país continuarem a actuar com equipamentos daquela mundialmente conhecida marca de artigos desportivos. O novo contrato (que torneou dificuldades surgidas em Saltillo...) terá a duração de quatro anos e abrange todos os escalões do nosso futebol. «mas não obriga os jogadores, ficando a sua palavra a prevalecer».

Particular com atractivos

BENFICA-ANDERLECHT: HOJE, ÀS 21

Carlos Valente (Setúbal) será o juiz do encontro particular que esta noite 21 horas, oporá o Benfica à turma belga do Anderlecht, que se encontra a estagiar no nosso país. Vencedora há quatro anos da Taça UEFA, a formação visitante está constelada de «astros» (como Lozano e Scifo) e comanda o campeonato entre os seus pares, mantendo-se ainda na corrida para a Taça dos Campeões Europeus.



Carlos Valente: nosso «mexicano» no Benfica-Anderlecht

Elvas-Amadora

Pelas 15 horas, o Elvas recebe o Estrela da Amadora, em jogo integrado nos festejos do feriado municipal da cidade alentejana.

Reservas lisboetas

Jogos entre reservas lisboetas, pelas 21 horas de hoje: Sacavenense-Belenenses e Atlético - Oriental.

Braga vai ver

«seabrinhas»

Definitivo: marcado para 4 de Fevereiro, em Braga, o jogo particular Portugal - Bélgica, que a RTP vai transmitir em directo.

Bulgaros vencem

farenenses

A selecção de futebol da Bulgária em estágio no Algarve, (a convite do empresário Fernando Barata) venceu o Farense, por 3-1, em jogo nocturno, de carácter particular, realizado no Estádio de S. Luís, em Faro. Ao intervalo, já a formação bulgara estava em vantagem (2-1). Kolev (aos 13 minutos) Sakalov, aos 72 m. e Sirakov, (aos 84 m.) marcaram para a Bulgária, tendo Luís Filipe obtido o golo do Farense aos 30 minutos.

Sob a direcção do árbitro Francisco Silva, (Faro) as equipas alinharam:

Farense: Tavares; Lucas, Vítor Duarte, Morgado e Rufino, João Manuel, Libambu (Barrocal, aos 46m.), Peter e Luís Filipe (João Cabral, aos 62m.); Ciro e Spassov.

Bulgária: Ananiev; Dimitrov (Dotchev, aos 46m), Lachtchev, Petrov, e Iliev; Simeonov (Bakalov, aos 46m), Kolev e Tanev (Jordanov, aos 59m.); Alexandrov (Voinov, aos 50m), Sirakov e Iskrenov.

Jogo muito correcto do ponto de vista disciplinar, em noite bastante fria e praticamente sem assistência.

A Bulgária (treinada por Hristo Mladenov, antigo técnico do Farense) defronta amanhã o Olhanense (em Olhão, às 16 horas) e o Louletano (domingo em Loulé, às 15 horas) jogando ainda no dia 21, com uma outra equipa, a designar antes do seu regresso a Sofia, no dia 23.

Lisboa: Distrital

Proseguiu o campeonato lisboeta. Resultados na SÉRIE A: Fanhões - Carregado, 1-0; Alhandra - MTBA, 2-1; P. Frias - M. Agraço, 2-2; Povo-

ense - Malveira, 1-1; Livramento - P. Pinheiro, 0-0; Alverca - Loures, 1-0; Lourinhense - Ericeirense, 0-1. Classificação: 1.º, Ericeirense, 17; 2.º, Fanhões, 16; 3.º, P. Pinheiro, 15; 4.º, Povoense, 14; 5.º, Monte Agraço, 14; 6.º, Malveira, 14; 7.º, Alverca, 13; 8.º, Loures, 13; 9.º, Lourinhense, 9; 10.º, MTBA, 9; 11.º, Alhandra, 9; 12.º, Carregado, 6; 13.º, Ponte de Frias, 6; 14.º, Livramento, 5 pontos.

SÉRIE B: Algés - Camarate, 2-1; Massamá - Cascais, 3-0; Queluz - Charneca, 0-0; Palmense - 1.º de Dezembro, 3-0; Unidos - Futebol Benfica, 1-2; Musgueira - Casa Pia, 0-3; Operário/CM - 1.º Cruzeiro, 0-0. Classificação: 1.º, Futebol Benfica, 18; 2.º, Casa Pia, 16; 3.º, Operário/CM, 15; 4.º, Unidos, 15; 5.º, Queluz, 14; 6.º, Palmense, 14; 7.º, Algés, 13; 8.º, Camarate, 12; 9.º, Charneca, 11; 10.º, Musgueira, 10; 11.º, Império do Cruzeiro, 7; 12.º, Massamá, 7; 13.º, 1.º de Dezembro, 6; 14.º, Cascais, 3 pontos.

Publicitários no futebol

Está a desenrolar-se no Clube Desportivo de Paço de Arcos, o II Torneio dos Publicitários, que este ano reúne em duas séries representando das seguintes agências de publicidade: Antena Publicidade, Sistema A, Sistema B, FCB, Team Protásia, Grafidec, Publiram, Átila, J. Walter Thompson, Intermarco-Espiral, McCann Erickson/Hora e, ainda, RTC - A, RTC - B, Concurso «Faz de Conta», TV Guia, Parodiantes de Lisboa, RTP, Antena 1 - Desporto, RDP/Antena 1 - Informação e «Correio da Manhã». Serão apuradas para a fase final as duas primeiras classificadas de cada série. O torneio prolongar-se-á pelos meses de Janeiro, Fevereiro e Março.

Angola: torneio internacional

Benfica, FC Porto, Vasco da Gama e Petro Atlético, (equipa campeã de futebol de Angola) disputam, dia sete e oito de Fevereiro, em Luanda, o «Torneio Internacional da Sonangol. A iniciativa que se integra nas cerimónias de comemoração do 10.º aniversário daquela empresa petrolífera angolana, constitui para o

dirigente benfiquista Francisco Calado um acontecimento importante para Portugal.

Juvenis

Resultados dos encontros da 14.ª jornada da primeira fase do Campeonato Nacional de Futebol de Juvenis:

ZONA NORTE: Série A: Merelinense - Paços Ferreira, 0-2; Varge - Limianos, 1-1; Fimalicão - Vianense, 0-1; Vila Real - Braga, 0-6; Guimarães - Varzim, 3-1 e Leixões - Boavista, 1-2.

Líder: Varzim 22 pontos; Boavista, 21; Braga e Vianense, 20.

Série B: Guarda - Repesesense, 2-2; Sanjoanense - Mangualde, 2-0; Académica - U. Coimbra, 0-1; Lourosa - Estação, 3-1; Fei-

rense - Naval, 1-1 e Porto - Marrazes, 5-1.

Líder: FC Porto, 26 pontos; Sanjoanense, 21; Académica, 18.

ZONA SUL: Série C: Ol. Moscaide - Amadora, 0-2; Sporting - Vilafranquense, 4-0; Fronteirense - Marinhense, 2-1; U. Santarém - U. Tomar, 7-0; Benfica - Óbidos, 1-0 e Vialonga - Torreense, 1-0.

Líder: Benfica, 27 pontos; Sporting (menos um jogo), 25; Est. Amadora, 18.

Série D: Torralta - Salesianos, 4-0; Setúbal - Belenenses, 0-1; Estoril - Montijo, 1-2; Casa Pia - Seixal, 2-1 e Atlético - Lusitano Vila Real, 1-0.

Líder: Belenenses e Torralta, 21 pontos; Setúbal, 18.



Turismo, Marinha e Desporto

Grande animação na festa de encerramento da exposição «Isto é Figueira», no «Dia da Marinha», em que esta arma foi homenageada. Na foto: (da esquerda para direita) o almirante Casquilho Raposo, o presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz (eng.º Aguiar de Carvalho) a esposa de Casquilho Raposo, a dr.ª Dolores Jardim (directora do clube de Vale do Leão) e o conhecido cirurgião e chefe do Departamento Clínico do Farense, dr. Branco do Amaral. Turismo, Marinha e Desporto de mão dada

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

UMA PEÇA SOBRE A
POLÍCIA, JÁ SE SABE QUE
TEM DE SER
ENGRAÇADA!

OS POLÍCIAS

DE
3.º MÊS

Atenção: Só até dia 31 de
Janeiro! Impreterivelmente

com
António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a 5.ª Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 18 h

2.ª e 4.ª Feira — Descontos de 80% para jovens e sindicalizados. Descontos para grupos.

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

«O diabinho da mão furada» estreia em Março no Teatro
Nacional D. Maria II (Sala Experimental)



Lauren Bacall, a sua última mulher e parceira em alguns filmes

HUMPHREY BOGART (3)

Quatro esposas, todas atrizes

Ellen Shelton

PARA Bogart, os problemas com a Warner também tinham a sua contrapartida engraçada. Após abandonar definitivamente o estúdio onde havia adquirido popularidade, o actor comentou:

«**P**OSSO dizer que, actualmente, tenho brigas a menos. Aconteceu comigo o mesmo que ocorre

quando um marido que tem conflitos com a sua mulher obtém o divórcio: sente que lhe faltam as disputas quotidianas.»

Quando abandonou essa produtora — em 1950 — Bogart deveria já ser um perito no que diz respeito a casamentos e divórcios, mas tal não aconteceu, talvez porque em certos aspectos da vida aprendia mais devagar do que noutros.

O seu primeiro casamento durou 18 meses

Bogart contraiu matrimónio quatro vezes e, em todos os casos, fê-lo com atrizes que tinham trabalhado com ele, tendo, em três das vezes, asado imediatamente após o divórcio antecedente.

A sua primeira esposa foi Helen Menken, uma antiga atriz que Bogart conheceu durante uma tournée teatral nos anos 20. Desde o primeiro momento que se sentiu atraído por ela, mas o facto de Helen ser já uma estrela consagrada e ele apenas um figurante, criou umas certas fricções entre ambos. O romance durou vários anos até que, em 1926, o par contraiu matrimónio. Nessa altura Helen já não esperava mais do que conforto e segurança — tinha sido atriz infantil — mas Bogart ainda encarava o sucesso junto ao público como um brinquedo novo. Dir-se-ia mesmo que o jovem Humphrey tentava atenuar, através do sucesso, a sua infância triste e solitária.

Seja como for, o seu primeiro casamento durou menos de 18 meses. Em Abril de 1928 voltou a casar, desta vez com Mary Phillips, uma intérprete que contracenou com ele noutra produção teatral. Bogart continuava a movimentar-se em cena com facilidade de dicção e personalidade, interpretando com uma voz dorida, grave e monótona, e orientando o seu olhar em direcção à plateia como se fosse um lobo acorrentado, pois sabia ser um grande actor que vivia o mais triste dos anonimatos.

Frequentes brigas conjugais

O casamento com Mary manteve-se durante dez anos, um período em que a carreira de Bogart passou pela sua fase

mais obscura. Contudo, a sua segunda esposa, menos sofisticada e bem sucedida que a anterior, soube confortá-lo durante esse período frustrante.

O rompimento do par começou quando Bogart foi para a Califórnia interpretar *A Floresta Petrificada*, onde permaneceu vários meses devido

a ter obtido o seu primeiro grande triunfo no mundo do espectáculo.

O seu terceiro casamento foi contraído em Agosto de 1938 com uma atraente loira de nome Mayo Methot que parecia uma espécie de cópia de Mae West. Mayo era diferente das suas antecessoras pois não se resignava a

ficar em segundo plano, evidenciando também uma certa predisposição para brigas conjugais. Como Bogart não se deixava ficar atrás no que diz respeito a este assunto, as discussões públicas entre ambos, bastante numerosas, converteram-se num espectáculo gratuito para os seus amigos.

Enquanto isto, Bogart conseguiu alcançar aquilo que durante mais de 20 anos desejava ardentemente: ser tomado a sério como actor. Daí que as excêntricas matrimoniais de quem prometia vir a ser um mito, beberão mas algo judicioso, fossem perdoadas pelo público e pela Imprensa.

Lauren Bacall, finalmente o amor

Lauren Bacall tinha apenas 20 anos quando Bogart a conheceu no elenco de Howard Hawks, o realizador que preparava o filme *A Beira do Abismo*.

Lauren era uma jovem segura de si mesma, e o seu rosto possuía um raro magnetismo. Era modelo em Nova Iorque e fora a Hollywood fazer uns testes para protagonista daquele filme. Decorria o ano de 1944 e Bogie não teve dúvidas em recomençar uma vida familiar estável com a sua jovem companheira daquele filme memorável. Continuaram a trabalhar juntos em vários filmes até ao nascimento do primeiro filho do casamento: Stephen Humphrey, em 1949. No dia do baptizado Bogart declararia:

«Lauren é em tudo a mulher dos meus sonhos. Com ela encontrei finalmente o amor. Agora, com este filho, o quadro familiar ficou completo.»

Contudo, a família não se completou até que a filha — Leslie Howard — nasceu três anos depois. Entre Lauren e Bogie também não se verificou um amor eterno, embora este último casamento do actor, que já fazia parte da lenda cinematográfica, tenha sido aquele em que ele passou os momentos mais felizes.

Quando Bogart adoeceu gravemente, não era segredo para ninguém, muito menos para ele, que Lauren mantinha, desde há tempos, relações sentimentais com Frank Sinatra, porém, ela manteve-se junto a Bogart até ao fim, não se verificando entre eles qualquer tipo de drama. Bogart demonstrara ser um homem bastante mais inteligente que a personagem à qual dava vida no «écran». Não era ingénuo, sabia muito bem que a felicidade era um estado momentâneo impossível de perpetuar durante a vida de qualquer pessoa, ou de um mito como ele.

Amanhã: Um ser humano como todos os outros, mas um ídolo como poucos



Bogart e a sua terceira mulher, Mayo Methot



O GRANDE TEATRO DO MUNDO

Carlos Porto

A VIDA É UM SONHO, de Don Pedro Calderón de la Barca. Tradução, Encenação e Cenografia: Blanco Gil. Figurinos: António Filipe. Interpretação: Manuela Cassola, Lídia Franco, António Filipe, Blanco Gil, Francisco Soromenho, Osvaldo Canhita, Artur Mendonça, Alfonso Blanco, Miguel Martins, Luzia Paramés, Jorge Sousa Costa. Teatro Ibérico: Estreia: Igreja de Xabregas, 9-1-1987.

É quando sofre que Segismundo sonha? Ou quando é feliz? Quando é dominado ou quando detém o poder? Quando é bom ou quando é mau? Mas a vida existe ou estaremos sempre a sonhar? Quando é incentivado a tomar de novo o poder, Segismundo hesita: se da primeira vez foi libertado da torre onde estava preso lhe disseram que tinha sido um sonho, não estará a sonhar outra vez?

Não, desta vez, não se trata de um sonho. A razão é muito simples: o sonho não existe. Tudo na história de Segismundo é real, o sonho não existe.

Calderón conta a seguinte história: Segismundo é filho de Basílio, rei da Polónia (há uma outra história de reis que decorre na Polónia: é «Ubu»). É este um rei sábio que consulta e crê nos astros. Dizem-lhe estes que «Segismundo seria o homem mais atrevido/o príncipe mais cruel/e o mais ímpio dos monarcas/por quem seu reino viria a ser parcial, e divisivo/uma escola de traição/e academia de vícios...» (Tradução de Manuel Gusmão).

Por isso, Basílio, quando o filho nasce, matando a mãe, encerra-o numa torre. Quando Segismundo é já homem, Basílio resolve experimentar a sua capacidade em integrar-se harmoniosamente na sociedade, em ser um bom rei. Para isso ordena que lhe ministrem um narcótico de maneira que Segismundo não saiba o que se passou e assim o príncipe é levado para o palácio real. Quando desperta entre luxos e vassalagem, Segismundo cuida estar a sonhar mas logo manifesta sinais de revolta que o facto de ter estado preso toda a vida justifica. Ao ver, dolorosamente, o que se passa, Basílio ordena que o príncipe seja de novo encerrado na torre: acabou-se o sonho da felicidade, voltou o pesadelo do sofrimento. No entanto, o povo revolta-se ao saber que o trono vai ser entregue a um príncipe estrangeiro quando está vivo o filho de Basílio. Assaltam a torre e libertam o príncipe que se convence estar outra vez a sonhar, como lhe garantiram ter acontecido da outra vez: «Que é a vida? Um frenesim. Que é a vida? Uma ilusão/uma sombra, uma fic-

ção./e o maior bem pouco é:/pois que a vida sonho é./e os sonhos, sonhos são.» (Tradução de Manuel Gusmão). Acaba, no entanto, por aceitar a realidade e combater pelo trono. Para resumir: a guerra entre as forças que apoiam o rei e as que apoiam o príncipe termina com a vitória deste, vitória que no entanto o leva ao perdão e não à vingança.

Esta parábola genial que pertence ao património da humanidade e que Calderón recolheu, talvez, numa peça de Lope de Vega, faz explodir uma infundável soma de mensagens, da política à metafísica, do amor à teologia, da guerra à paz: qualquer espectáculo, qualquer análise são impotentes para as descodificar na sua totalidade. Só por aproximações sucessivas será possível um entendimento razoável das pistas que a peça levanta. Não têm faltado, aliás, tentativas, nesse sentido, que incluem variações sobre o tema, caso, por exemplo, do poeta austríaco Hugo von Hoffmansthal que escreveu «A Torre», conhecida glosa da obra de Calderón que foi apresentada em Portugal, no Rossio, ao ar livre, por uma companhia austríaca («DL»/15-7-80).

Do mesmo modo, há várias maneiras de ler cenicamente esta peça, na aparência, tão simples mas tão difícil porque é profunda e escura como o mar alto, se o lugar-comum me é permitido. Difícil também porque «esplendorosa como o outro dos altares, espectacular como as conchas e os

raios que em múltiplas formas desenhavam o barroco, variada e profusa como os materiais de arquitectura, é a palavra quem se exhibe em «A Vida é Sonho» (prefácio da edição da colecção Estampa/Seara Nova).

Uma palavra, acrescentaremos, que se torna dialéctica quando o príncipe se apercebe que para transformar o sonho em realidade tem que assumir, tem que inventar outro comportamento, outro destino, outra vida. Peça sobre o livre arbítrio, a peça de Calderón é pois uma peça sobre a liberdade.

Não nos surpreendeu a encenação de Blanco Gil, que vem na linha das suas encenações anteriores: bom aproveitamento do espaço e da arquitectura da igreja, redução da paleta a um negro que é o da prisão e da morte, com uns toques dourados e vermelhos; uma luz escassa (excessivamente escassa?), bem concebida; bons figurinos de António Filipe. Mas procura-se a peça e apanham-se apenas uns fiapos, vestígios da palavra sumptuosa de Calderón, quase nada. Com as aplicações das marcações, com o excesso de música a sublinhar falas que a dispensam, com os fumos (também Lavelli os usava em abundância na encenação que dele vimos há anos na Comédie), com uma incrível cena de batalha, com um exibicionismo, por parte de Segismundo, que me parece sem razão de ser. Barroca embora, por mim, reduziria a encenação desta peça ao mínimo possível: os actores

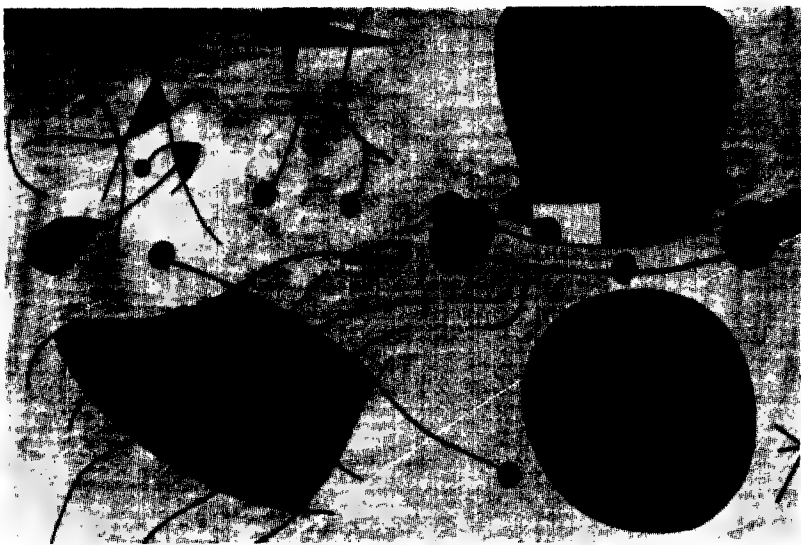
e a palavra eis o que nela devia ser essencial. Mas, como diz um amigo cozinheiro, quando a carne não presta é preciso disfarçá-la com a abundância e variedade dos molhos.

Difícilmente, os actores do Teatro Ibérico seriam capazes de encontrar os instrumentos vocais necessários para exprimir esta poética. A solução de Blanco Gil em interpretar Segismundo fazendo contrastar o seu sotaque galego com as falas dos outros actores, aliás, disfarçada em razões mais ou menos metafísicas, complicou as coisas, impedindo a limpidez da entrega do texto. O que não significa que a interpretação de Blanco Gil não seja das coisas mais interessantes do espectáculo, conseguindo por vezes fazer entender-se melhor do que outros intérpretes. O trabalho destes além disso, é nitidamente prejudicado pelas más condições acústicas do espaço. Em duas palavras, os esforços utilizados, a dignidade do conjunto, não bastaram para transformar esta interpretação da obra-prima de Calderón no espectáculo que se desejaria.

Jorge Sousa Costa, além do próprio Blanco Gil, Luzia Paramés, Manuela Cassola, António Filipe, Lídia Franco, excepto na parte final, em que claudica, tentam atingir essa expressão em que o verbo se faz carne, ou teatro, em que o sonho se faz vida. Ficam-se quase sempre pelo sonho, raramente a vida, o teatro, acontece. E o espectador sofre com eles.

BOLETIM CULTURAL DAS BIBLIOTECAS ITINERANTES

Em edição da Fundação Gulbenkian, através do seu Serviço de Bibliotecas Itinerantes e Fixas, acaba de ser publicado o Boletim Cultural, VI Série, n.º 8, referente ao mês de Outubro último, com o tema geral «Tesouros Universais da Literatura em Prosa para Crianças». Com uma bonita capa a cores e com um expressivo editorial do dr. David Mourão-Ferreira, em que se refere o esforço constante por parte das anteriores direcções daquele Serviço no sentido de proporcionar, aos mais jovens leitores das suas bibliotecas, textos estimuladores e adequadas pistas de leitura, o boletim alude à nova orientação dos Boletins, que foi entregue a esse grande escritor de Literatura para Crianças, Adolfo Simões Muller, «cuja vasta e inspirada produção vem suscitando a estima, o apreço e a admiração de sucessivas camadas de jovens leitores». São por isso da inteira responsabilidade de Mestre Adolfo Simões Muller, tanto a escolha dos textos que vão ler-se como as palavras de apresentação dos respectivos autores. Depois da nota de Abertura, assinada por A. S. M. e de outro texto da sua autoria, com o título «Pequeno Vaso para Tão Grande Mar», o boletim tem o seguinte sumário dos trabalhos publicados, sendo encimados por pequenos dados biográficos dos seus autores: «O Gato das Botas», de



Charles Perrault; «O Chapelinho Encarnado», dos Irmãos Grimm; «Por favor, um Pouco de Água», de Alexandre Pushkin; «A Pequena Vendedeira de Fósforos», de Hans Christian Andersen; «Aventuras de Pinóquio», de Colodi; «Histórias de Heidi», de Joana Apyri; «No Buraco dum Coelho», de Lewis Carroll; «O Pequeno Tambor», de Edmundo D'Amicis; «O Gigante Egoísta», de Oscar Wilde; «O Vaticano», de Selma Lagerlof; «O Grão de

Trigo e o Grão de Ouro» e «O Último Negócio», de Rabindranath Tagore; «O Senhor de la Fontaine e o Sítio do Picapau Amarelo», de Monteiro Lobato; «A Raposa Salta Pocinhas, o Cavalinho Bailarino e o Lobo Brutamonte», de Aquilino Ribeiro e o «Príncipezinho», de Antoine de Saint-Exupéry.

O Boletim tem diversas ilustrações em cada texto, de artistas portugueses e estrangeiros.

Harrison Ford defende «Mosquito Coast»

Harrison Ford já interpretou mais êxitos de bilheteira do que qualquer outra vedeta da história do cinema. No entanto, para grande parte de Hollywood, continua a ser um homem misterioso.

Ford, de 44 anos, foi protagonista da trilogia «Guerra das Estrelas» de George Lucas e de «Os Salteadores da Arca Perdida» e «Indiana Jones e o Templo Perdido» de Steven Spielberg. Estes cinco filmes contam-se entre os maiores êxitos de bilheteira de todos os tempos.

Alto, de cabelo louro escuro, de uma beleza rude com uma cicatriz proeminente no queixo, Harrison Ford impôs-se como rei dos filmes de ficção científica e aventuras, fase que incluiu ainda a película «Blade Runner».

Só quando fez o papel de um polícia de Filadélfia apaixonado por uma mulher «amish», em «A Testemunha» de Peter Weir, que lhe valeu uma nomeação para o oscar do melhor actor, é que Ford modificou as suas personagens.

Muitas pessoas descobriram então que o herói forte e silencioso de muitos filmes de aventuras era um actor bastante fino e versátil. Ao fim de alguns minutos de conversa, descobre-se que Ford é também um ser humano inteligente e de ideias definidas.

Bastante disponível

Ao longo dos anos, Ford tem reduzido as entrevistas ao mínimo, escondendo zelosamente a sua vida privada e só raramente falando da sua carreira.

Subitamente, tornou-se bastante disponível, mas apenas para falar do seu novo filme, «Mosquito Coast», um drama baseado no romance de Paul Theroux e realizado por Peter Weir, que conta a história de um homem empenhado em afastar a família das complexidades da sociedade norte-americana a iniciar uma nova vida na América Central.

«Há duas razões para eu falar acerca do «Mosquito Coast» — explica. «Não se trata de um filme vendido antecipadamente. Não pertence a um género facilmente identificável, não é um filme acerca do qual as pessoas tomam a decisão de o ver assim como decidem ir a um restaurante chinês ou italiano.

«Este filme é algo que as pessoas nunca provaram antes. Por isso, precisa de ser descrito à audiência. Esta é uma razão.

«A outra é, com bastante franqueza, o facto de as críticas ao filme terem sido mistas e eu pensar que o filme foi injustamente tratado em alguns sectores. Nunca vi um filme sério ser tão maltratado pelos críticos. E penso que não têm razão. Não me importo de dizer que estou a tentar contrabalançar essas críticas.

Vale a pena ver

«Não estou a defender o filme, mas quero que o público ouça outro ponto de vista. Os críticos vêem um filme e depois vão a correr fazer a crítica. Este é o tipo de filme que só se entra ao fim de três dias. É perturbador e faz-nos pensar. Fica connosco.

«É um filme que vale a pena ver. Tem muito a dizer sobre as relações familiares, sobre a importância da bondade e do entendimento numa família — mesmo que não seja este o caso nesta família.

«É um trabalho complicado e ambicioso e gostaria que as pessoas o vissem. Gostaria de fazer o que fosse possível para que tal acontecesse.

Qual é a reacção que ele prevê para os seus fãs que vão vê-lo esperando reencontrar o herói de filmes de aventuras?

«Penso que haverá várias reacções. Não é um filme para crianças, mas é um

filme que muitos gostarão de ver em família. Os fãs irredutíveis de Harrison Ford não esperam sempre a mesma coisa. Se se interessam por mim, já sabem quais são as minhas ambições.

«Sabem que eu gosto de variar. E este filme vem na direcção que eu sempre tenho seguido: desempenhar papéis diferentes em diferentes tipos de filmes.»

Ford recebeu com satisfação a oportunidade de desempenhar a personagem de Allie Fox em «Mosquito Coast».

«Fox é um homem atormentado com o sonho de criar uma utopia para a sua família para acabar por a reduzir a cinzas. Mas é ele a causa do seu fracasso.

«Era minha ambição desempenhar esse tipo de papel e estava de acordo com o que Peter Weir tinha em mente. Tivemos de conciliar muitas coisas depois de discussões intermináveis.

«Tivemos de determinar até que ponto a personagem era louca e no entanto torná-la aceitável tanto para a família como para o público. Fox é um homem invulgar decidido a exprimir os seus sonhos.

«É um homem zangado que grita com a mulher e os filhos, como acontece com homens de qualquer bairro de qualquer cidade. Fox está na verdade zangado consigo, e um homem que contém a semente da sua própria destruição.»

Harrison Ford não considera que a sua interpretação neste filme represente uma grande mudança em relação a papéis anteriores, embora admita, rindo, que fala mais em «Mosquito Coast» do que em todos os seus filmes anteriores juntos.

«O trabalho de representar é o mesmo em todos os filmes, independentemente do material.

«Há pouca complexidade nas personagens de Han Solo ou Indiana Jones. Mas as exigências para as representar não são menos difíceis do que para representar Fox.»

Desiludido nos anos 60

«E eu gostei de ter mais diálogo. Como se pode ver, sou uma pessoa que gosta bastante de falar. E ter aqueles diálogos todos para dizer foi um verdadeiro prazer.

«Fazer um homem da dimensão de Fox, comparado com o meu trabalho anterior, não foi uma transição tão difícil como alguns podem pensar. Penso nisso mais como uma oportunidade do que como uma transição.»

Ford, que trocou a representação pela carpintaria no final dos anos 60 quando se sentiu desiludido, gosta do seu novo estatuto de superestrelas.

«O que eu gosto mais é de tirar uma personagem de uma página e pô-la no ecrã. E gosto de fazer parte de uma equipa com a mesma ambição. É um exercício emocional.

«Os filmes de acção que me ofereceram no passado foram os melhores projectos possíveis com Lucas e Spielberg. Mas também reconheço que «Blade Runner», «A Testemunha» e «Mosquito Coast» foram belas oportunidades.

«A minha formação intelectual não reconhece obstáculos. Não quero dizer que não há coisas que eu não seja capaz de fazer. Mas, se não tentar uma coisa, nunca saberei se sou capaz de a fazer. A questão que se põe no meu espírito é até que ponto eu sairei diminuído se não enfrentar o novo e as dificuldades.

«Não quero continuar a repetir-me no meu trabalho. É uma situação em que não se cresce. Todavia, tenciono continuar a fazer filmes do Indiana Jones. Pelo menos mais um. Não volto as costas ao passado nem parto numa nova direcção. A minha carreira é uma questão de crescimento contínuo.»

13 FOI DESTA VEZ O NÚMERO DA SORTE AS APOSTAS MÚTUAS totobola / totoloto FIZERAM, DESTA VEZ, MAIS 13 NOVOS MILIONÁRIOS

Uma vez mais, o Totobola e o Totoloto possibilitaram uma vida melhor a todos aqueles que ganharam nos concursos da semana passada. E foram muitos — 13 novos milionários — que aumentaram substancialmente a já grande galeria dos milionários Totobola/Totoloto.

Resultados provisórios:

totobola

2 totalistas	10.992.221\$00 cada
62 com 12 resultados certos	345.587\$00 cada
897 com 11 resultados certos	24.508\$00 cada

totoloto

5 totalistas	12.947.371\$00 cada
6 — 2.ºs prémios	2.157.895\$00 cada
608 — 3.ºs prémios	63.885\$00 cada
37038 — 4.ºs prémios	1.538\$00 cada
696682 — 5.ºs prémios	122\$00 cada

**NOS CONCURSOS DESTA SEMANA
NOVA OPORTUNIDADE DE GANHAR...
...MUITOS E BONS PRÉMIOS NO TOTOBOLA E NO TOTOLOTO**

EM PORTUGAL

T. 7 h	Min.	Prec. Às 6 h.
-5	-6	0,0 Pouco nub.
-2	-3	0,0 Pouco nub.
-4	-4	0,0 Limpo
-2	-2	0,0 Pouco nub.
-	-	0,0
-2	-2	0,0 Limpo
6	3	0,0 Muito nub.
-	-	0,0 -
-4	-4	0,0 Pouco nub.
2	2	0,0 Aguaceiros
0	0	0,0 Limpo
1	0	0,0 Muito nub.
5	5	0,0 Muito nub.
5	5	0,0 Muito nub.
16	14	0,0 Aguaceiros
16	15	0,0 Muito nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

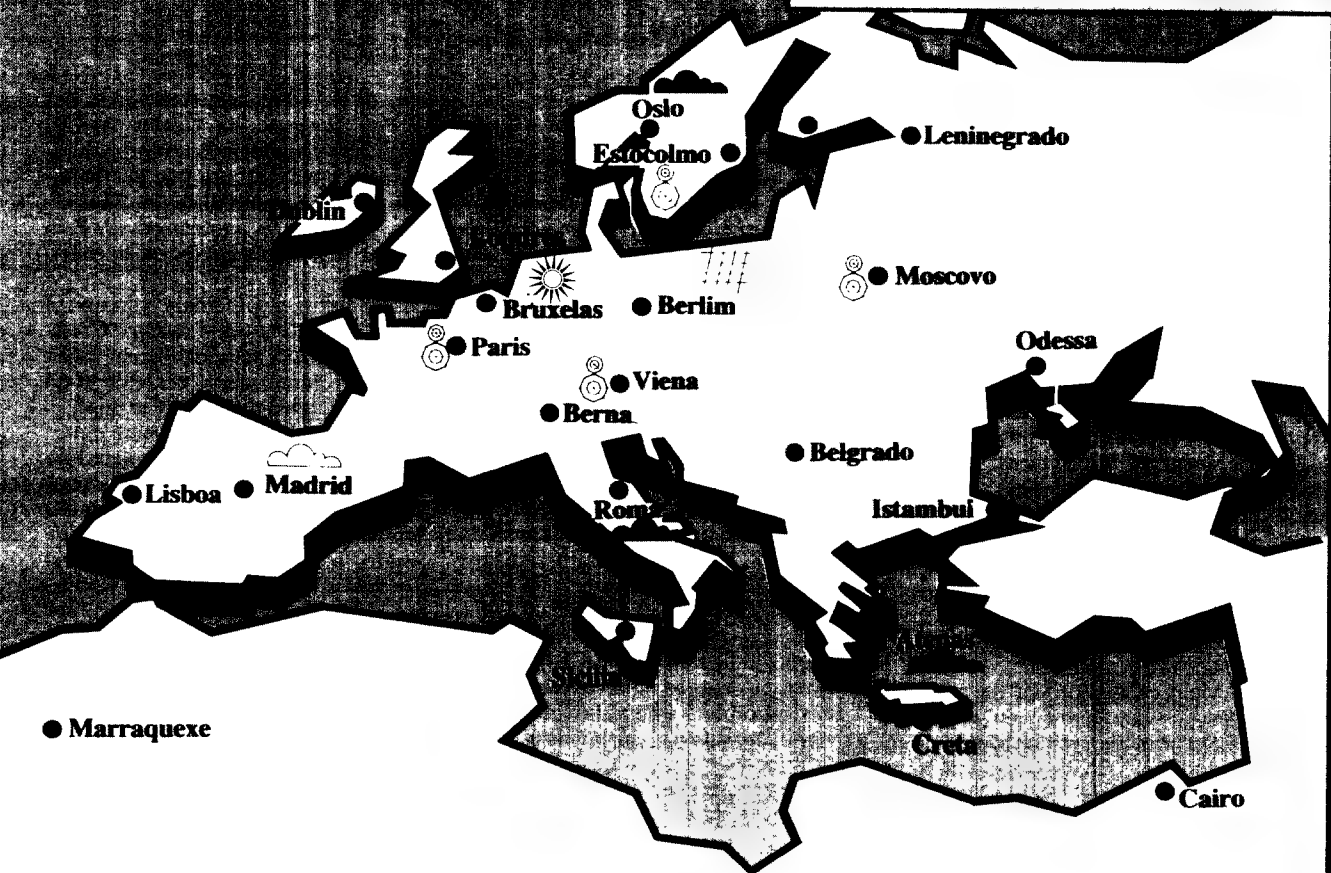
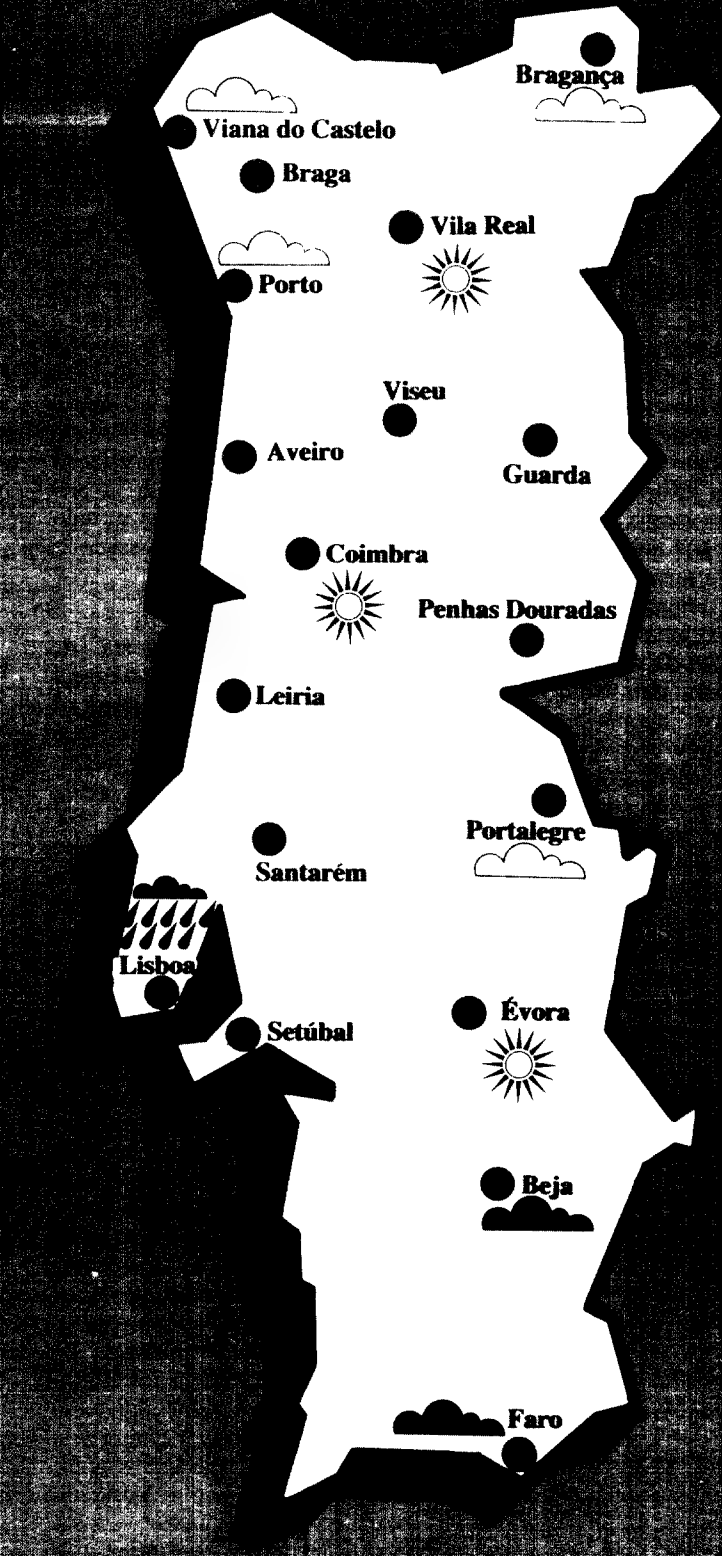
T. 7 h	Min.	Às 13 h.
-3	-3	Pouco nub.
-6	-6	Neve
-9	-9	Neve
-12	-12	Limpo
-14	-14	Bruma
-7	-8	Nebolina
13	12	Muito nub.
-10	-14	Muito nub.
-10	-13	Neve
-11	-12	Neve
-20	-21	Nebolina
-14	-15	Neve
-29	-29	Nebolina
11	10	Muito nub.
-13	-13	Neve

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

Min.	Máx.	Às 13 h.
15	24	Nublado
12	26	Limpo
10	27	Nublado
-5	-2	Neve
9	22	Limpo
1	4	Limpo
22	37	Limpo
4	9	Limpo
19	31	Nublado
0	10	Limpo

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

TEMPO

HOJE

No continente:
Períodos de céu muito nublado, vento noroeste moderado, soprando por vezes com rajadas fortes. Aguaceiros em especial em regiões do Norte e que serão de neve nas terras altas. Descida das temperaturas.
Estado do mar:
Costa Ocidental: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de quatro a cinco metros.
Costa Sul: Mar cavado a grosso. Ondulação de sudoeste com quatro mestros.

Nos Açores:
Grupo Ocidental: Céu muito nublado. Vento de sudoeste forte a muito forte. Períodos de chuva fraca.
Grupo Central e Oriental: Céu muito nublado. Vento de sudoeste moderado a fresco.
Estado do mar: Mar alteroso ou tempestuoso no Grupo Ocidental e mar grosso nos Grupos Central e Oriental. Ondulação de noroeste de cinco metros.
Na Madeira:
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte, soprando por vezes com rajadas. Aguaceiros.
Estado do mar: Mar cavado a grosso. Ondulação de noroeste de quatro metros na costa Norte e ondulação inferior a um metro na costa Sul.

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento de noroeste moderado. Aguaceiros em especial nas regiões do Norte e que serão de neve nas terras altas.

DEPOIS

Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado a partir do fim da tarde. Vento fraco de noroeste, rodando para sudoeste. Ocorrência de geada.

"PEGGY SUE CASOU-SE"

de Francis Ford Coppola

Jorge Leitão Ramos

F Francis Ford Coppola não é apenas o maior cineasta americano dos últimos anos mas também o mais imprevisível. O seu jogo entre filmes para acariciar o espectador e aqueles com que o interpela na raiz dos sentimentos é de tal modo acrobático que vem correndo o risco de acumular equívocos. Daqui a 20 anos, quando se citarem os disparates críticos obrados na década de 80, por certo que os detractores de «Peggy Sue Casou-se» têm lugar garantido. Pela simples razão de que desde «One from the Heart» que Coppola não agarrava uma fita com tanta envolvimento. «Peggy Sue...» está feito à flor da alma.

São dois já os escritos que leio partindo da premissa que a obra cinematográfica de Coppola se organiza em dois corpos, o dos filmes maiores e o dos filmes menores, enquadrando «Peggy Sue Casou-se» no segundo grupo. Serge Toubiana nos «Cahiers du Cinema» deste mês e Eduardo Prado Coelho no «Expresso» desta semana exprimem assim a desilusão que tiveram ante o filme. E como o distribuidor também não parece alimentar esperanças (quem estreia uma fita no Ávila e no 7.ª Arte não está a augurar-lhe sucesso), temo que se esteja a criar o rumor de que «Peggy Sue Casou-se» é um filme sem o qual se poderia passar muito bem. Se eu vos vier dizer que, ao contrário, este é um filme tanto mais notável quanto se não deixa penetrar por apressadas visões, espero que, pelo menos, o leitor/espectador confie no meu juízo.

por uma simples razão: quando as emoções estéticas são fortes, apetece-me que o maior número de pessoas delas partilhe; por isso escrevo sobre filmes.

Primeiro equívoco que urge desmontar: «Peggy Sue Casou-se» não é um regresso ao passado, uma viagem no tempo para recomeçar de novo. É verdade que Peggy Sue é transportada de um presente penoso para vinte e cinco anos antes, quando ainda seria possível decidir tudo. Só que — e aí está a primeira notabilidade do filme — Peggy Sue não volta para trás, é transportada, tal como é agora, para uma época anterior. A própria escolha de Kathleen Turner para a interpretar (ela é muito justamente incrível como adolescente) mostra que é disso que se trata. Todos a vêem como a finalista do liceu, menos ela e nós. É uma espécie de «flash back» bizarro (como o do velho professor

Borg de «Morangos Silvestres»), uma visita que só na aparência é uma segunda hipótese mas, na realidade, é uma introspecção terna e dramática ao tempo e à inexorabilidade. Os avós de Peggy Sue estão mortos e é como tal que ela os olha — com uma infinita saudade, um momento de magia que ela não pensa, nem por um instante, prolongável. Do mesmo modo, a sua relação com o futuro marido não é a de emendar o amor, mas de partir da constatação da sua inexistência de facto, para daí tentar outros rumos (só por miopia se poderá falar de «happy end» quando, no regresso ao presente, ela o reconquista; é, isso sim, um dos mais amargamente irónicos finais que um filme jamais teve). Igualmente, a aventura sexual de Peggy Sue com Michael é mais um desejo recalcado que se põe em acto que um princípio de «outra vida»; o amor que ela faz com o poeta é um hiato não é um rumo. E é esse lado desesperante (os horizontes que ela tem não se modificam com o regresso, logo a vida é imutável) que faz com que «Peggy Sue Casou-se» seja um filme embargado pela recusa de qualquer «féerie», de qualquer euforia; cromaticamente triste, de uma tristeza serena dada pelos tons pastel, socialmente fechado, sobra a este filme lucidez e desencanto e a força das emoções.

Nicolas Cage (que interpreta o marido de Peggy Sue) parece ser origem de outro equívoco para quem supõe estar ele no lugar do «rapaz» da fita. Outro engano: é

óbvio (ou então é preciso acreditar que Coppola ensandeceu) que a personagem de Charley está toda construída como a materialização de um erro. A primeira vez que o vemos (no anúncio da televisão) ele é o imbecil perfeito de uma estação de televisão de província, a sua aparição na festa confirma-o, tudo o que dele vemos no passado o comprova.

Simplesmente, ele gosta da «menina» e esse amor (que o espectador está interdito de empatizar) é algo com o qual nem Peggy Sue nem o filme sabem o que fazer. Trata-se de uma fatalidade, que faz pena (e a pena é a última coisa que se deve sentir por alguém...) mas é irremediável. Ora Nicolas Cage materializa essa personagem com tal inteligência que conseguimos achá-la repelente e tocante, a um tempo; e é esse o dilema de Peggy Sue.

Há ainda que referir o espantoso trabalho de cenografia deste filme, o cinismo encantatório com que Coppola filma (enterrando, sem remédio, todo o revivalismo sessentista e todo o lado evasivo que o cinema americano de hoje tanto preza — é sensorial que escolhe uma «viagem no tempo» para o fazer), a vitalidade magoada de Kathleen Turner, a fuga aos estafados «humorismos» que um tema assim propicia, o rigor com que a câmara se move para o essencial. Sibilamente trágico e gostando

das pessoas, este filme só é menor para quem já tiver a alma ossificada, os mesmos que não souberam ver em «One from the Heart» um dos mais apaixonantes filmes da História do Cinema, os que preferem o brilhantismo exibicionista de «Cotton Club» ao intimismo emocionado que é o melhor da obra de Coppola. É aí que se situa «Peggy Sue Casou-se».

FICHA:

Título original: Peggy Sue Got Married.

Realização: Francis Coppola (EUA — 1986).

Argumento: Jerry Leichtling & Arlene Sarner.

Fotografia: Jordan Cronenweth.

Cenários: Dean Tavoularis (production designer), Alex Tavoularis (art director), James Murakami (assistant art director), Marvin March (set decorator).

Música: John Barry.

Montagem: Barry Malkin.

Produção: Paul R. Gurian.

Interpretação: Kathleen Turner (Peggy Sue), Nicolas Cage (Charley Bodel), Barry Miller (Richard Norvik), Catherine Hicks (Carol Heath), Joan Allen (Maddy Nagle), Kevin J. O'Connor (Michael Fitzsimmons), etc.

Distribuição em Portugal: Columbia/Warner.

Cinemas: Ávila e 7.ª Arte.

Classificação: Para maiores de 12 anos.

Duração: 100 minutos.

Pequeno-almoço com Madalena Perdigão

Madalena Perdigão foi a personalidade convidada a tomar o «Pequeno-Almoço do Meridien» esta semana, na sequência dos encontros com a Imprensa, que aí têm vindo a ser realizados.

Falar de cultura e arte ao pequeno-almoço, entremeando-se a conversa com café com leite, «croissants», salada de fruta ou ovos mexidos, é quanto basta para que tudo se passe amavelmente, sem polémicas.

A programação — passada, presente e futura — do ACARTE foi o tema privilegiado, como o quis, aliás, a sua presidente, que veio documentada em relação às iniciativas «acartianas» dos últimos três meses e com algumas interessantes revelações sobre as actividades previstas para 87.

ACARTE

O ACARTE — Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Fundação Calouste Gulbenkian — tem revelado, desde a sua formação, uma enorme vitalidade e dinamismo, atestados na diversidade das suas propostas: cursos, colóquios, mesas-redondas, exposições,

«ateliers» e espectáculos vários (música, dança, teatro) ou a inter-relação das várias componentes artísticas e meios de expressão.

Alguns «segredos» permitem a este pequeno núcleo coordenador abarcar um leque tão vasto de iniciativas, que se traduzem numa amplitude temática igualmente extensa. Procuramos a colaboração com outras entidades, como as Embaixadas, por exemplo, que, por um lado conferem uma certa autenticidade ao projecto e por outro permitem aligeirar os encargos financeiros. Estas produções de actividades são, muitas vezes, extensivas ao Centro de Arte Moderna (lembremo-nos do ciclo de «Performances» paralelo à exposição «Diálogos» em 85, por exemplo) com quem partilham o espaço da Sala Polivalente, apesar de constituírem serviços autónomos.

Além desta política de associativismo cultural e artístico, o ACARTE escolhe, dentro da especificidade de cada projecto, uma pessoa competente para encabeçá-lo: tal foi o caso do ciclo sobre o «Fantástico», dirigido pela Dr.ª Maria Alzira Seixo ou o do «Imagário na Cidade», sob a orientação da Dr.ª Ivete Centeno

— para citar apenas dois.

Mas o mais fascinante do ACARTE, para Madalena Perdigão, está na possibilidade de receber continuamente projectos novos de artistas portugueses, de dar lugar à experimentação e à pesquisa, enfim, de poder correr e riscos. Entregar a encenação do «Amor de D. Perlímpim com Belisa e o seu Jardim», de Garcia Lorca a Nuno Carinhas, até agora responsáveis por cenários e figurinos, mas sem experiência no campo da encenação, foi um risco, mas é importante dar oportunidades! É em decorrência desta abertura que se vai realizar no próximo mês de Fevereiro um espectáculo intitulado «Le Travail du Peintre», com três jovens artistas: Mário Marques (contratador), Nuno Vieira de Almeida (pianista) e Pedro Calapez (pintor). Este espectáculo tem a particularidade de ter cenários reais, ou seja, os quadros monumentais concebidos especialmente para o efeito constituem verdadeiras obras de arte com «existência artística» para lá da «performance». Resta acrescentar que farão parte da referida apresentação três ciclos de canções de Ravel e Poulenc.

Dia 23 de Abril vai estreiar o «Ham-

let» de Shakespeare, retomando um antigo projecto de Carlos Avilez. Será organizado um Seminário e actividades paralelas, em que participarão actores e especialistas em Shakespeare, nacionais e estrangeiros. Esta iniciativa será em colaboração com o British Council.

Em Julho, à semelhança do que já várias vezes tem sido feito, o ACARTE organizará actividades em torno de uma efeméride: o centenário do pintor Amadeu de Souza Cardoso.

Uma iniciativa mais ambiciosa, apelando para o conhecimento mútuo das culturas europeias será levada a efeito entre os dias 11 e 19 de Setembro: o Festival Internacional de Teatro e Dança. «Não é um festival nos moldes habituais, em que participam as grandes companhias estatais. Procura-se antes dar a conhecer um Teatro Novo, mais lúcido e mais vanguardista; a consciência do movimento teatral europeu nos grupos pequenos», mas nem por isso menores. A ajudar a concretizar este projecto estão dois directores de Festivais Internacionais (um da Itália e outro da Holanda). Num Espaço de nove dias de actividades múltiplas (colóquios, mesas-redondas, espectáculos diver-

sos) serão explorados inúmeros espaços: os jardins, o Bar do Museu, o Grande Auditório, o Auditório ao Ar Livre e a Sala Polivalente, claro!

Mas, se o Festival Internacional de Teatro e Dança se restringe à Europa, tal não é efeito de um «eurocentrismo» que caracteriza tantas das nossas instituições culturais. Ademais, recordem-se as Jornadas Africanas ou o recente espaço consagrado à Venezuela. Como manifestação artística extra-europeias, teremos entre nós, entre 11 e 14 de Março, a celebríssima presença das marionetas chinesas, que atendem simultaneamente a outra preocupação do ACARTE, as crianças. A elas serão dedicados «ateliers», por alturas do Carnaval, onde, com a ajuda de monitores, poderão construir as suas máscaras.

Como o pequeno-almoço é refeição do início da manhã, e as actividades do ACARTE são imensas, já nem pudemos saber os projectos de outras duas associações das quais Madalena Perdigão é presidente: a APEM (Associação Portuguesa de Educação Musical) e o Conselho Português de Música. Talvez num próximo jantar, quem sabe!

PALAVRAS CRUZADAS. CRUZAMENTO PERIGOSO. ESPEREMOS O PIOR

Mário Castrim

O País é pobrezinho. O cidadão é pobrezinho. Dificilmente, pois, se poderia imaginar uma televisão que não fosse pobrezinha, sem carcanhóis sequer ao menos para mandar cantar um cego.

Aqui temos o quadro em que há longos anos nos movemos. Que, aliás, nem me atrevo a contestar. Reconheço que uma televisão privada não precisará de grandes massas se pretender apenas ganhar dinheiro (pelo que entrará em força no campo da mediocridade enlatada meidunusa) o mesmo contudo já não se passando com uma televisão que minimamente responda a um critério de inteligência e de cultura.

Mas se a pobrezinha justifica a ausência de programas de encher o olho, o mesmo não dirá, em termos absolutos, relativamente a uma certa qualidade de programas.

Quero eu dizer: podem-se fazer maus ou muito dióces grandes programas com muito dinheiro, e bons, inteligentes e populares programas com pouco dinheiro.

A regra deverá ser, investir o capital existente na qualidade e não na ostentação.

Simple material de eleições

Vejamos o caso de «Sim, senhor Primeiro-Ministro».

Programa estritamente de estúdio. Quase sempre o mesmo cenário onde nem sequer os objectos mudam de lugar. Uma pobreza franciscana. Não será por aqui, pois, que o gato vai às filhós.

O cenário é o estritamente indispensável para que a história aconteça lá dentro. Onde investiu a BBC? Investiu na qualidade do texto, na qualidade dos artistas e no apelo à inteligência para despertar um sentido crítico contro-

lado, ou seja, que não pusesse em causa a sociedade estabelecida na Inglaterra.

A máxima que orienta os roteiros assenta na convicção de que quem manda é a inércia social, representada no seu corpo burocrático, e que os políticos pouco importam. Resumindo: mesmo sem os políticos isto ia lindamente, e às vezes até ia melhor sem eles...

Nasce daqui a expressão «classe política», composta por aqueles indivíduos que fazem carreira por algo que pode assemelhar-se às relações públicas de uma classe: servem-na ideologicamente. Outros indivíduos orientam-se pela estruturação dessa classe: servem-na burocraticamente. Esta possui, em relação à primeira, a vantagem da sua estabilidade; os políticos, porém, podem influir-linhas a seu favor dentro do funcionalismo, em particular quando a noção de Estado, por qualquer razão, se desequilibrou.

A grande popularidade do programa na Inglaterra provou-se com a recente condecoração dos actores e criadores, dado pelo governo britânico. Não se trata de fair-play, de desportivismo, pois «yes» não é propriamente um inimigo. Será, de qualquer modo, um acto político: reconhecer a incomodidade, e premiá-la, já é diminuí-la.

E se «yes» não vai ao fundo das questões, uma coisa consegue: dar o desencanto e o descrédito de uma política para quem os cidadãos só contam como material... de eleições.

Nem tudo é mau, caramba!

As séries populares de baixo custo em

termos de realização, são uma tradição americana. Conhecem-se várias, não vale a pena citá-las.

Actualmente, temos «Uma família às direitas» tradução não muito feliz do original «Tudo em família». Cenário sempre o mesmo, rigorosamente o mesmo, nos mínimos pormenores: a sala de entrada, com a escada em frente que dá para os quartos, e ao lado a cozinha.

Histórias todos os dias diferentes, com o mesmo denominador: a luta contra o chauvinismo-racismo ianque. Archie (que extraordinário actor este Carrol O'Connor!) é típico ianque antitudo (negros, latinos, polacos, judeus, católicos...) com linha política bem definida: anticomunista, todo Nixon (as peças decorrem na era pré-watergate) inclusivamente suspeito de ligações a KKK.

O carácter anti-racista dos episódios é claro não apenas na história em si mesmo, mas nas reacções do público assistente que sempre aplaude as cenas positivas.

Aconselhamos os leitores a não perder esta série, não só dando atenção à qualidade de trabalho de O'Connor e de Jean Stapleton, como analisando as feridas de uma sociedade numa posição (não frequente em produção americana) de lutar contra elas.

E também para terem a impressão de que tudo o que vem dos Estados Unidos é mau...

Também não me parece que em Portugal a qualidade do produto seja directamente proporcional à massa. De alguns programas lhes irei falando. Aqui ficará, hoje, «As Fontes do Som» de António Vitorino de Almeida.

Aqui ficará, com tristeza, porque já acabou. Tanta amargura naquele FIM centrado no visor.

Aqui ficará a gratidão de quem nada mais pode dar em troca senão duas palavras abraçadas.

Aqui ficará com o lamento da reduzida audiência a que condenaram o programa.

Aqui ficará com o protesto pelos tormentos horários a que o condenaram.

Raras vezes um programa de António Victorino de Almeida me terá comovido tanto. Tudo em que ele tocou se transformou em poema, porque todas as suas palavras (mesmo quando foram directas e informativas, e abertamente informativas) vinham disparadas pela emoção. Ao falar de Bernardo Moreira de Sá, do seu imenso ecletismo, era afinal de si próprio que ele falava. Ele, escritor, compositor, regente de orquestra, pianista, realizador e apresentador de televisão...

Ele não se dispersa porque é pobre. Ao contrário: porque é imensamente rico e sabe administrar o seu tempo. Ei-lo que briga, com inigualável gozo e ferocidade, contra os mediocres que apenas fazem uma coisa, ou contra os alienados que só sabem fazer bem apenas uma coisa e nelas vivem encerrados.

Não há dispersão quando, em tudo o que se faz, existe um denominador comum: um olhar sobre a vida, a luta contra a indiferença, a consciência de que ser humano, é ser digno.

Quase palavras suas, nesta espécie de «defesa ou ataque» que foi o último programa de António Victorino de Almeida.

Uma sugestão: a qualidade de «As Fontes do Som» exige que elas voltem, em repetição, ao primeiro canal. Estudem lá isso, caramba. Bom e barato aconteceu, é um exemplo. Tragam as fontes aos espectadores do primeiro. Como prenda.

Palavras cruzadas: pobres palavras...

...E de repente, quando falávamos de rubricas de qualidade ao preço da uva

mijona, salta-nos pela proa um mastodonte que dá pelo nome de **palavras cruzadas**.

A TV Globo gasta nessas brincadeiras milhões de dólares. É vê-los a sair da burra, às mancheias. O produto é de grande qualidade, com seus grandes actores, grandes argumentistas, grandes realizadores. Torna-se assim possível a conquista de novos e bons mercados.

À nossa medida, também isto vai custar um balúrdio. Oxalá também gostasse um balúrdio. Hum...

Pois é. Os actores até podem ser bons (e alguns são); mas não são profissionais de telenovela, e nesse território comportam-se como execráveis amadores. Não dominam a linguagem de telenovela brasileira; mas como não se sabe o que é uma telenovela à portuguesa, o que eu penso é que, se isto é a telenovela à portuguesa, adeus minhas encomendas!

Ambientes prognósticos. Patuá cuá-cuá sem qualquer espécie de preocupação estética. Processos de contar arrancados à literatura de cordel. A «arte» de definir situações através de diálogos como quando o marido diz para a mulher:

— Sabes que temos de ir esperar ao aeroporto o nosso filho mais velho que vem de Paris...

Depois, há coisas que eu não entendo. Como é que havendo tantos e tão bons realizadores na RTP, se dá a um principiante, como Nicolau Breyner o encargo tão difícil?

Que provas até hoje deu ele para tarefa de tanta responsabilidade?

Trabalho altamente especializado, como criação e realização, entregue a amadores? Esperemos o pior. Oxalá me enganasse.

RODAPÉ



José Duarte

Jazz em CD (1)

Ele aí está, em força, o CD, o «Compat Disc», fácil na tradução, mas um bocadinho difícil de perceber. Tem 12 centímetros de diâmetro, pesa 16 gramas, tem biliões de alvéolos com 0,5 milésimos de milímetros e anda à roda à velocidade de 200 a 500 rotações por minuto, agora que elas tinham estabilizado em 45 ou 33 e 1/3 (?) depois de terem destronado as 78 e 16. Mas como o CD não funciona sózinho e quem é que funciona? foi também inventada uma unidade de raios laser para o ler e que dura, no mínimo, cerca de 5000 horas.

O resultado mais importante da vulgarização desta inovação tecnológica foi o ter aparecido outro C para dividir a história de parte da humanidade. AC e DC, antes e depois do Compacto, assim se divide a música gravada a partir destes anos 80. A numeração dos anos pode ficar a mesma, para que 2000 seja daqui a treze e o presépio ou é no Japão ou no tal vale da Califórnia.

Não contente com o que já de si é e provoca, uma espectacular melhoria na qualidade do som armazenado, o CD ameaça para breve deixar-se ligar ao vídeo e dar-nos imagens. Pequeno e levezinho, um CD pode arquivar sózinho uma enciclopédia. Mas todas estas alterações da ordem dizem respeito ao presente e ao futuro, porque do passado também o CD está a dar cabo. Não só um CD transporta sempre mais música do que um LP como reproduz a música antiga tal como ela era ouvida ao vivo. As reedições agora publicadas em CD incluem, regra geral, trechos inéditos dado o espaço disponível e, por vezes, recuperações surpreendentes que eram já causas perdidas. Nas

gravações de 1923 as cornetas de Oliver e Armstrong, que se não distinguem uma da outra, são agora perfeitamente identificáveis. Afinal o cone acústico captava bem o som, a reprodução é que era má. Isto para o Jazz é importante, porque do então o som chegou empastado e misturado, tão misturado que só se sabia que todos os músicos sopravam para o mesmo cone mas Armstrong, com 22 anos e uma invulgar potência de sopro, tocava uns passos atrás dos seus companheiros, a pedidos dos técnicos de som.

Embora o mercado discográfico português seja algo anárquico, tudo importa minha gente, sem se importar nada, é tempo de fazer um ponto às disponibilidades oferecidas pelos armazéns dos representantes. Este levantamento é necessariamente imperfeito porque a realidade de hoje não é a de amanhã (até nas prateleiras dos armazéns), porque há muito mais material disponível em lojas que praticam importação directa, porque os CD se esgotam à velocidade da sua rotação, embora sejam caros. Têm, no entanto, uma propriedade que muito os dignifica: podem ser emprestados sem tanta dor na consciência. Se os LP já eram de longa duração, os CD não só levam mais, como duram mais, porque não há contacto físico, logo desgastante, entre a fonte e o agente leitor, apenas um raio laser descodifica a linguagem digital, o que também propicia a eliminação dos ruídos, companheiros de tantos anos e que, por isso, chegavam a fazer parte da própria música. Saber quantos riscos, estalos e outros pequenos e médios acidentes no percurso sonoro (e onde rigorosamente se encontram) daquele histórico solo de Getz ou Flanagan, é obra só ao alcance de melómano super-especializado e/ou nas vésperas de internamento.

Acabaram-se assim os divertimentos e sofrimentos com os defeitos do material que a indústria não havia meio de aperfeiçoar.

Recolhi dados dos importantes (CBS, Polygram, DaCapo, Dargil e EMI/Valentim de Carvalho) cujos catálogos esgotam a oferta pelos canais de importação por representantes.

Não se pode dizer que em CD a oferta de Jazz seja abundante e com um leque reconfortante que vá desde a tal Creole Jazz Band de King Oliver até à dupla Ornette e Metheny, não. Por cá tudo se concentra, e ainda com maior significado do que nos LP, nas marcas representadas pela Dargil, que sendo importantes, não representam a diversidade do mercado mundial e a consequente informação alargada que falta ao jazz em Portugal em matéria de edições fonográficas. Vem a seguir a Polygram com as famílias Verve Emarcy, Phillips, que sendo catálogos clássicos, contêm várias preciosidades. A DaCapo surgiu com uma editora japonesa cuja distribuição se esgotou fulminantemente. Espera-se nova encomenda com mais títulos até porque essa Denon, por exemplo, celebrou o 50.º aniversário da banda de Count Basie com um CD que se adivinha sonoramente espectacular. A CBS com pouco mais de meia dúzia de títulos onde se encontra Miles Davis (o dos 80), hoje uma vedeta WEA. Da EMI/Valentim de Carvalho espera-se algo mais além dos escassos CD de parentes próximos do jazz, espera-se, pelo menos, os Blue Note, histórica etíquea que renasceu das cinzas com algum sucesso e agitação.

No próximo «Rodapé» analisarei mais em pormenor cada um dos catálogos.

"MULHER DO CAMPO" NO TRINDADE

Teatro, é isso, porque não vai esta noite assistir a um espectáculo teatral? a nossa proposta aqui vai:

No Teatro da Trindade, a Cornucópia continua a apresentação da peça «Mulher do Campo» de Wycherley. Com esta comédia inglesa dos finais do século XVII, este grupo, que habitualmente actua no Teatro do Bairro Alto (agora em obras de beneficiação), construiu um espectáculo divertido, truculento, comunicativo.

A dupla intriga em que assenta a peça, a do cavalheiro que se faz passar por eunuco para conquistar todas as mulheres da cidade e a do marido ciumento que se casa com uma mulher do campo para não ser enganado, são a base para uma série de situações cómicas, um constante jogo de palavras e de subentendidos brejeiros que acabam por construir uma imagem duma sociedade apodrecida, uma caricatura das relações sociais assentes em falsas normas de comportamento.

As personagens femininas, importan-

tíssimas no teatro deste período da história inglesa em que pela primeira vez foram representados por mulheres, são prodígio de malícia. Os homens, quase todos cornudos, esbanjam o tempo entre as idas ao teatro, à taberna, ao café e as conquistas amorosas.

Neste espectáculo de que vimos falando, que tem encenação de Luís Miguel Cintra e cenários de Cristina Reis, intervêm Rui Mendes, Ruy Furtado, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Raquel Maria, Márcia Breia, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, Rogério Vieira, Luís Lima Barreto e Luís Miguel Cintra. A tradução é de Manuel João Gomes.

A comunicabilidade do espectáculo é reforçada pela música de José Mário Branco tocada ao vivo por uma pequena orquestra.

Experimente ir ao Teatro da Trindade: vai ver que não dá o seu tempo por mal empregado. Se não puder ir mesmo esta noite, vá logo que possa. De qualquer modo, não perca.



Raquel Maria e Rui Mendes contracenam em «Mulher do Campo»

TEATROS

- Na Barraca - R. Alexandre Herculano, 70, de terça a sábado às 21,30, sábados e domingos às 16, a peça de Mrozek «Os Polícias», encenação de Helder Costa, com António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.
- Na Comuna, «Victor ou as Crianças no Poder», de Roger Vitrac. Encenação de João Mota, com Amélia Videira, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Carmen Mendes e Cecília Sousa, entre outros.
- No Nacional D. Maria II, «Guerras do Alecrim e Manjerona» de António José da Silva (O Judeu) com encenação de Carlos Avilez e interpretação de Rui de Carvalho, Igor Sampaio, Fernanda Borsatti, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maya, António Anjos e José João Duarte.
- Teatro da Trindade: a Cornucópia tem em cena «A Mulher do Campo» de William Wycherley. Encenação de Luís Miguel Cintra, com Rui Mendes, Júlia



«Os Polícias» na Barraca

Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria.

- No Teatro Municipal Mirita Casimiro, no Cazeiro do Estoril, o teatro Experimental de Cascais apresenta «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez e interpretação de João Paulo, Paulo B., Anna Paula, Carlos Freixo, António Marques, Santos Manuel, Fernanda Neves e Luiz Riso, entre outros.

- No Teatro do Século, às 22 horas, «Memórias de um Corpo» de José Figueiredo Martins, com encenação de Cunha Carvalheira com João Pedro Costa.
- No Maria Matos, «Isto É Maria Vitória», revista de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Com Eugénio Salvador, Delfina Cruz, Nicholson, Marina Mota e Carlos Cunha. Encenação de Ivone Silva.
- No Teatro ABC, a revista «Lisboa, Tejo e Tudo».
- No Teatro Variedades, «Aqui Há Fantasmas» - uma comédia de Henrique Santana, com Rita Ribeiro, Armando Cortês e Maria Helena Matos.
- No Teatro Villaret, «Sapateado» com Florbela Queirós, Manuela Maria e Octávio de Matos.
- No Teatro 1º Acto, em Algés, «Faça uma Cara In-

teligente e Depois Volte ao Normal» de Marcos Rey, do Grupo Teatro Espaço 2 do TEC.

- No Teatro Ibérico, a peça de Calderon de La Barca «A Vida É Sonho», com encenação de Blanco Gil.

LIVROS

- O poeta Fernando Fitas estará amanhã, dia 15, a partir das 18 horas, no Grupo Desportivo e Cultural da Fidelidade (R. José Estevão, 31 em Lisboa), numa sessão de autógrafos em que serão igualmente declamados poemas do seu último livro «Amor Maltês». Participam os actores Paulo Magalhães, do Grupo de Teatro «O Século», Isabel Medina, de «A Comuna» e a cancionista, radicada em França, «Chiquita», que é irmã do autor. Em simultâneo, será inaugurada uma exposição de pintura de António Jerónimo, autor das ilustrações de «Amor Maltês».

EXPOSIÇÕES

- Na Fundação Gulbenkian, inauguração esta tarde, pelas 18 horas, de uma exposição consagrada à Declaração Universal dos Direitos do Homem, por iniciativa da Delegação Europeia dos Professores. Os direitos universais, que não

escolhem raça, crença religiosa ou sexo, apresentam-se ilustrados por 30 artistas portugueses, alguns já consagrados, como são os casos de Júlio Resende, Gil Teixeira Lopes, Rui Paes, Helena San Payo, Manuel Dias, Domingos Pinho, Mário Bismark, Dourdil, Laranjeira Santos, Francisco Laranjo, Luís Demêe, Avelino Rocha, Matilde Marçal e Armando Passos.



O poeta Fernando Fitas

- Na Galeria Novo Século - R. do Século, 23 - de segunda a sábado, Joalharia de Ana Silva e Sousa.
- No Clube 50 - R. de S. Mamede ao Caldas - Pintura de Albertina Sousa de terça a sexta das 17,30 às 20,30, sábados das 15 às 20.
- Também no Clube 50, Ana Galvão expõe gravura no mesmo horário.
- Na Galeria «A Janela Verde», na R. do Olival, 9, uma colectiva até meio do mês.
- Na Galeria Ana Isabel - R. da Emenda, 111-2º - uma exposição de João Horgan. De segunda a sábado das 14 às 19.
- No Hotel Diplomático, uma colectiva de terça a domingo das 12 às 14,30 e das 18 às 22 horas.
- Na Galeria da Bertrand do Chiado, Nadir Afonso expõe Pintura.

- Na FIL continua patente a «Exposição Retrospectiva do Turismo Português», comemorativa do jubileu do turismo em Portugal, com o apoio da Companhia de Seguros Império. Esta exposição pretende recordar o Congresso Internacional de Turismo, realizado em Lisboa em 12 de Maio de 1911, reunião que é considerada primórdio da actual

CONFERÊNCIAS

- Na Fundação Gulbenkian a segunda conferência de John Fox, director do Welfare State, sobre «Um Modelo de Teatro Celebrativo nos Anos 80», com início às 18,30. O título genérico destas conferências é «Arte da Celebração e Transformação Social». Elas destinam-se a elucidar o público português sobre os motivos intrínsecos da filosofia e prática da companhia inglesa de teatro Welfare State, que vem realizar em Portugal, nos meses de Março e Abril, o «Atelier da Primavera».

CINEMAS

- Continuando o ciclo «O Cinema Português Nunca Visto», é esta tarde exibido (18 horas) no auditório



Revista no ABC: Natalina José, Ca macho Costa, Paulo César e Alexandra Solnado



«Faça Uma Cara Inteligente e Depois Volte ao Normal», no Teatro 1º Acto em Algés

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

A MISSÃO
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Alfa 2

RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24 h

**TOP GUN — ASES
INDOMÁVEIS**
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

**A DIFÍCIL ARTE DE
AMAR**
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa Club

**RAN — OS SENHORES DA
GUERRA**
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 00.15 h

Shopping Center
de Lisboa

**QUARTO COM VISTA
SOBRE A CIDADE**
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15

Amoreiras 2

**E.T. — O EXTRA
TERRESTRE**
(para todos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 3

**RAN — OS SENHORES DA
GUERRA**
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4

RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

**HOWARD O DESTINO
DO MUNDO**
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Apolo 70

**POR FAVOR MATEM A
MINHA MULHER**
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24.00 h

Ávila

— T. 539930

PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e
23.45 h

Avis

— T. 547163

LOUCURA SEXUAL
(Int. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

**E.T. — O EXTRA
TERRESTRE**
(para todos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Capitolio

— T. 372358

PROSTITUIÇÃO E DROGA
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e
23.00 h

Castil

T. 530194

ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

**POR FAVOR MATEM A
MINHA MULHER**
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
VIVA DJANGO
(m. 16 anos)
(24.00 h)

Cinebolso

DESFLORAÇÃO II
(Porno)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e
21.30 h

Cine Camões

T. 324194

JOY — MULHER DE LUXO
(m. 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

OS AMIGOS DE ALEX
(n. acons. m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

DUELO IMORTAL
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

GRANDE HONRA

(m. 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

EMMANUELLE 4
(int. m. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O ENCONTRO
(m. 16 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

**ALIENS — O
REENCONTRO FINAL**
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

PRISÃO DE MULHERES
(int men 18 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

**OS CARRASCOS NUNCA
MORREM!**
(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h
Estúdio AC'S

**UM HOMEM E UMA
MULHER VINTE ANOS
DEPOIS**
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

**À VOLTA DA MEIA-
NOITE** (m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

**HIGHLANDER — DUELO
IMORTAL** (m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

**A DIFÍCIL ARTE DE
AMAR** (m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

**ERA UMA VEZ NA
AMÉRICA**
(m. 16 anos)
15 e 21 h

Forum Picoas

— T. 541037

Das 9 às 5
(n/acons. a m. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

RATO BASÍLIO
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

**ALIENS — O RECONTRO
FINAL**
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

ANA E AS SUAS IRMÃS
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19, 21.30 e
23.45 h

Imperio

**OITO MILHÕES DE
MANEIRAS PARA
MORRER**
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

**ALIENS — O
REENCONTRO FINAL**
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

**AVENTURAS DE JACK
BURTON NAS GARRAS
DO MANDARIM**
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

**AVENTURAS DE JACK
BURTON NAS GARRAS
DO MANDARIM**
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

**QUARTO COM VISTA
SOBRE A CIDADE**
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

**RAN — OS SENHORES DA
GUERRA**
(m. 12 anos)
15, 18 e 21 h

Nimas

— T. 574362

**LEMBRAS-TE DA
ÚLTIMA NOITE**
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

**HOLOCAUSTO NUM
CAMPO NAZI**
(m. 18 anos)
14.30, 16.45 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

O DEBOCHE TOTAL
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

NOITES ESCALDANTES
(m/18 anos)
14.00 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

EMMANUELLE 4
(int. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

**BETTY BLUE — 27.º 2 DE
MANHÃ**
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
**QUERELLE — UM PACTO
COM O DIABO**
(m. 16 anos)
23.45 h

**À VOLTA DA MEIA-
NOITE**
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19 e 21.30 h
O ESTADO DE GUERRA
24 h

**NOVA IORQUE FORA DE
HORAS**
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
**IDENTIFICAÇÃO DE
UMA MULHER**
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 4

O PASSAGEIRO DA NOITE
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
**007 — OPERAÇÃO
TENTÁCULO**
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma

T. 889192

PRISÃO DE MULHERES
(m. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

**A ESPADA DOS
VALENTES**
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

A MISSÃO
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

**E.T. — O EXTRA
TERRESTRE**
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e
21.30 h

Sala 3

**HOWARD O DESTINO
DO MUNDO**
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
14.45, 17, 19.00, 21.45 e
23.45 h

Star

— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

**OITO MILHÕES DE
MANEIRAS PARA
MORRER**
(m. 6 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

RATO BASÍLIO
(falado em português)
(m. 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O CARRO DE COMBATE
(m/12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmanã

— T. 880808

**OFICIAL E
CAVALHEIRO**
(m. 6 anos)
15.30, 18.15 e 21 h

Xenon

T. 368480

**AS AVENTURAS DE
JACK BURTON**
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

**Exibição permanente de
filmes indianos**
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro
— «Kalidor — a lenda talis-
mã», às 15.30 e 21.30 h (m.
12 anos)

AMADORA — Cinestúdio
— «Invasão U.S.A.», às
15.30 e 21.30 h (m. 18 anos)
AMADORA — Babilónia
— «Lembras-te da última noi-
te», às 15.15, 18.30 e
21.30 h (m. 6 anos)

**CACÉM — Cinestúdio Flo-
res** «Um vagabundo na alta
roda», às 15 e 21.30 h (m. 12
anos).

**ALGUEIRÃO — Cine Tea-
tro Chaby** — «A Missão»,
às 21.30 (m. 12 anos)

**SANTO ANTÓNIO DOS
CAVALEIROS — Cine St.º**
António — «Banana Joe»,
às 17 e 21.30 h (m. 16 anos)

**MEM MARTINS — Estú-
dio Dois Eme** — «Betty Blue
37.º e 2 de manhã», às 15.30
e 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril
— «Howard e o destino do
mundo», às 17 e 21.15 h
(maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000
— «Jackals, o Mensageiro da
Urugance», às 15.30 e
21.00 h (m. 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra
— Sala 1 — «Conan e os
Bárbaros», às 14.15, 16.30,
18.30 e 21.30 h (int. 13
anos)

Sala 2 — «Betty Blue — 37.º
e a da Manhã», às 15.30 e
21.45 h (m. 16 anos)

**CARCAVELOS — Atlânti-
da Cine** — «Duelo Mortal»,
às 15.30 e 21.30 h (m. 12
anos)

CASCAIS — Miramar
— Sala 1 — «Aliens — O Re-
encontro Final», às 15.15,
18.15 e 21.15 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «As Aventuras de
Jack Burton nas Garras do
Mandarim», às 15.30 e
21.30 (m. 12 anos)

CASCAIS — Oxford
— «Um Vagabundo na Alta
Roda», às 16 e 21.30 h (m.
12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia
— «Duelo Imortal», às 15.30,
e 21.30 h (m. 132 anos)

**ALMADA — Incrível Al-
madense** — «Campeões de
Natação», às 15.30 e
21.30 h (m. 13 anos)

ALMADA — Cinestúdio
— «Assalto ao Parque», às
15.30, 18.15 e 21.30 h (m.
12 anos)

**COSTA DE CAPARICA —
Oceano — Sala 1** — «A Mis-
são», às 15.45 e 21.30 h (m.
12 anos)

Sala 2 — «FX — Efeitos mor-
tais», às 16.15 e 21.45 h (m.
12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio
Barreirense — «Howard e o
Destino do Mundo», às 15 e
21.15 h (m. 12 anos)

**LINDA-A-VELHA — Cine-
tropical** — «Nova Iorque
fora de horas», às 16 e
21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel
— «Aventura alucinante»,
às 15.30 e 21.30 (m. 6 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema
Lord — «Nova Iorque fora
de horas», às 16 e 21 h (m.
12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— **ALAMEDA - FONTE LU-MINOSA:** Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 882070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE:** São José, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIXA:** Internacinal, R. do Ouro, 228-230 (T. 322017); **BEATO:** Grijó, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **BEN-FICA - CHARQUINHO:** Macedo, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CALVÁRIO:** ALCANTARA: Calvário, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CHELAS - JUNTO À AVE-NIDA DR. AUGUSTO DE CASTRO - CARRIS:** Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **ESTRELA - POSSIDÃO DA SILVA:** Tagus, R. Possidão da Silva, 162-A (T. 669485); **LAPA - SANTOS:** Eduardo A. César, R. das Trinas, 102-A (T. 662631); **LUMIAR:** Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **SALDANHA:** Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **CARNA-XIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **COLINA DO SOL - BRANDÃO - AMADORA:** Vidal Reis, Urbanização Alfomelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS:** Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 981139); **PONTINHA:** Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AMOREIRAS - ESTAÇÃO DA CARRIS:** Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **CAMPO DE OURIQUE:** Por-firio, R. Francisco Mettrass, 59-B (T. 663349); **CHILE - ARCO DO CEGO:** São Jorge, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **GRAÇA:** Almeida Dias, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **JERÓNIMOS:** Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LARGO DO CAMPO PE-QUENO:** Miranda, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **OLIVAIS VELHO:** Olivaís, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVA:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **SÃO BENTO - PA-LÁCIO:** São Bento, R. Poiais de São Bento, 73 (T. 601673); **BU-RACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — AL-MADA: Galeno, R. Capitão Lei-tão, 85-B (T. 2760565). Perma-nente; **COVA DA PIEDADE:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Out-ubro, 62 (T. 2750121). Perma-nente; **MONTE DE CAPA-RICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CA-PARICA:** Higiénica, Av. da Re-pública, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **FELJO:** Feijó, R. Bor-ges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LA-VRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 243126). Até às 19 horas; **BAR-REIRO:** Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Perma-nente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 ho-ras; **CRUZ DE PAU:** Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, Centro Comercial Belsul (T. 2243143).

Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES:** Central, E. Na-cional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO:** São Pedro, Av. de Camões, 16 (T. 231133). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **AL-COCHETE:** Gameiro, L. An-tónio dos Santos Jorge, 15 (T. 2340160). Até às 19 horas; **SE-TÚBAL:** Soromenho, R. Ma-chado Santos, 24 (T. 22691). Perma-nente; **Cunha Pinheiro:** E. da Canarinha, 32 (T. 29215). Perma-nente; **Marques:** R. Aron-ches Junqueiro, 109 (T. 22783). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — AL-GÉS: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17 (T. 2114487). Perma-nente; **LINDA-A-VE-LHA:** Pinto, R. Antero de Quen-tal, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Fer-reira Bastos, R. D. Firmino Re-belo (T. 2421015). Até às 22 ho-ras; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE AR-COS:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Perma-nente; **OEIRAS:** Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Perma-nente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Sil-veira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAEDE:** Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Perma-nente; **MURTAL:** Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOIEIROS:** Ama-ral Semblano, Quinta das Encos-tas, (T. 2461312). Até às 22 ho-ras; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA:** Madeira, R. A (T. 2466326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vi-venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL:** Ostende, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Perma-nente.

Linha de Sintra — AMA-DORA: Nunes, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Perma-nente; **Soares Correia:** E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Perma-nente; **Solla:** loja D, lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUE-LUZ:** Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Flores, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM:** Quínia, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Perma-nente; **MEM MARTINS:** Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Perma-nente; **MER-CÊS:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA:** Dumas Brousse, C. da Rinchoa (T. 9260404). Até às 22 horas; **SIN-TRA:** Marrazes, L. D. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Perma-nente; **COLA-RES:** Abreja (T. 9290088).
Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 7775-A (T. 2518918). Até às 22 horas; **SACAVÉM:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 2514369). Perma-nente; **LOURES:** Saraiva, Av. da República, 86 (T. 9830027). Perma-nente.

TEATROS

ABC
Parque Mayer — Tel. 36 57 54
De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Istoril — Teatro Mirita Casimiro
Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Intérpretes: João Vasco, Paulo B., Ana Paula e António Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2
P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«**VICTOR — OU AS CRIANÇAS NO PODER**», de Roger Vitrac. Encenação de João Mota. Intérpretes: Amélia Videira, Alfredo Gonçalves, Almeno Brisos, Carlos Paulo, Carmen Marques, Cecília de Sousa, entre outros.

Teatro Nacional D. Maria II
P. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10

Sala Garrett

De terça a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA**», de António José da Silva («O Judeu»). Encenação de Carlos Avilez. Com: Rui de Carvalho, Manuel Coelho, São José Lapa, Catarina Avelar, Henriqueta Maia, e outros.

Maria Matos
Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**», de Henrique Santa-na, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eu-génio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Centro de Arte Moderna
— **Sala Polivalente**

R. Dr. Nicolau Betencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª, 6.ª e sábado, s 21. domingo, às 15.00

«**AMOR DE D. PERLIMPIM COM BELISA E SEU JARDIM**», de Garcia Lorca. Encenação de Nuno Carinhas. Interpretação de Anamar, António Pires, Isabel Alarcão, José Wallenstein, Luís Madu-reira e Luísa Cruz.

Teatro Villaret
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**SAPATEADO**», de Richard Harris. Versão portu-guesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva. Intérpretes: Flórela Queiroz, Octávio de Matos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Magda Cardoso, Luísa Barbosa, Manuela Carlos, Rosa do Canto e Fernanda Oliveira.

Teatro de O Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«**MEMÓRIAS DE UM CORPO**», de José Figuei-reiro Martins. Encenação de Cunha Carneiro. Inter-pretação de José Figueiredo.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20 412
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**O JOGO DO AMOR E DO ACASO**», de Mari-vaux. Pelo Grupo «Os Comediantes». Encenação: João Paulo Costa. Intérpretes: Eduardo Gomes, João Cardoso, João Paulo Costa, Óscar Branco, Rosa Qui-roga e Teresa Nunes.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00
De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**OS POLÍCIAS**», de Lrozeck. Encenação de Hélder Costa. Intérpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tomar e Teresa Faria.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**A VIDA É UM SONHO**», de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soro-menho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00
De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, só às 16.00

«**A MULHER DO CAMPO**», de William Wy-cherley. Pelo Teatro da Cornucópia. Intérpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gil-berto Gonçalves, Luís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37
Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

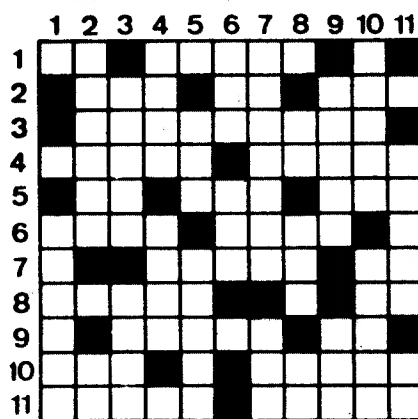
«**AQUI HÁ FANTASMAS**», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 932

HORIZONTAIS:

- Preposição e artigo. Demónio. Conjunção.
- Nome de mulher. Bário (s.q.). Língua negro-africana grupo voltaico, falada em Leo e na região do Sul.
- Acoitaram.
- PENNSULA MONTA-NHOSA DA Arábia, entre os golfos do Suez e de Acaba. Classes.
- Duzentos em romano. Mate-mática. Irmã da mãe.
- Filho de Loth. Guarda segredo.
- Freguesia do concelho de Gui-mariães. Nota musical.
- Orquídea brasileira. Preposi-ção e artigo.
- Véu com que as mulheres mouriscas cobrem a cabeça. Duas consoantes desiguais.
- Nome de letra. Recues.
- Nome de flores. Osso do braço.



VERTICAIS:

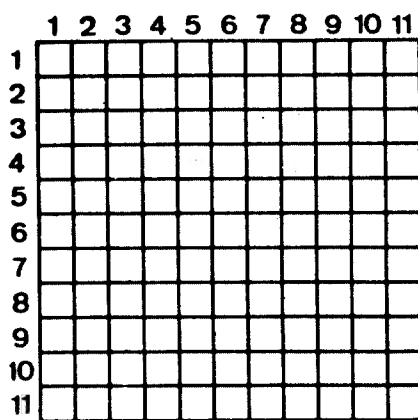
- Nome de letra. Esposa.
- Relativo a oásis. Nome de Buda, na China.
- Jamais. Pronome pessoal (compl).
- Concederá. Um dos Estados do Brasil.
- Viscera dupla. Inulgares.
- Falda. Ferro temperado.
- Vasilha onde se bate leite para fabrico de manteiga (pl). Ilha da Polinésia.
- Gênero de palmeiras do Brasil. Pêlos de certos animais. Cen-tímetro (abrev).
- Culpa. Pronome relativo.
- Despovoai. Executar.
- O mesmo que mandrião (ave). Boro (s.q).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 761

HORIZONTAIS:

- Balança chinesa. Assassinem.
- Vai pelo ar com grande veloci-dade. Nesse lugar. VI.
- Cidade de França. Calcular.
- Vassourar o forno depois de aquecido. Campo inculto.
- Equipam. Roldanas dos guin-dastes das proas (naut).
- Olé.
- Unta de mais.
- Cidade de Espanha. Serra de Portugal.
- Lábios. Pastor siciliano, que foi amado por Galateia.
- Sufixo que designa pequenez. Pronome possessivo. Anel.
- Cidade da Suíça. Chuvisco (Bras).



VERTICAIS:

- Avarenta. Pássaro do Brasil.
- Enrubescera. Consagra.
- Conjunto das odaliscas que constituem o serrallo. Nicar.
- Arara. Pronome pessoal.
- Conjunção. Mamífero ameri-cano afim da corça. Pronome pessoal.
- Lutécio (s.q). Despido.
- Punhado. Fome. Prata (s.q).
- Encolorizar. Irmã da mãe.
- Cruel. Cingir.
- Prendias com as gavinhas. En-guia.
- Observas. Esmonca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 931

HORIZONTAIS:

- ONDE. NAO. HA.
- Carona. Piar.
- Ad. Laos.
- Rabi. Acama.
- Abada. Rias.
- Rábanos.
- Mar. Cs.
- Ocarina. Avô.
- Rodamos.
- Tramamas. Ut.
- Soror. Fic.

VERTICAIS:

- Ocara. MORTE.
- Nadab. Açor.
- Dr. Barradas.
- Fórida. Rumo.
- Na. Abcarr.
- NAO. Neco.
- Sa. Amar.
- Op. Croa. Os.
- Irais. As.
- HA. MA. CV. U!
- Arras. MORTE.

PROVERBIO: Onde não há morte, não há má sorte.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 760

HORIZONTAIS:

- Adega. Coifa.
- Mal. Sal. Aru.
- Am. Atar.
- Raras. Apega.
- Arara. Lesas.
- Ida.
- Limaram.
- Aroma. Amiga.
- Doia. Eras.
- Acr. Mia.
- Bragança. VA.
- Amara. Nadab.
- Dá. Ata. Roer.
- Elara. Loira.
- Mar. Imã.
- As. Saima. Ba.
- Am. Dá.
- Cl. Alara. MC.
- Ape. Meia.
- lats. Mira.
- Fragas. Ga.
- Auras. Massa.

VERTICAIS:

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estádio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz de Roma; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.00: Música barroca; 16.03: Música do século XX; 17.00: Integrais; 17.30: Música de todos os quadrantes; 18.00: Seis momentos musicais, de Schubert; 18.40: Seis motetes, de Orlandus di Lassus; 19.15: Alfa e omega; 20.00: Concerto, para violoncelo e orquestra, de Dutilleul; 20.40: A voz de Roma; 21.00: Trio, em lá menor, op. 50, de Tchaikovsky; 21.50: Adagio, em mi maior, K. 261, de Mozart; 22.00: Histórias de música e... outras; 22.30: Valsas, op. 52, de Brahms; 23.00: Intercâmbio musical; 00.25: Música, de Haydn e Chopin; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RADIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo 13.00: Sopa dourada; 14.00: Peça-nos em directo; 15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

12.05: Pentagrama; 12.30: Bola branca; 13.00: Onda; 13.30: Encontro para dois; 14.00: Meia-tarde; 15.00: Rádio da cidade; 18.0: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Bric-à-brac; 23.00 Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando

«A Família do Lago», «O Anel Mágico» e «Calimero»

18.50 - Par ou Impar

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Vamos Jogar no Tótopola

20.20 - Palavras Cruzadas

3º Episódio: - Margarida vai à festa e Francisco apresenta-a como sua noiva a João. Joana tem boas notícias sobre o estado de saúde do pai, o que anima Anabela. Mina vai buscar Oscar à drogaria para irem jantar, enquanto continua a festa em casa dos Salgados. No escritório Filipe e Simão conversam, enquanto Paulo escuta. Simão acusa Mário de sabotagem e Filipe põe reservas às críticas duras de Simão. Helena vende as jóias a uma amiga. Lurdes segue para a sua aldeia natal à procura da família.

21.05 - Lotação Esgotada

«Telefone»: - O agente Nikolai Dalchinsky, do KGB, desapareceu da sua residência em Moscovo. Enquanto o general Strelsky o procura, ele está já nos EUA, pondo em marcha, um plano de sabotagem que as autoridades soviéticas já tinham abandonado: agentes colocados em todo o país, mobilizados a partir de um mecanismo de hipnose desencadeado a partir de uma simples chamada telefónica, começam a sabotar instalações civis e militares americanas. Convocado de urgência, o agente Grigori Borzov recebe a missão de pôr um fim rápido a tão preocupante situação - as actividades de Nicolai podem desencadear uma guerra nuclear...

Interpretes: - Charles Bronson, Lee Remick, Tyne Daly, Alan Badel, Patrick Magge, Donald Pleasance.

Realizador: - Don Siegel

22.55 - 24 Horas

23.25 - Remate



No 2º canal, às 20.30, «Uma Família às Direitas»



No 1º canal às 20.20, a telenovela portuguesa «Palavras Cruzadas», 3º episódio



15.15 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

Entrevista com César Torres

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

19.00 - Nino Show

20.00 - Notícias

20.05 - 5ª Dimensão

67º Episódio: - «... Viajamos noutra dimensão, não só de luz e som, mas também de espírito. Por uma terra maravilhosa cujos limites são a imaginação.»

20.30 - Uma Família às Direitas

42º Episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Manon

(Bailado em 3 actos) - A completar a homenagem dedicada ao grande coreógrafo britânico Kenneth MacMillan - iniciada pela RTP-2 no passado mês de Outubro com a transmissão do bailado «Isadora» - a RTP transmite outra obra-prima do referido coreógrafo: Trata-se do bailado «Manon», com música de Jules Massenet e

interpretado pelo Royal Ballet. São solistas Jenniffer Benney e Anthony Dowell.

O maestro Efhley Lawrence dirige a Orquestra do Royal Opera House.

23.20 - E de Ler

«Filhos da Estrada e do Vento» de M. João Pavão Serra

AMANHÃ

RTP-1

18.02 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.55 - Europa Especial
21.50 - Telemundo
22.20 - Kane e Abel
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP-2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Músic Box
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.35 - A Quinta do Dois
23.30 - E de Ler

AOS CONDUTORES

"As crianças devem ir sempre no banco da retaguarda dos automóveis, e ao saírem devem fazê-lo sempre do lado do passeio."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

Lotação Esgotada

Manon

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

Palavra Cruzadas



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

A corveta da Marinha de Guerra portuguesa «Jacinto Cândido» recolheu três balsas e uma baleeira do navio filipino que ontem naufragou ao largo da costa portuguesa, mas nelas não se encontrava qualquer sobrevivente. As cinco embarcações já tinham sido localizadas por um avião da Força Aérea portuguesa que forneceu as informações à corveta, para chegar agora à sua posição.



Com «Volante Verde»

António Ramos Rosa recebe Prémio Nicola de Poesia/86

António Ramos Rosa recebeu o Prémio Nicola de Poesia de 1986, com o seu livro «Volante Verde», editado pela Moraes Editores.

O Prémio, que foi concedido em 85 pela primeira vez o João Miguel Fernandes Jorge, gratificando o seu «Tronos e Dominações», teve agora a expressão material de 200 contos, dobrando a quantia recebida por aquele jovem poeta.

O júri desta iniciativa do Café Nicola foram João Rui de Sousa, Fernando Assis Pacheco, João Miguel Fernandes, Jorge e Miguel Esteves Cardoso, prevendo-se que o Prémio venha a ser entregue a António Ramos num jantar a combinar na próxima semana.

Recorde-se que o autor de «Volante Verde» já recebeu outros prémios pela sua poesia, nomeadamente do Pen Clube e da secção portuguesa da AICLA (Associação Internacional de Críticos de Literatura e Arte), tendo já recusado um, o que lhe concedeu o SNI (Serviço Nacional de Informação) nos tempos da velha senhora, por uma questão de sensibilidade e coerência.

Entretanto, António Ramos Rosa continua a escrever, no prosseguimento da sua já abundante obra.

Bebé português nasce com anticorpos da SIDA

Uma criança nasceu há cerca de duas semanas com anticorpos da sida, numa maternidade de Lisboa, constituindo o primeiro caso do género conhecido em Portugal.

Trata-se, tanto quanto foi possível apurar, de uma filha de um marinho, na qual foram detectados anticorpos da sida, sendo por enquanto imprevisível se ela virá ou não a ter a doença, ou se passará apenas a ser um portador.

«Uma criança nessas condições pode ou não vir a ter sida, só o tempo o dirá», nos termos de uma declaração de um especialista, a propósito deste caso.

Este novo e inédito caso, em Portugal relança a questão da doença entre nós. Assim, deve assinalar-se que até 30 de Setembro último tinham sido registados, em Portugal, 40 casos, dos quais já tinham morrido, naquela data, 20 pessoas.

Contudo, segundo a Lusa, um outro boletim do Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis do Instituto Ricardo Jorge deverá sair ainda este mês, acrescentando mais alguns casos à lista conhecida, com referência a Setembro.

Mas, segundo um informador do Instituto Ricardo Jorge, esses novos elementos «não constituem nada de alarmante», justificando que «Portugal ainda está na cauda da Europa quanto à sida».

Entre os casos já conhecidos figuram vários casos de morte registados com particular incidência no Hospital Curry Cabral, em Lisboa, sendo a maioria deles indivíduos homossexuais ou bissexuais, exactamente os considerados de alto risco no que se refere a esta afecção.

Entre eles contam-se os casos de um jovem de 24 anos, toxicómano, que viajava com frequência a Espanha, um homem de 46 anos, heterossexual, natural e com contactos em Cabo Verde, um jovem de 17 anos, hemofílico, tratado em França até 1984, e um homem de 35 anos, heterossexual, que contactou prostitutas no Zaire.

Em Portugal, segundo os especialistas, a percentagem de sida ainda é baixa, comparativamente a outros países da Europa. Ou seja, temos registados 3,9 casos de sida por milhão de habitantes, contra os 26 da Suíça, e mesmo os 5,6 por milhão da Espanha.



JANOS KADAR, dirigente da Hungria, vem impulsinando medidas e promoções pessoais tendentes ao rejuvenescimento das equipas directivas do apertado e do Estado. Como sucede na União Soviética, também na Hungria, prosseguem remodelações, substituições e promoções. Istvan Hetenyi, ministro das Finanças, de 61 anos, foi substituído por Peter Medgyessy, um economista de 44 anos. A direcção do Plano passa para Laszlo Maroth, engenheiro agrícola, membro do Bureau Político, de 44 anos que é vice-primeiro ministro. No partido, um economista de 38 anos, Miklos Nemeth, assumiu a chefia do departamento de política económica do Comité Central.

MARIO SOARES vai convidar o sultão do Estado do Omã a visitar oficialmente Portugal - soube a agência Lusa de fonte oficiosa. O Chefe de Estado vai convidar o sultão através de uma carta que o ministro da Educação vai levar quando esta semana se deslocar àquele país árabe do Golfo Pérsico. João de Deus Pinheiro visitará oficialmente o Omã em resposta a um convite efectuado pelo seu homólogo em 1985.

ORLANDO RIBEIRO, catedrático aposentado da faculdade de Letras de Lisboa, continua a ensinar Geografia, publicando, reeditando. Numa edição da Livraria Sá da Costa, saiu agora, refundida e muito ampliada, uma 4ª edição de uma obra fundamental de mestre Orlando Ribeiro: «Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico». Obra de síntese que, como sucede com outros estudos e investigações do autor a braços com a Geografia e a História: «a primeira capta a expressão de paisagens, a

segunda a génese e duração dos seus elementos».

MARIA BETHANIA canta o seu último álbum «Dezembro» de 13 a 16 de Fevereiro em Lisboa e de 18 a 20 no Porto no início de uma digressão mundial. Antes de chegar a Portugal, a cantora brasileira está em Espanha para gravar programas para a rádio e para a televisão. «Dezembro», que será editado no nosso País no fim deste mês, já vendeu mais de 500 mil cópias no Brasil, segundo anunciou o jornal «O Globo».

FRAUSTO DA SILVA e Alexandra Costa Gomes, dois químicos portugueses foram ontem condecorados pelo embaixador da França em Lisboa pelo trabalho desenvolvido para a aproximação franco-portuguesa, respectivamente com a Legação de Honra e a Ordem de Mérito. Na cerimónia realizada na galeria da Embaixada francesa, a que estiveram presentes Mário Soares e a esposa, o embaixador Georges Egal sublinhou que os dois químicos portugueses, sendo «peritos nas mutações da vida, souberam ser fieis a princípios».

1.º Ministro de Marrocos em Portugal

O reforço da cooperação bilateral de Marrocos com Portugal foi defendido ontem pelo primeiro-ministro marroquino, Azeddine Laraki, que se encontra de visita oficial a Portugal. O chefe do governo marroquino, que falava no jantar que lhe foi oferecido por Cavaco Silva, reafirmou o interesse do seu país em aderir à CEE.

«Oferecem-se numerosas possibilidades de cooperação bilateral; outras poderiam concretizar-se com parceiros da nossa subregião, constituído o princípio de uma cooperação regional aberta a países amigos europeus e africanos», afirmou Laraki.

O primeiro-ministro português, Cavaco Silva, que considera «ser chegado o momento de traduzir em realizações concretas o clima de simpatia e a atmosfera de amizades existentes», afirmou que a visita de Laraki «é bem a prova de igual determinação do Governo a que preside». Depois de destacar a «importante componente económica» da delegação marroquina, Cavaco Silva disse que existem possibilidades de se aumentarem as trocas com Marrocos e defendeu o incremento de uma «adequada cooperação» em sectores como o turismo, a pesca, o desenvolvimento industrial e entre confederações e associações de empresários. «A tradição universal de Portugal e dos portugueses deve constituir, para Marrocos, uma garantia de que tudo faremos para aproximar ainda mais a Europa do mundo», pelo que «Portugal apenas pode encerrar com simpatia a aproximação de Marrocos à Europa».

Passaportes e cheques falsos dão prisão para portugueses

Quatro portugueses, entre os quais uma mulher, foram ontem detidos no aeroporto de Francoforte, ao tentarem trocar 500 cheques de viagem falsos, no valor de cerca de cinco mil contos.

Segundo uma fonte policial alemã, na viatura de um dos indivíduos foram ainda apreendidos 20 passaportes belgas em branco, carimbos e selos oficiais, presumivelmente furtados de uma repartição belga.